

*Sintonizando*  
*Uma Trajetória*

*Joselito Lucena*

entre as representações de si e o  
radiojornalismo esportivo de Campina Grande-PB  
(1950-2011)

---

**SINTONIZANDO UMA  
TRAJETÓRIA:  
JOSELITO LUCENA, ENTRE AS  
REPRESENTAÇÕES DE SI E O  
RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE  
CAMPINA GRANDE – (1950-2011)**

---



---

## Editor

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

## Conselho Editorial

Luíra Freire Monteiro  
Flávio Carreiro de Santana  
Emerson M. Alves Silva

## Conselho Científico

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (IHCG)	Maria Liége Freitas Ferreira (UFCEG)
Eliton S. Medeiros (UEPB)	Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHGB)
Flaubert Barros Leira (HCGP)	Lucira Freire Monteiro (UEPB)
Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)	Luíra Freire Monteiro (UEPB)
Glauber Paiva da Silva (UFPE)	Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)
Hélio de Sousa Ramos Filho (UEPB)	Maria de Lourdes Lopo Ramos (UEPB)
Hilmária Xavier Ribeiro (NUPEHL)	Maria Ina Stenmüller (IHCG)
Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)	Thomas Bruno Oliveira (IHGP)
João Pereira Silva Neto (IHLS)	Thuka Kércia Moraes de Lima (MDCG)
José de Sousa Pequeno Filho (HSE)	Yanderlei de Brito (IHCG)
Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)	Vicentina Ramires (UFRPE)

## Conselho Científico

Designer gráfico	Emerson M. Alves Silva
Capista	George Tenório Pinto
Revisão linguística	Vanuza de Oliveira Barbosa
Normalização técnica	Wellington Figueiredo



---

Edições Nativa

2021

Jilton Joselito de Lucena Ferreira

---

**SINTONIZANDO UMA  
TRAJETÓRIA:  
JOSELITO LUCENA, ENTRE AS  
REPRESENTAÇÕES DE SI E O  
RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE  
CAMPINA GRANDE – (1950-2011)**

---

Nativa®

Edições Nativa

2021



---

**Copyright 2021 – Autores**  
ISBN 978-65-99-4599-6-2  
Capa, projeto gráfico: Júlio Cesar  
Guimarães Silva e Emerson M. Alves  
Silva  
Editoração eletrônica: Luíra Freire  
Monteiro

**Contato com os autores:**  
edicoesnativa@gmail.com

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial,  
de qualquer forma ou por qualquer meio.  
A violação dos direitos autorais (Lei nº  
9.610/1998) é crime estabelecido no  
artigo 184 do Código Penal.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Jilton Joselito de Lucena  
Sintonizando uma trajetória [livro eletrônico]:  
Joselito Lucena, entre as representações de si e o  
radiojornalismo esportivo de campina grande - (1950-  
2011)--

1. ed. -- Campina Grande, PB : Nativa Edições,  
2021.

Bibliografia  
ISBN 978-65-994599-6-2

1. Brasil - História 2. Campina Grande (PB) -  
História 3. Radiojornalismo: Paraíba - História  
4. Memórias I. Título.

21-62648

CDD-385.314098133

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Sintonizando uma trajetória - Campina  
Grande : Paraíba : Estado : História  
385.314098133

Maria Alice Perreira - Bibliotecária - CRB-6/7964

---

**Edições Nativa**

2021

A Joselito Pereira de Lucena, que com sua voz e sua sensibilidade vislumbrou o imortal.

Aos que fizeram e fazem o radiojornalismo esportivo de Campina Grande.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo de minha vida fui percebendo os valores das pessoas ao meu redor, e na minha trajetória dentro da Universidade Estadual da Paraíba, mais precisamente no Curso de História, essa máxima não foi diferente. Encontrei ao longo dos 5 anos da graduação diversas pessoas que acima de tudo me ensinaram, pois aprendi diversas lições nesse período, mas é preciso destacar o que a meu ver foram as pessoas, eu diria os seres humanos, mais importantes dentro dessa caminhada.

À todos os colegas de curso, amizades que foram sendo lapidadas com a convivência diária, aos que deixaram o curso mas, continuam fazendo parte de nossa história, e aos que resistiram aos percalços e concluem conosco mais um ciclo de nossas vida, e que para representar todos esses que foram partícipes de nossa caminhada, elenco o Bonnierk Nathson de Lima Diniz, ou simplesmente Bonnie, que foi nosso companheiro desde o início e que muitas e muitas vezes nos foi o combustível para continuarmos, mesmo não sabendo que exercia tal força somente pelo exemplo que era e é para todos nós. Todos e todas que estiveram ao meu lado nesses últimos anos e que contribuíram para minha formação, sintam-se lembrados pelo nome de Bonnierk, lembrarei de todos e todas com toda a força de minha memória.

Aos professores e professoras que foram nossa base de aprendizagem, ao qual tenho uma tamanha admiração e respeito que seria difícil descrever somente com palavras. Professor Iordan Queiroz Gomes, que foi mais do que um orientador, foi e é um grande amigo, nunca o vi sem ser com um sorriso no rosto, com aquela alegria em compartilhar da grandeza que é o seu conhecimento sobre a História, e lembro-me de por vezes vararmos madrugadas conversando tanto sobre esse trabalho quanto sobre a vida, sobre as aflições, sobre família entre tantos outros assuntos. Já o disse e repito, ele foi e é luz em minha vida, agradeço infinitamente.

À professora Luíra Freire Monteiro, que com toda sua elegância nos conquistou mesmo antes de nos ter dado aula, para mim uma pessoa de grande importância, pois me ajudou e auxiliou em vários momentos dentro e fora do curso, fui primeiro seu admirador, depois seu aluno e chegando a ser monitor de sua disciplina, “E aí, Jiltão”? Quando me perguntava algo em sala eu tremia, mas ela sempre muito atenciosa, cuidava para que eu estivesse sempre inserido em sua aula, além de ter sido a primeira pessoa que me incentivou para essa escrita sobre esse personagem, que no caso é meu avô, agradecimentos eternos.

Ao NUPEHL, Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local, que me possibilitou vislumbrar novas leituras a respeito da História Local. Me deu a oportunidade de participar da segunda coletânea de textos em História Local, o livro que tem por título, *Límites no horizonte do tempo*, organizado pelo professor Flávio Carreiro de Santana e a professora Luíra Freire Monteiro e onde publiquei meu primeiro artigo em um livro. O convívio com os colegas de graduação, com os professores e professoras envolvidas nas mais diversas atividades que o núcleo desenvolve, trabalhando incansavelmente para que o fazer história ganhe sempre mais forma e mais esmero. Agradeço demais ao NUPEHL pela acolhida e pela grande família que se torna a cada dia, isso tudo nas pessoas dos professores acima citados.

Ao professor Bruno Gaudêncio, que nunca pestanejou quando lhe pedi ajuda, fosse da disciplina que ministrou, fosse no decorrer da escrita deste trabalho, sempre solícito e atencioso, foi e é inspiração para mim como historiador, como poeta, como pai, uma das figuras humanas mais dedicadas ao que acredita, que eu conheci, eternamente grato por tê-lo em minha vida.

À professora que se tornou também amiga, Hilmaria Xavier, que com seus incentivos e críticas sempre construtivas me fez chegar ao final de mais um ciclo. Hilmaria, assim como todos os já citados, por vezes conversava comigo também em meio as madrugadas, fosse sobre coisas técnicas da escrita, fosse sobre leitura, fosse sobre as angústias e aflições da vida, e isso é algo que jamais esquecerei, aprendi com Iordan, Bruno,



Luíra e Hilmaria, assim representando todos os outros professores e professoras que marcaram de forma tão positiva minha vida academia durante os últimos 5 anos, a ser humano, pois para além de sermos de humanas devemos ser humanos.

E por último, e de maneira proposital, pois esses e essas são verdadeiramente minha base. À minha família, família Ferreira e família Lucena, representadas aqui pelos meus avós, José Ferreira da Silva (in memoriam) e Justa Ferreira de Oliveira. Joselito Pereira de Lucena (in memoriam) e Eliete Silva de Lucena. À minha mãe Cassandra Lucena, meu pai Jailton Ferreira, minha irmã Luane Lucena e meu sobrinho Luan Miguel. Minha companheira de vida, Miscilene Vitória, que suporta minhas loucuras e sempre me dá forças em minhas pretensões. Minha filha Aurora Helena, que apesar de não ter a dimensão da importância que exerce em minha vida, me faz ser uma pessoa melhor e me mantém sempre sentindo que sou uma pessoa amada. Amo todos e todas vocês.

“Os caminhos que percorri foram difíceis, mas com dignidade, com integridade, respeito aos meus pais, irmãos e parentes. Machuquei os espinhos protegidos pelas pétalas perfumadas das flores, fiz o que a consciência e vontade me ditaram e não tenho do que me envergonhar”.

Joselito Pereira de Lucena – março de 2010

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Imagem 1** - Tabela – Descrição dos itens que compõem o arquivo pessoal de Joselito Lucena

**Imagem 2** – Fotografia 1 - Time de futebol da Rádio Caturité

**Imagem 3** – Fotografia 2 - Joselito Lucena entrevistando os jogadores do Treze, Vadú e Adelmo, no Estádio Presidente Vargas

**Imagem 4** – Fotografia 3 - Início da década de 1960, Estádio Olímpico José Américo de Almeida, Boi Só - da esquerda para a direita, Ivo Rodrigues, Edson Paulino e Joselito Lucena

**Imagem 5** – Fotografia 4 - Estádio Olímpico em João Pessoa – 1962

**Imagem 6** – Fotografia 5 - Inauguração do Estádio Governador Ernani Sátiro, *O Amigão*

**Imagem 7** – Fotografia 6 - Joselito Lucena recebendo o título de cidadão campinense, juntamente com Gilson Souto Maior, o mestre de cerimônia da ocasião

**Imagem 8** – Fotografia 7 – Visita do presidente Ernesto Geisel à Campina Grande

# SUMÁRIO

## Prefácio

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	14
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1. O arquivo de si: Joselito Lucena, a preocupação com o esquecimento e os sinais do desejo de narrar-se.</b>	32
2.1	O arquivo e os caminhos para guardar a memória.	32
2.2	Quando o historiador ingressa ao estádio e tem início a partida (o arquivo de Joselito Lucena se apresentando como um grande clássico de futebol)	39
2.3	Joselito Lucena e sua rede de relações diversificadas (em todo o Brasil existe um companheiro do rádio)	43
2.4	Seguindo os rastros do arquivo: as narrativas do eu e narrativas dos outros sobre si	45
2.5	O “mestre” fora do ar, quando desliga o microfone, mas a narração continua (Joselito Lucena por ele mesmo, o pai, o avô, o bisavô, o amigo, o esposo e etc.)	54
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2. Sintonizando a trajetória: Joselito Lucena e os seus passos no rádio, suas contribuições, conquistas e revezes dentro do radiojornalismo esportivo de Campina Grande.</b>	59
3.1	Sintonize comigo (início da trajetória no rádio, 1950-1961).	59
3.2	E trilou o apito, é o início da partida (Gols do primeiro tempo, início da trajetória na locução esportiva. Primeiras contribuições para o radiojornalismo esportivo).	66
3.3	Intervalo do jogo (mudança de prefixo, da Rádio Borborema para a Rádio Caturité novamente, 1989).	83
3.4	Etapa complementar da partida (Gols do segundo tempo, momentos na Rádio Caturité, 1989-2011)	85
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3. A “Escola joselito lucena”: uma análise sobre a representação de joselito lucena como sendo uma peça importante</b>	

<b>na formação dos profissionais do radiojornalismo esportivo de Campina Grande</b>	89
4.1 E chegou o fim da partida. Ainda é possível ouvir o trilar do apito final	91
4.2 Quando morre o radialista e se immortaliza a “escola” (Joselito Lucena servindo como baliza para os profissionais do rádio segundo eles mesmos)	92
4.3 E há então o surgimento dos lugares de memória, das representações criadas sobre o mestre. (Joselito Lucena sendo posto em simbólicos depositários das memórias)	109
<b>5 Considerações finais</b>	118
<b>Referências</b>	123
<b>Apêndice a – Perguntas utilizadas na pesquisa</b>	128
<b>Apêndice b – lista de depoentes</b>	129
<b>Anexo 1 – fontes</b>	130

## PREFÁCIO

### Antes de sintonizar na trajetória...

“Amigo Velho”! Aprendi, sob a ótica do autor da presente obra, que essa era uma das formas com que o personagem desta história costumava referir-se àqueles que junto a ele fizeram a travessia do tempo. Expressão usada para estabelecer com o outro uma relação de proximidade, fundamental para o caminhante que segue nas sinuosas estradas da vida, minorando as incertezas do tempo impiedoso e suportando as pequenas e/ou grandes tragédias que levamos conosco no curso dos dias. Compartilhar. Sentir a presença do outro revela algo de nossas intenções de esperança. Essa expressão marcou a trajetória de Joselito Pereira de Lucena, um baiano de Jacobina nascido em 1935, cuja trajetória cruzou com a de coletividades de tamanhos variados, a exemplo da sua família e dos milhares de ouvintes sintonizados direta e/ou indiretamente nas ondas do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, da Paraíba, do Nordeste e por que não dizer, do Brasil.

Sobre Joselito, guardo primeiramente fragmentos de lembranças esparsas de um ouvir falar que remete a um tempo quase imemorial de minha própria trajetória. Dele, se dizia possuir uma voz inconfundível – gravada na memória de um ancestral –, dos bordões criativos, do engajamento narrativo – imortalizado na poesia regional – que envolvia o ouvinte/torcedor/amante do esporte. Joselito Lucena foi uma companhia inseparável para muitos contemporâneos, sobretudo aqueles atentos às ondas do rádio e aos sinais da voz que, do outro lado, pausava empolgantemente para o estourar do grito: Gol... é goooooool! Para fazer jus ao adágio, certamente uma expectativa de festa que vale mais do que a própria festa. Joselito do *Clássico dos Maiorais*, repórter/comentarista/narrador de tantos outros clássicos ao longo dos mais de meio século de atividade profissional.

De fato. A sua voz ecoou como a de um autêntico tradutor esportivo. De maneira particular, um intérprete das disputas travadas nas

quatro linhas dos estádios; de forma mais ampla, um leitor/tradutor dos jogos da vida em cujo campo de disputa está a difícil tarefa de viver. *Zelito* fez história, compôs *escola* e marcou a sua passagem na memória coletiva/individual campinense/paraibana, aspectos recuperados sob a perspectiva de Jilton Joselito de Lucena Ferreira. Uma oportunidade para se conhecer um pouco mais da sua trajetória dentro e fora dos campos. Chance por demais preciosa ao olhar de quem busca compreender as possíveis conexões entre a existência de si e a experiência do outro. Eu não relutei em aproveitar, sintonizei-me na frequência ofertada pela obra que chega em minhas mãos.

O grau de parentesco entre o autor e o personagem objeto de sua análise é notada a partir do nome, herança confessada antes mesmo que pronuncie uma palavra. Porém, ao sintonizar na obra, o leitor encontrará as marcas do *eu pesquisador – como um historiador que ingressa ao estádio – ávido a saldar uma dívida insolvente* com os mortos do passado, mediante a elaboração de uma narrativa histórica. Aqui, a compreensão de que a operação do fazer História configura-se na interconexão entre uma subjetividade velada e uma objetividade declarada orientou o traçado narrativo. Um trabalho laborioso, cujo ponto de partida foi demarcado pelo encontro com um robusto rol de documentos de natureza diversa – cadernos de notação, diários, recortes de jornais, revistas, fitas K7's, outros – dispostas naquilo que classificou como sendo *o arquivo pessoal* de Joselito Lucena. Um arquivo de uso privado, aberto na sua extensão ao grande público em primeiríssima mão pela presente obra.

A composição desse arquivo foi decorrente de um longo exercício de acumulação e do que poder-se-ia considerar como um esforço do próprio personagem por criar uma espécie de *arquivo de si*. A existência dos documentos ali arranjados lhe permitiu traduzir o que chamou de “traços significativos da vida do personagem” que assumiu papéis sociais diversos – pai, avô, bisavô, amigo, esposo – e marcou época no radiojornalismo esportivo. Conectores essenciais para se estabelecer a sintonia. Como sugere o autor, quando os microfones do rádio se desligavam, a narração continuava. Era, *Zelito* por ele mesmo.

Quer dizer que *o gesto de se arquivar* remete, antes, à necessidade de criar as *narrativas do selfie* – isto é, as histórias que as pessoas contam sobre si mesmo – e ao esforço de elevar ao campo da linguagem as marcas de sua passagem pelo tempo. Neste último ponto, os documentos depositados naquele arquivo também compõem as chamadas *evidence of me* – provas de mim, e eventualmente de nós – que traduzem determinados ângulos de sua trajetória. Transformadas em fontes históricas e cotejadas com uma série de testemunhos orais, a interpretação/tradução desse conjunto de evidências foi fundamental para o reencontro com aquele personagem recortado em determinadas situações, conexões com outros personagens, espaços e temporalidades diversas.

Situar o leitor que se vê entre a composição desse arquivo privado e os movimentos operatórios de sua tradução é um dos méritos do autor. Percurso que elaborou apoiado no rigor do método e com base numa tópica de conceitos extraídos de uma teoria da história possível. Não se tem aqui, ao contrário do que possa parecer, um texto ao estilo biográfico clássico em que o objeto/indivíduo narrado toma as rédeas da história, assumindo os lugares simultâneos de ideólogo e protagonista exclusivo da sua própria história. Os autores, que embasam teoricamente o livro, ofertaram importantes lições acerca da necessidade de perceber as heterogeneidades, a *rede de relações sociais diversificadas*, as interconexões com o tempo e as instituições que dialogam, atuam e interferem diretamente na composição da persona e nas ações do personagem objeto de sua análise. Diante da perspectiva adotada, têm-se a vista uma trajetória inevitavelmente fragmentária, eventualmente preenchida pelo conjunto de relações que a circunscreveu.

Nessa obra, portanto, Joselito fala de si, mas também do outro ao passo que se vê envolvido na trama das instituições, das sociabilidades, da dinâmica social, política, econômica e cultural do seu tempo. São três capítulos que se interconectam ou, na visão do autor, *sintonizam* o leitor na trajetória do personagem. Eles traduzem a montagem do arquivo; o percurso profissional e, por fim, a *escola Joselito Lucena* e os lugares feitos para lembrar. Neste último ponto, ao finalizar a leitura, poder-se-ia



indagar: seria, a presente obra, mais um lugar erguido para salvaguardar a memória do personagem/objeto? Eis que me parece ser essa uma questão aberta à reflexão durante a leitura, cuja resolução – mesmo que provisória – dependerá do ponto de vista adotado durante o percurso.

Nas páginas que seguem, contudo, a trajetória de Joselito foi enredada pela escolha um roteiro criativo. Ocorre que o autor imagina a entrada numa partida de futebol e a dinâmica dos bastidores que, antes e depois, tornam o jogo possível. A sintonia; o apito inicial; os gols do primeiro tempo; acresceria as faltas/dentro e fora do campo; o intervalo do jogo; a etapa complementar; e o medo do resultado desfavorável quando do apito final foram ajustadas em um projeto narrativo que pretende desvelar não apenas a trajetória de Joselito Lucena, mas, de algum modo, a história do radiojornalismo esportivo regional. Uma metáfora empolgante, cuja amplitude sugere pensar a existência do(s) jogo(s) da vida onde os atores/jogadores entram em cena para disputar a(s) partida(s) em meio ao inevitável som do apito final. Aqui, dado o alcance da linguagem metafórica, coloquei-me a pensar: ter-se-ia de fato o fim da partida? Ou estaríamos diante de um jogo inacabado?

Fora de dúvida, diante da perspectiva epistêmica que orienta a obra, compreendo que ele continua, mesmo diante da mutabilidade do tempo. Pois, se *Zelito* saiu de cena em um dado momento da partida – 2011 –, algo dele ficou. Esse algo, se não foi capaz de traduzir a experiência um dia vivida como tal vivida – inacessível em sua complexidade e totalidade – permitiu recuperar sentidos primordiais de sua vida elevadas ao campo da linguagem. Eles chegaram até nós e o livro que se abre em nossas mãos se apresenta como uma espécie de *tempo extra*, isto é, um *prolongamento* – como diriam os portugueses – da existência, marcado pela expectativa da vitória. Nele, o personagem/objeto permanece, de algum modo, narrando os jogos de sua vida! Ouso dizer – diante de certa perspectiva epistêmica –, aqui como em outros lugares, ele permanece vivo! Pois, há, no reconhecimento do luto, uma forma de celebração da vida.

Por fim, mas sem encerrar a sintonia, pelo conteúdo e pela forma, o livro também é um convite à percepção de como a história – leia-se, conhecimento histórico – figura como um exercício movido pelo desejo incontável de desvelar o que não é mais, mas, que um dia foi para se cumprir, assim, o dever ético de assegurar na memória dos vivos, um lugar para as experiências do passado. Um nexos argumentativo que sugere indagar: somos, de algum modo, devedores da experiência passada? A resolução dessa questão exigiria uma longa e eventual estafante reflexão epistemológica que foge aos propósitos desse texto. Porém, de forma sumária, defendo um ponto de vista que, decerto, iluminou a interpretação contida nas linhas que seguem. Ocorre que na interconexão das temporalidades históricas é possível detectarmos a existência do *nós-histórico* oriundo da *ressonância* entre o passado objeto da análise histórica e a nossa experiência presente. Uma abordagem que poder-se-ia qualificar como compreensiva em que o “outro”, o “eu” e o “nós” aparecem entrelaçados no curso das temporalidades.

Ao leitor – “amigo velho”, como certamente diria Joselito Lucena – a frequência foi dada e a sintonia estabelecida, restando seguir as ondas propagadas na presente obra. Como alertado, elas nos reconectam a outros tempos, espaços, personagens e situações.

Jordan Queiroz Gomes.

Campina Grande, 24 de abril de 2021.

# 1 INTRODUÇÃO

*“Antes de mais nada nós temos que dizer e ratificar o seguinte, o jornalismo esportivo de Campina Grande e também da Paraíba se confunde com a pessoa de Joselito Pereira de Lucena [...] Fala-se muito hoje, fulano é ícone de tal coisa, então Zelito [como o chamavam] naquela época já era o que hoje se chama ícone, quer dizer, ele era uma estaca central no meio desta geração que muitos passaram pelas mãos dele, do rádio esportivo de Campina Grande”*

*Francisco Assis do Nascimento, Olé.<sup>1</sup>*

A História do radiojornalismo esportivo em Campina Grande teve a sua caminhada marcada por avanços, sucesso, conquistas, mas também por muitos retrocessos e desafios. Foi a partir da década de 1950 que a radiodifusão esportiva, com ênfase maior no futebol, cresceu extraordinariamente, não somente em número de Rádios e profissionais, mas na qualidade dos que militaram no radiojornalismo esportivo de Campina Grande.<sup>2</sup>

Nomes como Palmeira Guimarães<sup>3</sup>, Ariosto Sales<sup>4</sup>, Josusmá Viana<sup>5</sup>, Joselito Lucena e outros e outras, abriram as portas para o início

---

<sup>1</sup> Francisco Assis do Nascimento, o Olé, atuou no radiojornalismo esportivo de Campina Grande da década de 1950 até a década de 1990, quando deixou o rádio e se tornou advogado, profissão que atua até os dias de hoje. Entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Ver Goretta Maria Sampaio de Freitas, A trajetória histórica da radiofonia campinense: do alto-falante ao FM. In. *História da mídia regional: o rádio em Campina Grande*. Coordenação: Antonio Clarindo Barbosa de Souza, EDUFCG/EDUEP; Campina grande, 2006.

<sup>3</sup> José Palmeira Guimarães foi um dos primeiros locutores esportivo da Rádio Borborema, foi também poeta, escritor, compositor e conhecido pela sua mais famosa poesia *O último pau-de-arara*, que ganhou destaque nas vozes de vários intérpretes tais como Fagner, Zé Ramalho e Gilberto Gil. A poesia foi musicada por Venâncio e Corumba.

<sup>4</sup> Natural de Picuí, Ariosto Ferreira Sales (1937-2018) marcou a imprensa campinense, atuando no rádio, jornal e televisão. Além de ter sido a voz do início da radiodifusão de Campina Grande na década de 1950, trabalhou na Rádio Cariri e foi diretor esportivo dos Diários Associados e depois diretor geral da TV Borborema. Era formado em Ciências Econômicas e especialista em Administração pela Mexicali, no México. Fonte: <https://resumopb.com/noticia/morre-aos-78-anos-o-ex-radialista-ariosto-sales.html> e <https://paraibaonline.com.br/2018/06/morre-em-campina-grande-ex-narrador-esportivo/>

dos tempos áureos do rádio campinense, bem como vivenciaram os anos de estagnação do rádio paraibano. Tais nomes interligam memórias, posto que o pesquisador que procura historicizá-las individualmente acaba esbarrando na outra, e isso nos mostra o quanto as relações pessoais e profissionais figuram como índices importantes para reconstrução das trajetórias. Neste caso, como lembrou Francisco Assis do Nascimento, o *Olé*, o Joselito Lucena – personagem que marcou época na radiodifusão – se insere no contexto de constituição do radiojornalismo esportivo campinense e paraibano.

Este último, aliás, é sempre lembrado pelos amantes do rádio. O torcedor José Humberto destaca o que para ele era o diferencial de Joselito Lucena ao fazer radiojornalismo:

Durante o tempo em que me foi possível ouvi-lo em transmissões esportivas e até em outros momentos no rádio, logo pude entender que Joselito Lucena (o mestre), era e ficou na história da comunicação brasileira como sendo uns dos mais categóricos. O grito de gol inconfundível pela própria sonoridade da sua voz associado à descrição do lance com grande teor de discrição, era como imagem ao ouvinte. Na seriedade em suas narrativas, a gíria era coisa descartada do seu vocabulário. Bola era simplesmente “bola ou esfera”, por exemplo. O respeito pelo jogador sempre foi de alta responsabilidade, onde a ironia não prevalecia jamais. O mesmo tratamento ao seu ouvinte do rádio dentro e fora do estádio. Na vitória ou na derrota, sempre uma justificativa plausível, esclarecedora, era o forte da sua opinião. Singelíssimo ao expor todo o seu coleguismo, sendo um líder na audiência pela eficiência e a credibilidade com o torcedor. Isso é forte e faz parte dessa sua “diferença”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Josusmá Coelho Viana, professor e juiz classista aposentado, é natural de Alagoa Nova, e é um dos fundadores do Jornal da Paraíba. No rádio fez dupla com Ariosto Sales na locução e ele como comentarista esportivo. É um dos nomes que compõem a *LISTA DOS 50*, uma lista das 50 pessoas que em todos os tempos mais contribuíram para fazer de Campina Grande esse polo de desenvolvimento que orgulha o Brasil, iniciativa do Jornal Online *A Palavra*. Aproveitamos o espaço para render homenagens à Josusmá Viana, que faleceu em 4 de abril de 2021, mas deixou um legado importantíssimo para a imprensa paraibana como um todo. Obrigado por tudo, Josusmá.

<sup>6</sup> José Humberto Lima de Vasconcelos, entrevista concedida ao autor em 14 de fevereiro de 2019.

Joselito Lucena aparece com certo destaque na história não somente do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, mas também de todo o Estado da Paraíba, quiçá do Nordeste, muito disso devido ao fato de que durante seu tempo de militância no radiojornalismo esportivo, ele participou de diversas transmissões em toda região nordestina, se estendendo ao restante do país.

Mas, quem foi Joselito Lucena? Joselito Pereira de Lucena nasceu na cidade de Jacobina no estado da Bahia, em 29 de junho de 1935. Mudou-se para Campina Grande ainda criança<sup>7</sup>, com seu pai, o pernambucano Manoel Pereira dos Santos e sua mãe, a paraibana Gercina Pereira de Lucena, respectivamente caminhoneiro e dona de casa.<sup>8</sup>

Joselito Lucena começou ainda menino a demonstrar um fascínio pelo rádio. Morou próximo de um sistema de autofalantes, o primeiro da cidade de Campina Grande, frequentava assiduamente as movimentadas programações daquele sistema sonoro de comunicação, ali nascia tanto um amor incondicional pela *Rainha da Borborema*, bem como pelo microfone, aquele que seria seu instrumento de trabalho por pelo menos os próximos 60 anos.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Em crônica escrita por Joselito Lucena, e encontrada em seu arquivo pessoal, o mesmo afirma que chegou à Campina Grande com 8 anos de idade, mas que já havia visitado Campina Grande quando mais novo, e não lembrava da visita pela pouca idade que tinha na época, mas que com 8 anos foi o encontro, agora mais consciente, com a “Rainha da Borborema”. É preciso esclarecer que nem todas as crônicas utilizadas nas análises e como citações foram publicadas em algum periódico. Joselito Lucena escrevia e na maioria dos casos fazia a leitura ao micro fone, da crônica – se fosse o caso de utilizá-la em algum programa - ou comentário, em nossas pesquisas não encontramos escritos feitos pelo titular do arquivo que tivesse sido utilizado em algum jornal, mas que como apontamos no capítulo que segue, o titular manteve esses escritos de forma cuidadosa e seletiva.

<sup>8</sup> Informações encontradas e colhidas no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

<sup>9</sup> O sistema de autofalantes foi montado pelo “Gaúcho”, sr. Jovelino Farias, que em 1936 chegou em Campina Grande e em 1937 montou o sistema na rua Marquês do Herval, ao lado da Panificadora Nossa Senhora das Neves, como destaca Antonio Clarindo de Souza na História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande, p. 29.

Trabalhou primeiramente como uma espécie de *office boy*, levando e trazendo recados nas Rádios da cidade. Foi ainda *disc jockey*, discotecário, radioator, repórter, apresentador, comentarista, noticiário, locutor comercial e locutor esportivo. Chegando a se tornar diretor do departamento de esportes, tanto da Rádio Borborema como da Rádio Caturité.<sup>10</sup>

Foi na locução esportiva, ainda na década de 1950, que Joselito Lucena se firmou. Desde então narrou praticamente todos os acontecimentos futebolísticos de Campinense e Treze<sup>11</sup>, os dois maiores clubes da cidade de Campina Grande, e também maiores rivais, como destacou o Diário da Borborema:

O aparecimento do Campinense como clube profissional foi o acontecimento esportivo de mais evidência na última década, porque além de constituir-se numa força de realce no futebol nordestino, passou a obrigar os seus mais próximos rivais a uma ação mais positiva em determinadas circunstâncias. De vitória em vitória, o rubro-negro passou a ser cotado como competidor sério às pretensões trezeanas. E hoje divide com o <galo> as honras da liderança do nosso futebol. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 27 de outubro de 1960, p. 05)

Como partícipe direto da história do futebol de Campina Grande, em 1975, Joselito Lucena participou da inauguração do Estádio de futebol, Ernani Sátiro, *O Amigão*, ao qual batizou desde a primeira locução de *O Colosso da Borborema*. Fez de Campina Grande sua cabine onde atuou de domingo à domingo, ininterruptamente por mais de 60 anos.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Informações retiradas da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), de Joselito Pereira de Lucena.

<sup>11</sup> O primeiro jogo entre as equipes ocorreu em 27/11/1955 com vitória do Treze por 3 a 0 sobre o Campinense, no Estádio Plínio Lemos – Campina Grande-PB, no comando do árbitro Almeida Passos.

<sup>12</sup> Analisando os dados contidos em sua carteira de trabalho, Joselito Lucena – salvo os períodos de férias e um caso de doença que o afastou do trabalho entre 29 de setembro de 1964 até 1º de fevereiro de 1965 - trabalhou de 1º de outubro de 1950, quando ingressou na Rádio Caturité de

Tal dedicação fez com que muitos se refiram a Joselito Lucena como “a voz mais espetacular do rádio paraibano”.<sup>13</sup> Fato é que Joselito ultrapassou gerações e formou diversas delas dentro do rádio jornalismo paraibano, apesar de não ter formação na área de jornalismo.<sup>14</sup> “Zelito foi uma verdadeira escola, eu diria a você que ele foi uma universidade de rádio para todos nós”, como destacou Gilson Souto Maior.<sup>15</sup>

Portanto, o objetivo geral desse trabalho será o de recuperar traços significativos da trajetória de Joselito Lucena em sua relação com a história do radiojornalismo esportivo de Campina Grande com o recorte temporal de 1950-2011. A escolha do recorte temporal justifica-se pelo fato de que foi no dia 1º de outubro de 1950 que Joselito Lucena tem de maneira agora formal, um contrato assinado com a Rádio Caturité, dando início a sua carreira radiofônica.<sup>16</sup>

Em fevereiro de 2011 Joselito Lucena falece deixando um percurso de mais de 60 anos dentro do Radiojornalismo e principalmente da crônica esportiva de Campina Grande e de todo o Estado da Paraíba. Fato que permite situar o seu nome – a partir de um vasto e cuidadoso

---

maneira formal, até 2011, ano de sua morte. Optamos pela palavra ininterruptamente por entendermos que o profissional de rádio, o cronista esportivo, exerce seu trabalho no dia a dia, não somente enquanto está no ar, prova disso são as várias crônicas encontradas no acervo pessoal de Joselito Lucena que deixam claro que foram escritas fora do horário destinado aos programas ou narrações de jogos de futebol.

<sup>13</sup> Ver FREITAS, Goretti, Memórias da Radiofonia Campinense: As Vozes do Jornalismo Esportivo. Artigo apresentado ao DT 4 - Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>14</sup> O curso de Jornalismo, originado a partir do curso de Comunicação Social foi criado em 1973 e reconhecido legalmente em 1978. Fonte: <http://departamentos.uepb.edu.br/decom/sobre-o-curso/> Criação: Resolução 06/73 CONSEPE 02.10.1973 Reconhecimento: Decreto 82.672/7 20.11.1978.

<sup>15</sup> Gilson Souto Maior é natural de Campina Grande e iniciou no radiojornalismo em 1965 na Rádio Caturité, com 17 anos de idade. Foi repórter de pista, comentarista, disc-jockey, animador de programas de estúdio, foi locutor esportivo, mestre de cerimônias, noticiário. Trabalhou nas maiores Rádios da cidade, como a Rádio Borborema. Foi apresentador de TV, professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba e atua até hoje na área jornalística.

<sup>16</sup> Informações encontradas na Carteira de Trabalho de Joselito Lucena, coletada no acervo pessoal do mesmo.

cruzamento de fontes – dentro de um contexto mais amplo de situações e relações tecidas dentro e fora das cabines de transmissão.

Para entender os traços significativos da vida do personagem analisado, questionamos: teria Joselito Lucena deixado sinais do seu desejo de criar uma representação de si? Qual o significado de todo aquele acervo, aparentemente preparado de maneira cuidadosa, e disposto em caixas e/ou empilhados na estante? Quais os lugares, as funções e as atividades desenvolvidas por Joselito Lucena que o fizeram ser reconhecido na sociedade campinense entre 1950 e 2011? Quais as representações que foram sendo agenciadas sobre a sua personalidade pública ao longo da atividade desenvolvida no rádio campinense? Teria Joselito Lucena, como afirmam alguns de seus contemporâneos, formado “escola” na forma de fazer a radiodifusão futebolística em Campina Grande? Qual a projeção da atividade desempenhada por Joselito Lucena no rádio ao longo dos mais de 60 anos de história no rádio campinense?

Para essa pesquisa analítica, iremos utilizar o acervo pessoal do Joselito Lucena, disponibilizado na íntegra, que como destaca Sue McKemmish (2013), seriam as “boias de marcação” e os “rastros do percurso”, quando cita sua leitura do romance *Ever After*, do escritor inglês Graham Swift<sup>17</sup> ou o conceito apresentado pelo sociólogo Anthony Giddens (1991), “Narrativas do *self*”.<sup>18</sup> Além do acervo, contaremos com entrevistas coletadas com contemporâneos de Joselito

---

<sup>17</sup> (1992, 2:62) A autora aponta que “buscou-se na sociologia e na escrita criativa e reflexiva os elementos para reconhecer as forças sociais promotoras dos registros pessoais, os quais exemplificam o impulso humano fundamental de dar testemunho, o ato instintivo de fazer o próprio relato. Algo que Swift caracterizou como a necessidade que o homem, “animal narrativo” por excelência, tem de deixar atrás de si as reconfortantes “boias de marcação” e “rastros do percurso” que são as histórias”.

<sup>18</sup> “Narrativas do *self*”. O sociólogo Anthony Giddens discorre sobre o modo como nossa própria identidade está ligada à capacidade que temos de sustentar “narrativas do *self*”, incorporando à história de uma vida em curso, eventos externos (Giddens, 1991:54). As Narrativas do *self* são histórias que as pessoas contam sobre si mesmas, seja pessoalmente, por telefone, ou retransmitidas por outros – podem muito bem nunca ser escritas ou registradas na forma de texto.



Lucena, que trabalharam, conviveram ou acompanharam seu trabalho na cidade de Campina Grande através do rádio.

Para seguir os traços da trajetória individual/coletiva de Joselito Lucena, aproximo as minhas convicções de certo aporte teórico, cujas nuances gerais esboço nas linhas que seguem. O primeiro passo é, portanto, no sentido de reconhecer a possibilidade de recuperar essa trajetória com o auxílio dos estudos biográficos. François Dosse (2009) em seu “O Desafio Biográfico: escrever uma vida”, analisa historicamente a inserção do gênero biográfico para verificar os momentos de maior ou menor intensidade na escrita de biografias; bem como refletir sobre a maneira como historiador de ofício se relacionou com o biográfico nos últimos tempos.

Desde a década de 1980, por exemplo, o autor identifica a tentativa de rompimento que a historiografia francesa tentou fazer com o estruturalismo e com as generalizações demasiadas na interpretação da história, especialmente da chamada história total na esteira braudeliana. Para ele, há nesse momento uma busca pela singularidade individual, uma reflexão sobre as heterogeneidades, às identificações diversas dos sujeitos no decorrer de sua trajetória.<sup>19</sup>

A partir de então, os estudos que tomam por base a biografia histórica têm crescido, notadamente preocupados em entender a relação que os sujeitos, ou as trajetórias individuais, estabelecem com o meio social, as instituições e a dinâmica dos tempos históricos. Nessa perspectiva, não se trata mais de narrar uma história de vida sob a ótica exclusiva do narrador/autor, mas de perceber as interconexões que esse sujeito estabelece com o tempo, as instituições e com os fatos e acontecimentos históricos do seu entorno.

É assim, por exemplo, que a historiadora Mary Del Priore (2009) aponta que “uma vida pode contar outras tantas”, abrindo então um

---

<sup>19</sup> Na perspectiva de Dosse (2009, p. 252), esse momento representou um “[...] retorno do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas”.

diálogo para refletirmos acerca das biografias históricas, ou mesmo que o gênero biográfico é uma maneira “de continuar a fazer história por outros meios” como deixava claro Jacques Le Goff (1996), reinventando o uso da biografia para narrar uma “história-problema” que é “uma construção feita de acasos, hesitações e escolhas”, permitindo ao biógrafo não cair na “Ilusão Biográfica” da qual Pierre Bourdieu (1996) postulava na década de 1980, quando dizia que, “falar de história de vida é pelo menos pressupor, e é muito, que a vida é uma história e que uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e a narrativa dessa história”.

Percebemos, então, que o uso da narrativa biográfica para compreender que um indivíduo não está em oposição ao meio social, que esse indivíduo não existe só, como esclarece Mary Del Priore (2009), enfatizamos que nossa pesquisa se firma em tais perspectivas. Diante do exposto, a biografia histórica ou a narrativa biográfica busca compreender como as histórias individuais não se configuram em oposição ou dissociada do meio social, mas em uma dinâmica entre si.

Levando em consideração o esboço acima acerca do crescimento dos estudos apoiados na chamada biografia histórica, a presente análise tenta compreender a *rede de relações sociais diversificadas*, que será o fio condutor entre Joselito Lucena e sua trajetória no radiojornalismo esportivo de Campina Grande e os diversos agentes dentro dessa trajetória.

A escolha do personagem parte da inquietação do autor em perceber que Joselito Lucena foi um radialista que fez história na cidade de Campina Grande, dedicando parte considerável de sua vida ao rádio, fato que fez com a sua trajetória estivesse intimamente ligada ao surgimento das Rádios na cidade.<sup>20</sup> Joselito Lucena mudou de prefixo,

---

<sup>20</sup> Rádio Cariri, Rádio Borborema e Rádio Caturité, as três primeiras Rádios da cidade de Campina Grande.

mas não de profissão, atuando no rádio de Campina Grande de 1950, ano de inauguração da Rádio Caturité<sup>21</sup>, até a sua morte em 2011.

Devemos compreender como afirma Barros (2005) que, “a “teoria” remete a uma maneira de ver o mundo ou de compreender o campo de fenômenos que estão sendo examinados”. Partindo desse diálogo com Barros, elencamos autores e o campo de estudo que nos embasem em como pensar nossas indagações sobre o nosso objeto de pesquisa, no caso, Joselito Lucena. Assim, a nossa pesquisa analisa em uma perspectiva da Nova História Cultural, mais precisamente sob o gênero teórico que teve sua ascensão na década de 1970, com historiadores em sua maioria italianos, como, Carlo Ginzburg<sup>22</sup>, Giovanni Levi<sup>23</sup> e Edoardo Grendi<sup>24</sup>, que é o gênero da “micro-história”, que é analisada por Peter Burke, em *O que é História Cultural?*

Da história cultural, o conceito de “representações”, tal como apontado por Roger Chartier (1990, p. 17), é importante para a presente análise, por entender que “as representações são parte integrante também daquilo que chamamos realidade, não só porque são matrizes geradoras de práticas sociais”, mas como também “porque demonstram um esforço de revelação/ocultamento dado tanto pelas imagens reais (cenários, paisagens de rua, arquitetura) como pelas imagens metafóricas (da literatura, pintura, poesia, discurso técnico e higienista etc.)”.<sup>25</sup>

Assim, estamos convictos que nos vários documentos – diários, crônicas, matérias de jornais – produzidas por Joselito Lucena traduzem uma visão de mundo expressa pelo personagem objeto de nossa análise; ao mesmo tempo, pelo lugar assumido por Joselito Lucena na sociedade campinense – um jornalista esportivo – não resta dúvidas que muitas

---

<sup>21</sup> Em 1948 surgiram as duas primeiras emissoras de rádio de Campina Grande. Em 13 de maio a Rádio Cariri – PRF-5 e em 8 de dezembro a Rádio Borborema ZYO – 7 sendo a Caturité inaugurada em 24 de agosto de 1950.

<sup>22</sup> Ver Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes* 1976

<sup>23</sup> Ver Giovanni Levi, *A herança imaterial* 1985

<sup>24</sup> Ver Edoardo Grendi, *Ripensare la microstoria? Quaderni storici, Bologna: il Mulino* 1994

<sup>25</sup> Pesavento, (1995, p. 283).

representações também foram criadas sobre ele, dispersas em várias matérias de jornais, imagens fotográficas e/ou mesmo nas memórias de muitos antigos moradores da cidade de Campina Grande que conviveram com ele e/ou mesmo ouviram a sua voz pelas ondas do rádio. Argumento que nos leva ao encontro da análise acerca dos “jogos de representações” agenciados sobre a imagem e atuação desse personagem em um espaço social mais amplo.

Em sua análise sobre a “micro-história”, Burke (2004) observa que a micro-história foi uma reação a uma certa vertente da história social que seguia o modelo da história econômica, não atribuindo tanta importância a multiplicidade ou à especificidade das culturas locais, apenas descrevendo tendências econômicas gerais. Um segundo ponto foi que a micro-história teria sido uma reação ao encontro com a antropologia, pois os antropólogos ofereciam um modelo alternativo onde a questão cultural tinha espaço. E um terceiro fato visto por Burke, foi que a micro-história seria uma reação a uma crescente desilusão com a chamada “narrativa grandiosa”.

Pesavento (2005) afirma que “a micro-história põe em prática uma metodologia de abordagem do social [...] esse processo é acompanhado de uma valorização do empírico, exaustivamente trabalhado ao longo de extensa pesquisa de arquivo”. É nesse cenário que a micro-história acaba por sugerir um melhor aproveitamento em nossas pretensões no que tange a pesquisa. Para além do uso do radical “*micro*” – próprio ao experimento historiográfico produzido na Itália – os micro historiadores tenderam a emprestar importantes reflexões acerca da possibilidade de se estudar o nome, isto é, o indivíduo. Carlo Ginzburg (1991, p. 174), por exemplo, certa vez afirmou que “a utilização do nome para abrir novos campos à investigação histórica não é nova” e destacava que através das trajetórias é possível investigar “as características comuns de um grupo de atores na história a partir de um estudo coletivo de suas vidas”.

Em *Prosopografia*, publicado na Revista de Sociologia e Política, Lawrence Stone (2010), explica o uso dessa ferramenta metodológica e diz que

Nos últimos 40 anos, a biografia coletiva (segundo os historiadores modernos), a análise de carreiras (segundo os cientistas sociais) ou a prosopografia (segundo os antigos historiadores) desenvolveu-se como uma das mais valiosas e familiares técnicas do pesquisador histórico. A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante.<sup>26</sup>

Em *História e Memória*, Jacques Le Goff (1990) aponta que “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, ou pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”. É com esse apontamento de Le Goff, que pretendemos pensar nosso objeto a partir dos estudos que recuperam, as trajetórias individuais, estudos esses que vem crescendo.

A problemática lançada por Le Goff em *História e Memória* (1990) acerca da relação entre documento e monumento pode ser melhor elucidado quando se analisa a entrada da história na chamada “operação historiográfica”, cuja reflexão inicial é de Michel de Certeau (2010). Esta é uma noção preciosa ao nosso traçado metodológico, pois, na leitura de Certeau, o primeiro passo da operação é reconhecer o caráter constitutivo da história que consiste em “compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.),

---

<sup>26</sup> Ver *Prosopografia*, publicado na Revista de Sociologia e Política, (2010).

procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’<sup>27</sup>. No que tange a identificação da fonte histórica dentro da operação historiográfica, o autor assevera que o historiador é capaz de transformar um resíduo qualquer do passado – desde que construído e/ou tocado pelo homem, isto é, que informe sobre esse homem – em fonte histórica.

Utilizaremos também os depoimentos orais, colhidos com contemporâneos de Joselito Lucena, colegas de profissão, jornalistas de outros seguimentos que não o esportivo, torcedores e até familiares. Sobre o uso das fontes orais, a historiadora Verena Alberti, em *Histórias dentro da História*<sup>28</sup>, aponta como a fonte oral trata-se de uma metodologia categoricamente interdisciplinar, por passear em meio a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia.

Os depoimentos orais colhidos nesta pesquisa, buscaram atender a necessidade de compreender como Joselito Lucena se constituiu o profissional conceituado que ele se tornou, como a cidade de Campina Grande a partir da segunda metade do século XX passou a absorver as narrações de Joselito e como é entendido o legado radiofônico produzido por ele. Além dos objetivos específicos desta pesquisa.

Ao pensarmos os testemunhos orais, o arquivo cuidadosamente montado ao longo de seis décadas pelo próprio Joselito Lucena, os jornais desse recorte temporal, as fotografias do arquivo pessoal ou as que circularam em jornais e periódicos e os *áudio tapes* gravados também ao longo das últimas seis décadas, foi possível ler as fontes de maneira a apreender de forma teórico-metodológica o que cada autor ou corrente de pensamento nos permitiu observar sob a ótica epistemológica.

---

<sup>27</sup> Sobre as manobras produzidas em função da Operação Historiográfica, Ver Certeau (2010, p. 57).

<sup>28</sup> Ver Verena Alberti, *Histórias dentro da História* in *O historiador e suas fontes*, São Paulo 2009.

Cabe lembrar que a fonte oral é mediada por uma metodologia específica, isto é, a chamada História Oral. Para Alberti (2010, p. 155-164) “a História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história” e “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram, ou testemunharam, acontecimentos do passado e do presente”. Nesse movimento, o historiador produz a chamada fonte oral, isto é, uma fonte de informações sobre o passado agenciada por uma recorrência ao procedimento de coleta dos relatos através das entrevistas. Essa fonte, nos termos da mesma autora, pode ser “um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade”.

Verena aponta ainda que “como toda fonte histórica, a entrevista de História oral deve ser vista como um “documento-monumento”, conforme definida pelo historiador francês Jacques Le Goff”, para Le Goff “durante muito tempo pensou-se em “documento” como resíduo imparcial e objeto do passado, ou ao qual muitas vezes se atribuía valor de prova. O “monumento”, em contrapartida, teria como característica a intencionalidade, uma vez que é construído para perpetuar a recordação”.

No caso do nosso objeto de estudo, julgamos importante recolher um conjunto de entrevistas que puderam colaborar para identificação de traços significativos da trajetória de Joselito Lucena em sintonia com um campo social mais amplo. Isso se se considerar que o tempo da memória pode ser lembrado individualmente e/ou de maneira coletiva, e que ao lembrar o passado, os sujeitos que viveram a experiência passada estão se “ocupando conscientemente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”.<sup>29</sup> Argumento que nos alerta para a necessidade de fazermos um exercício de cotejamento da fonte

---

<sup>29</sup> Conferir a função social da memória de velhos em Bosí (1994, p. 60)

oral com outros tipos de fontes, isto é, promovendo um confronto crítico com outras fontes de informações.

Como já dito, os diários pessoais e as crônicas foram algumas de nossas fontes de pesquisa, e para a historiadora Maria Teresa Cunha, os diários pessoais “como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ou fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, um instrumento de construção do passado”<sup>30</sup>, para Pesavento “a sensibilidade está no cerne da História Cultural, que se propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens, a partir de sua história, representaram a si próprios e ao mundo”. A função dos diários pessoais do Joselito Lucena em nossa pesquisa se fundamenta justamente nessa sensibilidade apontada por Pesavento, que não retira o objeto do contexto social, mas que traz uma dimensão de peculiaridade em meio as práticas e representações do indivíduo ou do todo social.

Já as fotografias foram utilizadas para analisar, como definem Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho em seu artigo *Fotografias, Usos sociais e historiográficos*, que servem sobretudo para “identificar aqueles elementos que constituem padrões visuais e funcionamento na sociedade”, ou que “além disso, as fontes fotográficas sozinhas não bastam, a problemática histórica é que deve guiar a abordagem das fontes”.

As fitas K7's foram analisadas afim de localizar por meio de uma linha temporal nelas contida, acontecimentos que circundaram o meio jornalístico esportivo em que Joselito Lucena esteve inserido, além de servirem como base para cruzarmos informações colhidas em entrevistas ou depoimentos escritos e que apareceram em forma de áudio ao serem gravadas em áudio tape.

---

<sup>30</sup> Ver Maria Teresa Cunha, *Territórios abertos para a História* in *O historiador e suas fontes*, São Paulo 2009.



Sobre essas fontes, o historiador Marcos Napolitano esclareceu que

Todo documento, incluindo os documentos de natureza audiovisual, deve ser analisado a partir de uma crítica sistemática que dê conta de seu estabelecimento como fonte histórica, datação, autoria, condições de elaboração, coerência histórica do seu “testemunho”, e do seu conteúdo potencial informativo sobre um evento ou um processo histórico. (NAPOLITANO, 2009, p. 266)

Em *História dos, nos, e por meio dos periódicos*, a historiadora Tania Regina de Luca (2009) afirma que “a variedade da fonte impressa é enorme e suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas”, a autora ainda aponta que a sugestão de um procedimento metodológico e técnicas de pesquisa, é fazer um mapeamento das fontes e como melhor utilizar essas fontes, que foi o que seguimos com os recortes de jornais ou mesmo os periódicos ainda conservados em acervos e etc.

Seguindo a metodologia de De Luca (2009), constituiremos uma longa e representativa série dos periódicos, caracterizamos o grupo responsável pela publicação, e identificamos o público a que se destinavam esses periódicos, vale ressaltar que no caso do jornal, analisamos o *Jornal Diário da Borborema*, com o período compreendido entre nossa análise sobre o objeto, e analisamos como o personagem Joselito Lucena aparece nesse jornal e em revistas, podendo compreender suas facetas no radiojornalismo esportivo, as representações criadas sobre ele e como o mesmo se consolida na história do radiojornalismo de Campina Grande.<sup>31</sup>

De acordo com os objetivos específicos traçados para o presente trabalho, a pesquisa se fez distribuir em três capítulos, o primeiro capítulo analisou o arquivo pessoal de Joselito Lucena, que será nossa

---

<sup>31</sup> O autor registra os agradecimentos aos funcionários da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, local onde esteve por diversas vezes e foi sempre muito bem tratado. A biblioteca se localiza na rua Baraúnas, bairro universitário na cidade de Campina Grande, Paraíba.

fonte geral. Importa lembrar que o arquivo apontado é composto de um conjunto de fitas K7s contendo detalhes descritivos das partidas de futebol ou dos programas ali gravados. Agendas que guardavam compromissos do dia, situações particulares e sensíveis do Joselito Lucena, como verdadeiros diários. Fotografias de vários eventos que circundaram o universo jornalístico do período recortado. Recortes de jornais das décadas apresentadas no objetivo de estudo, e crônicas feitas pelo objeto de estudo.

Fizemos ainda no primeiro capítulo uma apresentação e análise da composição do que chamamos de *arquivo pessoal*, de Joselito Lucena, isto é, um conjunto de documentos de natureza diversas que foram selecionados e organizados pelo próprio personagem entre os anos de 1950-2011. Nesse caso, pensamos tal arquivo enquanto depositário de um conjunto de memórias pessoais/profissional que remetem a um desejo de criar uma escrita de si, isto é, traduzindo sinais do seu desejo de narrar-se.

No segundo capítulo traçamos a sua trajetória profissional, afim de percebermos os seus passos no rádio, suas contribuições, conquistas e revezes dentro do radiojornalismo esportivo de Campina Grande e do Estado da Paraíba. Seguimos utilizando o arquivo pessoal já apontado, como base das fontes para seguirmos esses *rastros do percurso*. O segundo capítulo serviu também para analisarmos como os condicionantes externos foram decisivos em toda a trajetória de Joselito Lucena e seus passos interligados com o meio social.

No terceiro e último capítulo analisamos as representações criadas por alguns de seus contemporâneos apontando a *escola Joselito Lucena*, que seria a formação de gerações de profissionais do rádio por Joselito. Também mostramos os diversos *lugares de memória* que surgem ao longo dos anos que seguem depois de sua morte.



*Eu me sinto altamente honrado. Não mereço tanto, porque toda militância minha foi aqui. Eu nasci para o rádio aqui. Eu vim de uma cidade baiana, Jacobina, mas tudo que fiz aqui, fiz bem feito. Não me arrependo de ter jogado no campo do Bordel do Estádio Plínio Lemos, no campo do Treze, no Paulistano, ter tomado banho lá no Açude Velho, também no Açude Novo. Fiz tudo que queria em Campina [...]. Sou um homem feliz e tenho muito orgulho da família que tenho.*

Joselito Lucena em áudio retirado de sua última entrevista, TV Itararé, 2011.

## 2 CAPÍTULO 1. O ARQUIVO DE SI: JOSELITO LUCENA, A PREOCUPAÇÃO COM O ESQUECIMENTO E OS SINAIS DO DESEJO DE NARRAR-SE.

*“O feriadão registrado há pouco, ofereceu-me o tempo necessário para limpar algumas gavetas repletas de papéis antigos e que na ótica dos mais novos só serviriam para tomar espaço e o caminho para toda essa papelada seria evidentemente o lixo. Mas, entre os papéis encontrei uma velha fotografia registrando um dos grandes acontecimentos do esporte de Campina na década de 60. Era a formação de uma equipe fabulosa e que, certamente ao revê-la os mais antigos viveriam momentos de nostalgia. Ao contemplar a fotografia, senti o tempo voltar, como se tivesse entrado em uma máquina que proporcionasse a condição de estar naquela noite de 10 de janeiro de 1962 em pleno Estádio Municipal Plínio Lemos”.*

*Joselito Pereira de Lucena*<sup>32</sup>

*“A preservação da memória é elemento fundamental da construção da identidade individual e coletiva, sendo os arquivos privados fundamentais nesse processo”.*

*Ailton Alexandre de Assis*<sup>33</sup>

### 2.1 O arquivo e os caminhos para guardar a memória.

No início do ano de 2018 tivemos o primeiro contato com o arquivo pessoal do agora então, objeto de estudo, o cronista esportivo Joselito Lucena. Ao entrar em seu quarto, onde tudo permanecia

---

<sup>32</sup> Crônica encontrado no arquivo pessoal de Joselito, com data de 31 de outubro do ano 2000. A fotografia citada trata-se de uma formação do time do Campinense Clube que naquele ano derrotou o Bahia na Taça Brasil. Na época, o time baiano era muito forte e recebeu o apelido de “Esquadrão de Aço”, com a fotografia pudemos cruzar as informações.

<sup>33</sup> Possui Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura (2009), pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), graduação em Filosofia (1993) e especialização em História de Minas no século XIX (1995), ambas pela Funrei, atual Universidade Federal de São João del Rei. Possui também graduação em Geografia pela Universidade Vale do Rio Verde-UNINCOR (1999). Atualmente é professor do curso pré-vestibular Frei Seráfico, em São João del Rei, e assistente em administração da UFSJ.

guardado desde a sua morte em 2011, tivemos algumas inquietações logo de imediato, a principal delas foi a de refletir sobre o significado do gesto de arquivar, e que logo nos levou a novas indagações. Joselito Lucena havia deixado um arquivo organizado, catalogado e cronologicamente disposto entre 1950 e 2010 com alguma intencionalidade? O cuidado com o arquivo já demonstra uma certa preocupação com o esquecimento? Por que Joselito Lucena selecionava cuidadosamente registros sobre o futebol, o rádio, os cronistas, e os que de certa forma possuíam algum vínculo com a cidade de Campina Grande?

Mas desde a introdução deste trabalho que falamos em arquivo, o que seria um arquivo? O que seriam os documentos contidos nesse arquivo. Sobre tais questionamentos De Assis (2009) destaca que “numa perspectiva tradicionalista, de acordo com o *Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos*, da Associação dos Arquivistas Holandeses, obra do século XIX e publicada no Brasil pelo Arquivo Nacional em 1973, arquivo era o arquivo público”, e o manual define que

É o conjunto de documentos escritos, desenhos e material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou por um de seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia desse órgão ou funcionário. (p. 13, grifos meus)

Segundo Celso Castro (2008, p. 27, apud DE ASSIS, 2009, p. 37), “arquivo é uma instituição destinada à guarda de documentos de origem pública e privada, e, por extensão, também o próprio conjunto de documentos guardados” sobre documento, De Assis (2009) aponta que “segundo a perspectiva tradicionalista, conforme o citado Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos (1973), documentos arquivísticos seriam apenas documentos escritos, desenhos e material impresso.

De Assis (2009) diz que

Ampliado o conceito de documentos, tem-se hoje refletido não propriamente sobre o que seja ou não documento, mas o próprio processo de arquivamento, em virtude de se considerar fundamental o papel da seleção de documentos e o jogo de poder presente nessa operação [...] No arquivo, os testemunhos, rastros do passado no presente, são transformados em documentos – aqui tomados em sentido amplo e não apenas como referência a textos escritos.

Castro (2008, p. 32) afirma que “o documento, portanto, não preexiste ao arquivo: um determinado artefato se constitui em documento na medida em que é associado, por diferentes pessoas, a uma série de concepções de valor, memória e passado que o levam a ser preservado”.

O filósofo Paul Ricoeur (2007, p. 178) aponta que o início da prática do arquivamento, “assume o primeiro plano a iniciativa de uma pessoa física ou jurídica que visa a preservar os rastros de sua própria atividade; essa iniciativa inaugura o ato de fazer história”. Nesse momento, o arquivamento transforma memória em história, como destaca Ricoeur (2007, p. 178) “assume o primeiro plano a iniciativa de uma pessoa física ou jurídica que visa a preservar os rastros de sua própria atividade; essa iniciativa inaugura o ato de fazer história”.

O arquivo pessoal de Joselito Lucena, revela além da sua e de várias outras trajetórias, toda uma questão sensível, é em meio a todo material já citado, que aparece o Joselito Lucena sensível, ou bravo, ou muitas vezes o com dificuldades financeiras, como destaca De Assis,

Assim, a intencionalidade é uma das características que permeiam a composição do arquivo pessoal. Paralelamente à intencionalidade, também caracteriza o arquivo pessoal a questão da intimidade. Um arquivo deste tipo é constituído de documentos que não representam apenas as funções públicas do produtor: entram ali documentos que expressam sua visão de mundo, sua vida sentimental, seus hábitos, suas condições financeiras. Juízos de valor, preconceitos, opiniões pessoais sobre diversos assuntos ou sobre outras pessoas, além de outros aspectos reveladores da personalidade do produtor de arquivos e

daqueles com quem ele se relacionava através, por exemplo, da correspondência, podem ser identificados no conjunto de documentos. Por isso, ter acesso ao arquivo pessoal é também, em muitos casos, ter acesso à vida íntima (DE ASSIS, 2009, p. 52).

Joselito Lucena cria com seu arquivo, sua memória individual, com suas experiências vividas e registradas por fotos, vídeos, crônicas, periódicos, áudio tapes e etc., as suas próprias representações, de um agente militante do radiojornalismo campinense, até o pai, marido, avô, bisavô, amigo, rival e etc. que foi esse personagem.

Para Ricoeur (2007, p. 107, apud DE ASSIS, 2009, p. 25) a memória individual possui três características que a colocam como um fenômeno individual, 1- a memória é algo radicalmente singular – o que o autor nomeia de *minhadade*; 2- a memória é o passado das impressões individuais e garante a continuidade temporal da pessoa – a sua identidade – e 3- a memória fornece ao indivíduo a orientação temporal – passado, presente, futuro (Cf. RICOEUR, 2007, p. 107). O filósofo e pensador francês Ricoeur (2007, p. 40, apud DE ASSIS, 2009, p. 27) ainda observa que a memória tem a pretensão de ser fiel ao passado, e que o “avesso de sombra da região iluminada da memória. Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar”.

Para além do conceito de memória adotado pelo Paul Ricoeur, observamos ainda a *memória coletiva*, e sobre ela o sociólogo Maurice Halbwachs<sup>34</sup> destaca:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre

---

<sup>34</sup> Ver, HALBWACHS, Maurice, *A memória coletiva*.



levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.30)

De Assis (2009) destaca que “o indivíduo, membro de um grupo, está sempre interagindo e construindo com os outros as lembranças. As memórias individuais se alimentariam dessa memória do grupo, o qual é importante tanto no processo de produção da memória quanto de rememoração”.<sup>35</sup>

Para Sue McKemmish (2013, p. 18), esse impulso fundamental do ser está associado aquilo que “Swift (1992, p. 62) caracterizou como a necessidade que o homem, ‘animal narrativo’ por excelência, tem de deixar atrás de si as reconfortantes ‘boias de marcação’ e ‘rastros do percurso’ que são as histórias”. Gomes (2018, p. 57) reforça que “desse modo, os registros e testemunhos que produzimos ao longo de nossa existência, isto é, de nossas atividades e experiências compõe um arquivo pessoal para assegurarmos nosso lugar no presente e no futuro, por meio da memória do passado”.

Crônicas encontradas no arquivo de Joselito Lucena, mostram essa sensibilidade na escrita, esse esmero com *o outro*, pois como dito, Joselito Lucena não guardava somente documentos de sua trajetória, e mesmo que o fosse, inevitavelmente outros agentes históricos, personagens desse contexto surgiriam, como destaca De Assis:

Os arquivos reúnem testemunhos transformados em documentos – testemunhos da memória individual e da memória coletiva. O ato de arquivar – portanto de selecionar, recortar, incluir e excluir – realizado por uma pessoa física também nasce da necessidade de preservar os rastros de sua atividade: é voluntário, mesmo que para a constituição do arquivo sejam chamados testemunhos não

---

<sup>35</sup> Ver, DE ASSIS, Ailton Alexandre, Cap I, O lampião – ou à luz das teorias de memória e arquivos. In. Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco – memória e autobiografia.

voluntários, testemunhos a contragosto. Lembrar de si é lembrar-se do outro e com o outro (DE ASSIS, 2009, p. 39).<sup>36</sup>

Para além de um *inventário* do arquivo pessoal deixado por Joselito Lucena – daí uma proposta nos feita e uma inquietação que nos toma para uma outra oportunidade de escrita – nossa proposta foi perceber como com muito cuidado e dedicação, Joselito Lucena guardou ao longo de mais de 60 anos, um verdadeiro acervo que narra não somente a sua trajetória de vida, mas a história do radiojornalismo esportivo de Campina Grande, da Paraíba e até do Brasil, obviamente que seu cuidado sempre foi em arquivar documentos relacionados a Campina Grande, ao futebol campinense, aos desportistas de modo geral, não somente os do meio futebolístico como já apontado, que fossem ou levassem o nome da Paraíba em seus esportes.

Joselito Lucena deixa em seu arquivo pessoal, diversas possibilidades de leitura a partir de inúmeros agentes que fizeram ou que fazem parte do meio radiofônico de Campina Grande, a lembrar de Humberto de Campos, com o seu famoso programa chamado *Jogo Duro*, que Zelito fez questão de assegurar diversas cópias de jornais com as crônicas feitas pelo já falecido cronista Humberto de Campos, em seu arquivo.

É necessário então, diante das discussões traçadas até o momento, que possamos perceber as diferenças entre os tipos de arquivos já apontados, arquivos públicos, arquivos privados. Esse esclarecimento é importante porque a noção de arquivo pessoal é própria

---

<sup>36</sup> Ver, DE ASSIS, Ailton Alexandre, Cap I, O lampião – ou à luz das teorias de memória e arquivos. In. *Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco – memória e autobiografia*. O autor ainda reforça que algumas práticas caracterizam o arquivo como sendo uma tentativa de salvaguardar a memória e de monumentalizar o arquivador, “a intencionalidade do produtor fica evidente e é afirmada a partir de expressões apostas a documentos: “cópia”, “para o arquivo”. Como consequência dessa ação intencional, o conjunto de documentos torna-se ele próprio um monumento: resultado do projeto do produtor de apresentar ao futuro uma imagem de si e de exercer um controle sobre ela. Que outro motivo levaria Octávio Leal Pacheco manter, por exemplo, cópias datilografadas ou manuscritas de correspondências e outros documentos? Quantos de nós fazemos cópias das cartas que escrevemos ao longo da vida e depois as guardamos?”

da arquivologia e os arquivos pessoais figuram como resultado do acúmulo de registros de natureza privada que são organizados e catalogados – em alguns casos pelo próprio titular e/ou seus familiares – pelos arquivistas e depositados em lugares – arquivos – de pesquisa. Esse não foi o caso do arquivo de Joselito Lucena, como destacou De Assis (2009) ao dizer que “para certos arquivistas, arquivos pessoais privados eram considerados como “coleções” e não se reconhecia neles a organicidade que seria própria dos conjuntos de documentos de origem pública”.

É então que a historiografia dos últimos anos passa por uma redefinição e nos traz novas possibilidades de alargamento no que se refere a observação da escala, antes com a história total, agora com a *Nova História Cultural*, a *micro-história* nos fazendo atentar para a vida privada, o cotidiano, as representações, os gêneros e etc... É a

História cultural que, grosso modo, vai sendo proposta a partir desse longo esforço de reflexão e aprendizado, se quer distinta porque recusa fundamentalmente a «expulsão» do indivíduo da história, abandonando quaisquer modelos de corte estruturalista que não valorizem as vivências dos próprios atores históricos, postulados como sujeitos de suas ações. (GOMES, 1998, p. 123)

Utilizando-se dessas reflexões no campo da *micro-história* adentraremos ao arquivo e cuidadosamente buscaremos os indícios e vestígios deixados pelo personagem ao longo de mais de sessenta anos. É somente com esse olhar cuidadoso acerca de todos os itens dispostos no arquivo do titular, que poderemos nos aprofundar em sua vida cotidiana, suas relações, seus sabores e fazer ouvir a sua própria voz sobre tudo que circundou o meio radiofônico e as relações com esses atores que passaram pelo rádio de Campina Grande no recorte apontado.

## **2.2 Quando o historiador ingressa ao estádio e tem início a partida (o arquivo de Joselito Lucena se apresentando como um grande clássico de futebol)**

Ao entrarmos em contato direto com o arquivo pessoal deixado por Joselito Lucena, diversas coisas nos chamaram atenção, em primeiro lugar como os diversos documentos encontravam-se, a exemplo das fitas K7s separadas e catalogadas com pelo menos os anos e o que continham gravados naquele áudio tape. Papéis separados por décadas, desde as décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 até os anos 2000 desembocando para 2010, contendo em algumas pastas inúmeros recortes de jornais, em outras crônicas sobre o universo do futebol, outras pastas com crônicas sobre suas inquietações pessoais e algumas pastas com documentações sobre minúcias tanto de dentro da Rádio Borborema como posteriormente da Rádio Caturité.

Notas das diversas viagens por quase todo o Brasil, contas de hotéis de todas as regiões do país, passaportes de quando fora cobrir as Copas América que cobriu tanto no Brasil quanto no Uruguai e no Chile. Guardanapos com detalhes de horários quando na chegada em algum local para transmissão do espetáculo de futebol, isso quando não tinha a oportunidade de registrar sua chegada em uma agenda pessoal, diversas delas encontradas também com detalhes de eventos que cobrira ao longo dos anos já mencionados.

Em segundo lugar o cuidado com que Joselito Lucena mantinha com esse arquivo é demonstrado quando também nos deparamos com CDs já usados para a conversão das fitas K7s, mostrando que ele tinha um cuidado com esse acervo documental de diversos eventos a nível não somente de Campina Grande, mas também do Estado da Paraíba e do Brasil como um todo, é clara em nossa leitura observando o arquivamento desses documentos, um certo gosto pelos times de Campina Grande e da Paraíba em relação aos outros times de futebol do

restante do país, fato é que Joselito Lucena se preocupava em manter esses arquivos “vivos”.

Sobre os recortes de jornais é válido lembrar de um terceiro ponto observado, Joselito Lucena não se preocupou apenas em guardar reportagens sobre o âmbito futebolístico – mesmo que seja sua maioria – mas sobre o esporte como um todo. Encontramos por exemplo matérias de jornais sobre a conquista da judoca paraibana Edinanci Silva<sup>37</sup>, quando da conquista da medalha de ouro nos Jogos-Pan-americanos de Judô em 2003 realizados na República Dominicana. Encontramos também a conquista de Ricardo e Emanuel, dupla paraibana que conquistou os Jogos Olímpicos de 2004, e que Joselito Lucena tratou de guardar o jornal que noticiava esse feito.<sup>38</sup>

Do mesmo modo com que tratava de regravar em CDs as fitas mais desgastadas, afim de conservar os áudios contidos nas mesmas, Joselito Lucena também xerocava documentos que já estavam em um estado de muito desgaste, afim de “salvar”, como mesmo menciona em algumas crônicas, aquele registro. Outras vezes tecia uma crônica falando sobre o achado de um novo registro que já não lembrava mais que o tinha, devido à distância do tempo em que o guardou no passado.

Recibos de pagamentos feitos aos funcionários das rádios – Borborema e Caturité – das décadas já citadas, cartas trocadas entre chefes de departamento afim de uma comunicação previa sobre um

---

<sup>37</sup> Edinanci Fernandes da Silva é natural de Sousa na Paraíba e nasceu em 23/08/1976, iniciou a prática do Judô com 15 anos de idade, por recomendação médica. Conquistou diversas medalhas em sua carreira como judoca, se destacando mundialmente nessa modalidade.

<sup>38</sup> Ricardo Alex Costa Santos nasceu em 6 de janeiro de 1975, Baiano da cidade de Salvador, se radicou em João Pessoa, na Paraíba. Formou dupla com o jogador Emanuel, com o qual participou das Olimpíadas de Atenas 2004, ganhando a inédita medalha de ouro. Já Emanuel Fernando Scheffer Rego nasceu em Curitiba no 15 de abril de 1973. Se destacou por competir em cinco Jogos Olímpicos seguidos, formando dupla com o jogador Ricardo em duas delas. Participou das Olimpíadas de Atlanta 1996, Sydney 2000, Atenas 2004, Pequim 2008 e Londres 2012. Emanuel foi escolhido como *o Atleta da Última Década do Século* em votação realizada pela Federação Internacional de Voleibol. O recorte em questão, foi extraído do Jornal *Diário da Borborema*.

determinado jogo a ser transmitido em uma determinada cidade, geralmente quando as rádios de outros estados entravam em cadeia com a Caturité ou Borborema, algo comum, principalmente com *Os Diários Associados*, devido a dinâmica que adotavam em todo país, de manter esse leque de profissionais interligados em todo Brasil.

A tabela a seguir deve ilustrar parte do arquivo de Joselito Lucena – o pesquisador trabalhou com um recorte do que julgou necessário para traçar a trajetória de vida do personagem em questão – pois não foi feita uma leitura do arquivo em sua totalidade, mas em uma parte considerável do mesmo, deixando então uma dimensão do arquivo analisado. A tabela abaixo apresenta a quantidade discriminada de cada item encontrado no arquivo pessoal do titular, em sua totalidade.

<b>ARQUIVO DE JOSELITO PEREIRA DE LUCENA: DOCUMENTOS POR SÉRIE</b>	
<b>SÉRIE</b>	<b>Nº DE DOCUMENTOS</b>
<i>Pessoais</i>	
Agendas/diários	13
Crônicas pessoais	103
Jornais e recortes de jornais	359
Comentários/crônicas esportivas – futebol	124
Chamadas dos programas; scripts; leituras diárias nas rádios; curiosidades sobre os times	68
Correspondências	44
Recibos; contratos; rescisões	38
Cópias/xerox (documentos diversos)	139
Anotações diversas. Agradecimentos de audiência; escalações de times, horários de viagens e etc.	132
Fotografias coladas em folhas com descrições	56
Fotografias avulsas	197
Quadros/molduras com fotografias e certificados	19
Negativos de fotos	26
Troféus; placas; convites; certificados	23
Monografia de terceiros – trabalho dedicado com dedicatória à Joselito Lucena	1
Ensaio – assim nomeado pelo próprio titular	5
Livros sobre rádio e futebol – adquiridos pelo titular e/ou presentes recebidos de terceiros	25
Objetos – itens diversos, a exemplo de rádios; toca discos; micro system, entre outros.	11
Vinís	54
CDs – diversos gêneros musicais e conversões dos áudios tapes	119

Fitas VHS	8
Revistas sobre futebol	67
Fitas K7s – reprodução de narrações e passagens da atividade profissional	268
<b>TOTAL</b>	1899

Percebemos com a tabela acima demonstrada, toda a luta contra o esquecimento que Joselito travava diariamente, e que o fazia manter a prática do arquivamento, do guardar suas lembranças e as lembranças que além de o envolverem, as que envolviam o rádio de maneira geral, o esporte – o futebol de maneira mais incisiva – o cotidiano da *Rainha da Borborema* – Campina Grande – e os momentos significativos de sua passagem pela vida.<sup>39</sup>

### **2.3 Joselito Lucena e sua rede de relações diversificadas (em todo o Brasil existe um companheiro do rádio)**

Era comum que além da transmissão em cadeia, todos os profissionais dos *Diários Associados* tivessem um certo contato, um ponto de apoio ao chegar em outra cidade que não a sua, para uma transmissão, gerava então a amizade entre esses profissionais do rádio, que muitas vezes se correspondiam antes dos eventos para os ajustes e a logística da ida, recepção e estadia no local onde iriam transmitir a partida.

Uma dessas cartas, essa em específico quando o Joselito Lucena ainda estava na Rádio Caturité - em sua primeira passagem pela emissora - demonstra bem essa sintonia entre as rádios, e como se davam essas relações, que como frisado, Joselito Lucena fez questão de manter guardado esse registro. A carta em questão foi enviada pela Rádio Clube

---

<sup>39</sup> Encontramos a maioria das crônicas descritas na tabela acima, datilografadas, mas dentro dos escritos encontrados nas agendas e diários que o titular utilizava em seu dia a dia, encontramos diversos manuscritos.



de Pernambuco S. A., na época localizada na Avenida Cruz Cabugá, nº 394, Recife, Pernambuco no dia 29 de setembro de 1960, e era um contato para uma venda de alguns capítulos de radionovela. Afirmou,

Companheiro Joselito. Saudações radiofônicas. Servindo-me do ensejo em que o “camarada” Genivaldo vai cumprir o direito cívico do voto, e tomando conhecimento da reforma na programação da nossa Caturité, lembro a você que ainda posso enviar os programas que foram citados por Genivaldo, no último contato que ele teve com você nesse sentido, e ainda posso lhe oferecer as seguintes novelas: ATÉ QUE O CÉU CONDENE – com 42 capítulos, poucos personagens, e que você poderá irradiar com sua turma com o mesmo sucesso que aqui obtivemos. SEMPRE NO MEU CORAÇÃO – 21 capítulos e nas mesmas condições de facilidade. Todas essas novelas são de 25 minutos cada capítulo e modéstia à parte, obtivemos grande sucesso. (Puxando a brasa para minha sardinha) O preço por capítulo podemos fazer pela metade que se paga aqui, Cr\$100,00. O meu interesse não é só ganhar essa gaiata em boa ocasião, mas, também, divulgar minhas besteiras nessa terra boa que guardo no coração e relembro com saudade o tempo que aí passei. Bem, Joselito, um abraço para você e fico aguardando suas ordens, por intermédio do Genivaldo. Abraços, (não conseguimos identificar a assinatura do remetente).<sup>40</sup>

Diversas outras cartas, com esse teor de diálogo, algumas envolvendo emissoras de rádio tanto do Nordeste quanto do restante do país, com agradecimentos pela hospitalidade, agradecendo pela ida ou mesmo pedindo desculpas por algum revés. Outras com pedidos de dispensa da Rádio em questão, como no caso de Carlos Siqueira, que em uma carta tensa, comunica seu desligamento da Rádio Caturité, veja:

AO DIRETOR DO DEPTO. ESPORTIVO DA CATURITÉ:  
JOSELITO PEREIRA DE LUCENA. Amigo, Zelito. Confesso a você e a todos os integrantes deste departamento que fiquei profundamente triste com o que aconteceu no último domingo até hoje (24.04.90) aqui no Departamento de Esportes. [...].

---

<sup>40</sup> Carta encontrada no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

Confesso que aprendi muito fazendo parte desta equipe. Zelito (você além de um grande profissional é uma ótima pessoa). Sempre que precisar do AMIGO VELHO estou a sua disposição. Só que desta vez não dá mais. A partir de hoje a chamada do futebol deve ser gravada por vocês. Sinceramente, mesmo de fora, vou ficar torcendo pelo sucesso da equipe. Afinal, eu fui um dos incentivadores para a criação deste departamento, desde a época em que você, Adalberto, Rostand e Humberto de Campos foram demitidos da Borborema. Velho Baiano, não há mais jeito. Este é o melhor caminho. Um forte abraço a você e a todos da equipe. Carlos Siqueira Filho. Campina Grande, 24 de abril de 1990.<sup>41</sup>

É nesse universo de documentos encontrados no arquivo pessoal de Joselito Lucena, que começamos a enxergar além de uma preocupação que ele nutria com relação ao esquecimento, ao “extrair um fato do real, em constituí-lo enquanto acontecimento, inscrevendo-o numa lista, e em conservar esse documento”, podemos observar também a sua *rede de relações diversificadas*. Nesse gesto, a própria vida é arquivada enquanto vivida, criando-se uma espécie de arquivo de si, nos dizeres de Gomes (2018, p. 57).<sup>42</sup>

## **2.4 Seguindo os rastros do arquivo: as narrativas do eu e narrativas dos outros sobre si.**

Um *esforço por narrar os traços essenciais de sua vida*, é notado em escritos encontrados em seu arquivo pessoal, arquivo esse que é guardado pela família desde sua morte em 2011, e mantido “por respeito, pelo cuidado que ele tinha com as coisas dele” como destacou sua filha mais velha, Josiete Lucena. Francisco Assis do Nascimento, o Olé também guarda na memória a lembrança de Joselito Lucena o dizendo que quando partisse gostaria que ele pudesse utilizar o arquivo para

---

<sup>41</sup> Comunicado encontrado no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

<sup>42</sup> Ver GOMES, Jordan Queiroz, Cap. II, Tempos de configuração da vida material. In. *A Família Pessoa, o prestígio e a tradição: encenações e práticas oligárquicas na Paraíba (1889-1942)*.

escrever sobre o futebol, o rádio, os diversos personagens que passaram pela história do rádio campinense e paraibano e assim manter viva a memória de muitos.

Seguindo tais rastros pudemos relembrar e conhecer um pouco das viagens feitas pelo Brasil a fora, como a que segue, vejamos:

No dia 22 de setembro de 1993 viajei com Chico Alemão para transmitir o jogo Brasil e Uruguai, no Estádio do Maracanã, decidindo as eliminatórias da Copa do Mundo para o ano de 1994. Foi no voo da Varig 268 saindo do Aeroporto João Suassuna, com conexão no voo 341, saindo do Aeroporto Internacional dos Guararapes com destino ao Rio de Janeiro, as 18 horas já com bastante atraso. Ficamos no Hotel OK, onde já estava o amigo Natanael Oliveira, Doutor das Faixas. O Hotel OK situado na Rua Dantas Barreto, 24. A noite jantamos, fomos ao Amarelinho onde encontramos os amigos de Alagoas, tomando Chopp preto e amarelo. No sábado fomos a Copacabana e a Gávea onde aproveitamos para ver o treino de descontração da Seleção Brasileira de Futebol.<sup>43</sup>

Percebamos os detalhes envolvidos na escrita, a riqueza desses detalhes revela o cuidado com que Joselito Lucena tinha em guardar não apenas o fato ocorrido e transformá-lo em memória, mas registrando suas atividades ele se perpetuava, como afirmou De Assis (2009, p. 50) “uma vez que o arquivar é também uma forma de se perpetuar”. Vários outros escritos e registros dessa natureza foram encontrados no arquivo pessoal de Joselito Lucena, tanto em forma de crônica quanto em suas agendas, e é bem verdade que aparecem mais em suas agendas/diários que os acompanhava obviamente em seu dia a dia.

As dificuldades e alegrias passadas ao lado dos companheiros que militavam no rádio ao seu lado, por exemplo, o locutor esportivo Romildo do Nascimento, que Joselito Lucena carinhosamente o

---

<sup>43</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada pelo autor no arquivo do titular, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita ainda em 1993, logo após o acontecido.

chamava de *o grandão*, e guardou diversos escritos de viagens ao seu lado, a exemplo dessa que diz:

21 de fevereiro de 2006, a confirmação para a viagem a Campo Grande no Mato Grosso do Sul só saiu quase em cima da hora de viajar. Cheguei em casa quase 12, banho às pressas, chegando ao centro as 12 horas. Rostand me levou até um taxi próximo a rodoviária onde Romildo me esperava e fomos para o aeroporto de Santa Rita. Uma viagem muito séria e inesquecível. Com o grandão [Romildo Nascimento] sempre me dei bem e não tenho restrições até que a mim seja mostrado o contrário. Pois bem. Embarcamos no mesmo voo saímos até a primeira classe, de Goiânia saímos as 21:30 debaixo de chuva, confesso que não sabia o que a mim era oferecido quando solicitei da aeromoça uma cerveja, a mesma disse dois nomes e perguntou, você conhece a “Xingu”? Disse que não, mas, ela chegou depois numa lata verde escura com cones da Amazônia, pedi uma pra mim e outra para o grandão, repeti a dose o grandão também, mas, ele sentiu, era forte. Estava com a Xingu nos lábios, de repente o avião estremece todo, balança de um lado para o outro, entra em um vácuo, mais adiante outro registro dos fatos, escuto um grito, e o grandão na poltrona atrás de mim, tenta assistir uma das assistentes do avião que escorregou e caiu, justamente ali onde são servidos os alimentos, refrigerantes, etc. desde Goiânia, Brasília e Campo Grande isto se registrou quando a Xingu deixou minhas mãos e subiu para bater no teto do avião, uma senhora se solidarizou comigo, olhei para trás e o Romildão estava agarrado na poltrona. Claro que os passageiros que comumente viajavam para Campo Grande nos alertaram no desembarque que aquele foi um fato inusitado. Mas, a viagem a Campo Grande teve outros fatos que justificaram a nossa, pelo menos a minha, ida. Se quiserem alguma confirmação procurem “o grandão”, Romildo Nascimento, ele vai confirmar que amizades existem pois fomos recebidos pelo presidente da Associação dos Cronistas Esportivos do Mato Grosso, Marco Antonio e seu filho, que nos levou para o Hotel Nacional onde dividimos o mesmo apartamento. Após o banho fui com Romildo para o restaurante do Hotel Internacional à beira da piscina e pegamos uma picanha caprichada, andamos um pouco e como estava ficando tarde fomos recuperar as energias pois o jogo no Pedro Pedrossian [Estádio] nos tomaria mais tempo em vista do fuso horário. Dia do jogo andamos bastante pela cidade e almoçamos no Gauchão, uma boa churrascaria próxima ao Hotel. Finalmente fomos

levados para o Estádio, claro que mais cedo. Primeiro susto; procurei minha linha de transmissão e não tinha, fui informado pelo técnico da Embratel que o pedido não havia chegado, uma decepção, quando vi os companheiros testando e falando para suas rádios não me apavorei, já havia passado por alguns vexames anteriores, resolvi lutar. Conversei com o técnico e pedi para fazer uma ligação para a minha Rádio pelo telefone e fui atendido, mostrei os conhecimentos técnicos e consegui convencê-lo a me emprestar o seu comunicador para que eu pudesse com a ligação a cobrar, fazer minha transmissão, ele argumentou que era impossível porque não tinha retorno, mostrei a ele que eu fazia, com um bom papo e um agrado, usei o seu telefone e quando ouvi que meu som chegava a Recife e João Pessoa faltava apenas um degrau que era a Telemar, e assim cheguei com meu som à Rádio. Combinei como seria o meu retorno e o que parecia difícil também para minha técnica, eu já havia feito quando da Mini Copa e despedida do rei Pelé, ano 71 e 72. Como naquelas jornadas do Maracanã, a de Campo Grande Também. O técnico da Embratel ficou encantado, nunca havia visto nada igual e que iria contar aos seus companheiros o que aconteceu. Minha transmissão foi excelente, o meu pista comentarista ficou encantado, trabalhei muito, cansei, mas fiquei contente comigo mesmo e os companheiros que me ajudaram.<sup>44</sup>

A exemplo do trecho acima utilizado, Adalberto Alves, Chico Alemão, Rostand Silva Lucena, Gilson Souto Maior, Paulo Roberto, Levi e Clélio Soares, Alberto de Queiroz, Francisco Assis do Nascimento, Humberto de Campos, Luciano Santos, Edson Maia e tantos outros que fizeram ou ainda fazem radiojornalismo em Campina Grande, estão *guardados* e cuidadosamente rememorados no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

Além de eventos futebolísticos e paralelamente coisas do âmbito esportivo, Joselito Lucena deixou um vasto número de escritos que chamamos de sensíveis, tanto envolvendo sua profissão, como sobre

---

<sup>44</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada pelo autor no arquivo do titular, com data de fevereiro de 2006. Uma parte do relato foi escrita na hora do fato, ainda no avião, em uma de suas agendas, no caso a de 2006.

outras profissões ou temáticas, o mostrando atento a diversos outros campos, a exemplo desse, vejamos:

Hoje é dia do circo, quem é que não gosta de circo? Desde menino que sou louco por circo, vi muitos desde mambembe até os mais ricos que se apresentaram neste país. O circo tem a China revelando registros antigos, mas na Grécia Antiga e Roma Antiga que o circo adquiriu forma e até uso político, os césares inclusive instituíram a política do “pão e circo”. O circo moderno surgiu na Inglaterra, tendo como atração principal o espetáculo com cavalos, depois vieram os saltimbancos, malabaristas e palhaços. Hoje pela manhã assisti pela televisão o treinamento exaustivo para o indivíduo chegar a ser palhaço, nas diversas modalidades, eles estudam a profissão e chegam a formatura nas variadas atividades, hoje no Rio de Janeiro várias pessoas estarão se formando nas atividades circenses.<sup>45</sup>

A crônica acima citada corrobora com a afirmação de alguns contemporâneos de Joselito Lucena quanto ao nível da sua intelectualidade, alguns companheiros de trabalho fazem questão de afirmar que Zelito Lucena era uma pessoa muito inteligente, que lia muito e que estava sempre a par de diversos assuntos, não somente sobre o rádio e o futebol, em entrevista Chico Alemão fez questão de destacar que “é aquilo que eu já frisei para você, o QI dele era muito avançado, o Zelito não era para ser locutor na Paraíba, Zelito era locutor para viver, se destacar, no sul do país”, “ele era um cara muito competente, era um cara que conhecia muito, lia muito, sabia perfeitamente o que era o futebol”.

Sobre a questão levantada por Chico Alemão e que tocaremos também no próximo capítulo, Francisco Assis do Nascimento, o Olé, também frisou essa questão de seu potencial para se destacar fora de Campina Grande, Francisco Assis do Nascimento disse que,

---

<sup>45</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 27 de março de 2009.

Joselito Lucena, que era baiano, lá de Jacobina, ele firmou um conceito tamanho em Campina Grande que eu me lembro que nos idos de 1971 ele recebeu um convite para ser narrador esportivo da Rádio Clube de Pernambuco, imagina-se que naquela época a Rádio Clube de Pernambuco tinha um alcance em todo nordeste do país, então descobriram aqui em Joselito Lucena que ele seria capacitado para ir trabalhar na Rádio Clube de Pernambuco, mas ele tinha um amor férreo, tremendo por Campina Grande e disse que não, que não se ausentaria daqui.<sup>46</sup>

Outros tipos de relatos sensíveis são encontrados em seu arquivo em forma de escritos, desta vez um comentário que escreveu sobre um acidente doméstico quando do acontecido quebrou o tornozelo, o que o fez passar por cirurgia. Notamos sempre uma reflexão sensível a respeito de algo que aconteceu, como a que segue:

Nada acontece por acaso, não posso e nem devo esquecer desta verdade, hoje sei muito bem o que significa e ontem mais uma vez ouvi um companheiro dizer para mim estas palavras, foi o Lula Barbosa, quando de sua visita ontem. Agradeço aos que repetiram esta máxima. Eu já sabia e pressentia que algo poderia acontecer, veio ainda em boa hora, penso eu, porque o tempo oferece seus espaços e a cabeça que não foi feita para separar as orelhas e ser um terreno para a criação de cabelos, ela abriga uma mente que tem suas funções básicas de raciocínio, pensamentos positivos e criatividade sem outras funções como, afeto, amor, carinho. Sem ódio ou rancor. Aproveito para agradecer mais uma vez, aqueles que me trouxeram essas verdades mais uma vez. Obrigado ao amigo doutor Godofredo Borborema lá no Pedro I [Hospital], a sua equipe e aos que me assistiram. Posso mudar o tema...? Acho que sim, escrever deitado é um drama e dramas na minha vida já vivi demais, escrever está sendo difícil porque acho que a minha inspiração desceu para o pé, qualquer dor e lá se vai o pensamento.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Francisco Assis do Nascimento, entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

<sup>47</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, apenas o dia, sexta feira, mas, pela pasta onde foi encontrada e pelo assunto que trata, sugere que tenha sido escrita em janeiro de 2010.

Mas o fato acima descrito não limitou a escrita de Joselito Lucena, ele seguiu escrevendo e em outras crônicas podemos continuar percebendo sua sensibilidade na escrita, vejamos essa:

Graças a Deus uma etapa vencida, o raiar de um novo dia e o sol a iluminar uma nova caminhada, e que assim seja, escrever deitado é um problema, dói aqui, ali e acolá, fazer o que...? Se é o jeito [...] ontem foi uma tarde e anoitecer de recordações, de lembranças, de tirar do fundo do baú aquelas cartas... fitas... scripts amarelecidos com registros dignos de choros... risos... alegrias e tristezas. Por mais de 3 horas com satisfação recebi a visita do companheiro Edivaldo Gouveia. Falamos sobre família, rádio... casamento... filhos... netos e bisnetos. Rimos... não choramos, lembramos, o que descobrimos... as recompensas que tivemos... os que partiram, os que por aí ainda estão, alamos de futebol... companheirismo... viagens... festas... falamos do bem e do mal, claro... faltou o que...? Falamos de política e ainda não faltou a politicagem... a bajulação que os políticos gostam... falamos de rádio e foi um papo esclarecedor, nesse capítulo demoramos um bocado. Dizem as vezes quando se fala de rádio... que é uma família, se foi tivemos restrições... se é... negativo. Uma arte que não tínhamos índole para isso e não cultivamos foi a bajulação e a traição, ele sabe, graças a Deus guardei ao longo dos anos, cartas, bilhetes ameaçadores, votos de aplausos, congratulações, muitos se foram, partiram, deixando exemplos de educação, bondade e respeito, nesses ou desses herdamos coisas boas, dos que se foram e não se comportaram a altura, nós perdoamos, deus já perdoou e de nós só restou para eles aquela frase, perdoai senhor... eles não sabem o que fazem.<sup>48</sup>

E o titular sempre estava revolvendo papéis, fotografias e atualizando seu arquivo, uma crônica que nos fez perceber isso foi uma onde Joselito Lucena diz que “encontrei ontem velhas crônicas, bilhetes antigos com letras quase sem cor, recados em meia lauda ou menos, congratulações, escalas, e fui lendo nome por nome”, e continuou dizendo:

---

<sup>48</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 25 de fevereiro de 2010.



Porque fui revirar esse amontoado de papéis? Foi para tentar vencer a solidão que esta inércia me faz, ou estou em busca de um passado brilhante e que orgulhosamente digo que tive o prazer e a honra de servir a terra que me acolheu ao lado de figuras brilhantes, inteligentes que fizeram a grandeza desta terra. O que o futebol me deu? Prestígio, fama, valor, garra e coragem para defendê-lo nos dois lados; o vermelho e preto e o preto e branco como destaca o vereador José de Arimatéia Rodrigues, na luta que orgulhosamente travei ao lado de outros companheiros, velho Ary Rodrigues, eu deveria ter revirado estas páginas a mais tempo, estariam nas reminiscências.<sup>49</sup>

As narrativas de Joselito Lucena são maioria em seu arquivo, mas é importante esclarecer que Joselito Lucena guardava também o que as pessoas – os que militavam na crônica esportiva – falavam sobre ele, diversos recortes de jornais onde aparecem reportagens ao seu respeito, comentários onde citam seu nome ou o colocam como referência, aparecem em abundância em seu arquivo, o comentário a seguir deve ilustrar bem o que discutimos sobre *as narrativas dos outros sobre si*, o comentário é do jornalista Ramalho Filho, e foi escrito pelo próprio Ramalho Filho e lido ao microfone da Rádio Borborema no ano de 1965, em ocasião do aniversário de Joselito Lucena, diz:

Amigos, não sei se vocês sabem que nós, os homens e as mulheres que fazemos rádio somos uns sentimentais e sentimentais doentes, inveterados mesmo. Em Campina Grande, pouquíssimos os que fazem rádio por profissão, isto é, os que vivem exclusivamente do rádio. A maioria vive para o rádio. Explicando melhor: o grande número faz rádio por amor à arte, pela satisfação de ver o seu nome divulgado, pelo prazer de dar ao ouvinte um pouco de si mesmo. Para tanto, é preciso renunciar a muita coisa, principalmente ao afastamento da família e às delícias das horas de lazer. No número dos que fazem rádio por amor, por dedicação, por prazer intelectual, está esse sujeito admirável, inteligente, bom, temperamental, explosivo às vezes,

---

<sup>49</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita no ano de 2009.

mas sentimental, bom colega, versátil como homem de rádio, pois é locutor (o melhor de 64), locutor esportivo, radioator, noticiarista, que é Joselito Lucena. Unificando todas essas grandes qualidades, a de ser pontual, cumpridor de seus deveres. Joselito, como vocês ouviram, começou no rádio como “boy” do serviço de alto-falantes do pioneiro da radiodifusão em Campina Grande, o José Jataí. A primeira grande experiência da sua vida serviu para que ele fosse, no rádio, o homem de sete instrumentos, porque Joselito, na verdade, conhece todos os segredos, todas as “nuances” de uma estação de rádio, o “baiano”, como chamamos fraternalmente, faz graça, diz pilhérias. Nos dias de “lundu” (característica própria dos negros), Amaury Capiba, seu grande amigo e grande colega fã-lo modificar a cara feia e tudo fica às mil maravilhas. Atacado de todos os lados pelos que fazem esporte em Campina Grande, pula por cima dessas injustiças e desses ataques, dando verdadeiro “show” de honestidade profissional. Na vida particular teve a felicidade de casar-se com uma mulher admirável, incentivadora nos seus triunfos e consoladora nas horas de tristeza que não são incomuns na vida dos que fazem rádio por idealismo. Neste dia do seu aniversário, nós estamos felizes, não houve festa especial, porque, graças a Deus, para os que fazem rádio por amor, todos os dias são dias de festas, basta um furo, nos sentimos pagos de todas as canseiras. Abraçamos cordialmente o querido amigo, colega, irmão, o grande valor do rádio paraibano e nordestino, que é Joselito Lucena... O BAIANO! Ramalho Filho 29/06/1965.<sup>50</sup>

É inviável no momento dessa pesquisa fazermos uso de todas as crônicas encontradas no arquivo pessoal do objeto de estudo, bem como os tantos outros itens já descritos na tabela acima citada, mas, dentro dos recortes feitos pelo pesquisador, podemos ter uma ideia da quantidade de material relevante que possui tal arquivo e isso se estende as agendas já citadas, aos recortes de jornais, as meias laudas como o próprio titular citou e etc.

---

<sup>50</sup> Crônica escrita por Ramalho Filho e encontrada no arquivo pessoal do titular, com data de 29 de junho de 1965. No comentário sobre a crônica escrita por Ramalho Filho, Joselito Lucena escreveu em 04 de junho de 2008, “faltando exatamente 25 dias para a comemoração de mais um aniversário, encontrei um comentário escrito pelo saudoso jornalista Ramalho Filho por ocasião do aniversário do ano de 1965, dia 29 de junho, lido ao microfone da Rádio Borborema naquele dia, o comentário foi redigido desta forma”.

## 2.5 O “mestre” fora do ar, quando desliga o microfone, mas a narração continua (Joselito Lucena por ele mesmo, o pai, o avô, o bisavô, o amigo, o esposo e etc.)

Façamos *ouvir* a voz do mestre em sua vida particular, em suas relações familiares, em seus convívios fora do ar, em suas narrativas sobre a sua trajetória sob a sua própria ótica e principalmente para continuarmos percebendo que os condicionantes externos foram decisivos na caminhada de Joselito Lucena desde o seu nascimento - ou bem antes disso - até a sua chegada à Campina Grande e seu enveredamento pelo rádio na Rainha da Borborema, como assim a gostava de chamar. Sobre sua infância em Jacobina e a sua saída da cidade baiana em direção à Campina Grande, Joselito deixou escrito que:

Da fazenda O MUNDO NOVO, onde um rio corrente nos dava a sensação de um paraíso, das criações, das andanças em cavalos, cercado o gado, dos seus veículos, um Ford 29 e um 30, um velho caminhão, uma residência há poucos passos da estação ferroviária, foram evidentemente momentos de satisfação de uma família que deixava o solo paraibano para se refazer de tudo numa cidade altamente hospitaleira. Essas cenas que se tornaram corriqueiras, que faziam parte do cotidiano, são como um replay saudoso em minha retina. De um momento para outro, tudo se desmoronou. Questões, que somente com o passar dos anos vim a saber, determinaram a nossa saída urgente da velha e acolhedora JACOBINA com destino a Campina Grande, deixando para trás a casa de primeiro andar em frente ao cinema onde víamos o filme sem sequer entrar no mesmo, bastando abrir a janela; os banhos na lagoa da Picula; o açougue na rua da Matriz; os primeiros colegas de escola também na mesma rua, cercada de areia branca nos morros tradicionais de Jacobina, o casarão da linha do trem, a entrega de leite em garrafas, montados no lombo de um cavalo, atravessando a ponte do Rio de Ouro, eu e Zezito [irmão], quando tive a primeira fratura num braço ao despencar de um cavalo, tudo isso é um filme de longa-metragem, cujo o celuloide nunca se apagou da minha mente. Em vez de quatro já éramos cinco, com o irmão Waldemar e a única mulher da

família, Tereza. Mas, como frisei antes, de um momento para outro tudo se desmoronou e deixamos para trás, tios, primos, tias e toda espécie de parentes, com destino a Campina Grande, onde realmente crescemos e nos tornamos parte da comunidade. Minha infância em Jacobina, vale a pena contar. Isto fica para depois. É uma homenagem, à cidade que me serviu de berço.<sup>51</sup>

A crônica acima, revela não somente as lembranças da infância de Joselito Lucena na cidade de Jacobina, na Bahia, mas uma narrativa triste ao lembrar do rompimento brusco com a cidade, os amigos e parentes que ali viviam, porém em sequência a crônica acima descrita, Joselito Lucena emenda sua narrativa a respeito da chegada à Campina Grande<sup>52</sup>, vejamos:

Campina dos meus 8 a 15 anos. Uma mudança brusca, repentina, sem a consciência do que realmente acontecera, transformou tudo do dia para a noite. Desde a viagem de JACOBINA a JUAZEIRO DA BAHIA, num trem que nos conduziu em horas incontáveis. O sabor dos bolos de SONHO e a visão pela primeira vez da Catedral de Petrolina foram fatos marcantes como atravessar o Rio São Francisco em barcos, cujas BARRANCAS meíam medo, até a chegada já a noite na cidade serrana. CAMPINA surgiu aos meus olhos como uma cidade progressista, embora não me passasse pela mente o que era progresso ou desenvolvimento, mas, era uma cidade imponente, com o seu comércio de algodão, com suas fábricas de descaroçamento, com uma movimentação ímpar, com seu serviço de auto falantes A VOZ DE CAMPINA GRANDE, com seus edifícios majestosos como o Esial e Grande Hotel, com suas ruas

---

<sup>51</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 26 de outubro de 2000. É sabido que após a escrita dessa crônica, Joselito encontrou um livro memorial, a saber, AMÉRICO II, José. Uma vitória dentro de uma derrota que eu não tive. Esta derrota foi a vitória do meu livro. Grafset – Campina Grande – PB. S/D, escrito pelo seu tio, onde narra através da memória do autor, como os pais de Joselito Lucena teriam ido parar em Jacobina, na Bahia, haja vista que seu pai e sua mãe eram pernambucano e paraibana, respectivamente.

<sup>52</sup> A família de Joselito Lucena, composta pelos pais e os irmãos, na ocasião, teriam deixado a cidade de Jacobina por motivos pessoais que podem ser melhor esclarecidos com a leitura do livro memorial já citado, de autoria do seu tio, a saber, AMÉRICO II, José. Uma vitória dentro de uma derrota que eu não tive. Esta derrota foi a vitória do meu livro. Grafset – Campina Grande – PB. S/D

largas, com sua feira central, com os seus cartões postais, AÇUDE VELHO E AÇUDE NOVO e o velho prédio dos Correios e Telégrafos e o Cine Capitólio.<sup>53</sup>

E os escritos sobre a sua trajetória seguem, mas é comum encontrar crônicas reflexivas e/ou com alguma menção a família ou amigos, em um trecho encontrado em uma das diversas crônicas, Joselito Lucena diz que “foi mais um entardecer que foi trazendo velhas lembranças que são um belo e profundo mergulho no livro do passado que me acostumei a chamar de reminiscências”, e segue lembrando dos companheiros que militaram no rádio ao seu lado no passado,

Fui revirar velhos papéis, antigas fotografias, e lá encontrei uma que ao vê-la os cabelos dos braços ficam ouriçados, lá na foto Humberto de Campos, os irmãos Marcos e Mucio Albuquerque e Ary Ribeiro, a frente este modesto escriba. Ainda hoje sinto orgulho desta foto e tenho respeito aos companheiros que estiveram ao nosso lado em uma transmissão que um dia me perguntaram: qual foi a mais difícil e em que estádio ela ocorreu? A madrugada reavivou a memória, a de um clássico onde as luzes foram apagadas até a iluminação dos hospitais e o local da transmissão foi “a caixa d’água do quartel da polícia militar do Estado da Paraíba”. Aos companheiros que participaram deste duelo e que não estão mais aqui, o respeito e a gratidão pois não se deixaram vencer pela arrogância, a prepotência, a opressão, o trunfo foi o poder da palavra através de pessoas que mostraram a uma coletividade e ao Estado que a imprensa é livre. Que estas lembranças permaneçam em seu tempo e que esta viagem no túnel do tempo seja cancelada por homens esclarecidos que se abrigam sob o manto da “Rainha”.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, sem data de escrita, mas, pela pasta onde foi encontrada, sugere que tenha sido escrita nos anos 2000. Optamos por manter a escrita original das crônicas, por isso as mesmas aparecem muitas vezes com frases ou palavras aleatoriamente – para nós leitores – com letras maiúsculas.

<sup>54</sup> Comentário do meio dia escrito por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 6 de outubro de 2009. O comentário se refere a um evento que será melhor abordado no segundo capítulo deste trabalho. A fotografia citada encontrasse no arquivo pessoal e serviu para cruzarmos as informações.

Em fevereiro de 2010, ainda em recuperação em decorrência do acidente ocorrido e já mencionado, Zelito Lucena escreve sobre as três bisnetas: Maria Júlia, Maria Eduarda e Ana Beatriz, ele diz o seguinte, “você já esteve cercado por mulheres bonitas por todos os lados? Não? Então você não é um homem feliz, eu sou um homem sereno, tranquilo, alegre, feliz. Essas três que me cercam são colírios para os olhos e quando se juntam a minha enfermeira chefe e auxiliares, abrem as portas do paraíso”.

Quando seu companheiro de trabalho, Chico Alemão, esteve hospitalizado em decorrência de uma cirurgia, na mesma época em que Zelito Lucena estava em casa em recuperação e não podia sair, deixou escrito o seguinte, vejamos:

[...] O som de ontem foi bom, espero a mesma coisa hoje, a narração de ontem com O Bom de Bola Edson Maia, excelente, hoje é Rostand, sinônimo de bom desempenho. Já falei tudo, mas faltou uma mensagem: velho amigo Chico Alemão, Rostand já lhe visitou após a cirurgia, não pude fazer-lo, mas em pensamento estou aí, tudo de bom e uma recuperação maravilhosa, você foi atendido por um grande profissional, é só questão também de tempo para sentir a família, eu que o diga.<sup>55</sup>

Joselito Lucena acompanhava sua equipe esportiva, mesmo sem condições de exercer sua função, estava sempre observando, anotando, tecendo comentários sobre a atuação da equipe em sua ausência, e ao final da crônica citada acima, deixa seu sensível comentário de melhoras ao amigo Chico Alemão.

Sobre a família, Joselito Lucena descreveu em março de 2010 a seguinte crônica:

Os dois últimos meses me deram análises mais reais da vida, do dia a dia, da família, dos companheiros, da amizade. As

---

<sup>55</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 24 de março de 2010.

lembranças vêm e voltam, ou fogem ou passam celeremente como as nuvens e outras ficam, machucam, são as doces e belas recordações, umas trazem canções, vultos e aí ouço vozes que dizem: nada acontece por acaso, e o que vem em seguida, é o livro da vida para o estudo mais profundo do que se passou. É o estudo no qual você se aprofunda para separar o joio do trigo. De uns dias para cá, dói aqui, ali e acolá, e o lenitivo está mais perto do que você imagina, está na família, uma ação, uma palavra, uma assistência, um afeto, um carinho. De uma consulta: quer isto? Está bom hoje está melhor, o pé desinchou! Quer ir para o quarto? Quer que apague a luz? Desligo o televisor? É a família, e a família é tudo, não sei porque esse desabafo, se fio para amenizar, diminuir ou afastar as dores, ou para mostrar que nem tudo acontece por acaso. Uma lição a mais no aprendizado da vida: não seja um robô, não seja uma máquina cujos mecanismos das suas atividades superaram esta dádiva maravilhosa que é a vida de um ser humano que tem pensamentos, vigor, coração, afeto, carinho e amor para dar, e receber no caso da família.<sup>56</sup>

Em continuação na mesma crônica Joselito Lucena encontra espaço para falar de sua maior paixão, o futebol e o rádio, vejamos:

3 dias macambuzio, triste e prestes a explodir a qualquer instante, ainda bem que faço minhas orações todas as madrugadas, ninguém tem nada a ver com isto, e tenho dito. Ah! O horário é de esportes, e o meu horário e dos companheiros, é de futebol. E aí espero que Treze e Campinense vençam seus compromissos de hoje à noite. A Raposa aqui com o apoio da torcida e o Galo lá fora ultrapassando barreiras, com vitórias posso dormir tranquilo e feliz. Vou ouvir Rostand, Maia e todos da equipe.<sup>57</sup>

Era dessa maneira que Joselito Lucena muitas vezes se comunicava, não somente através dos microfones, mas escrevendo e descrevendo sentimentos, aflições, dores e angustias derivadas da condição humana, como mesmo frisou. Podemos perceber que fora do

---

<sup>56</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 24 de março de 2010.

<sup>57</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 24 de março de 2010.

ar temos um radialista sensível as questões tanto do trato familiar quanto para com os seus.

Através do arquivo pessoal de Joselito Lucena, pudemos perceber suas continuidades e descontinuidades dentro de suas próprias relações demonstradas através de seus escritos, fossem datilografados, fossem manuscritos, mas que de alguma maneira dialogava com o contexto da época. É possível notar a sensibilidade tanto na escrita quanto na forma que guardava os documentos que se propunha guardar, que desejava manter em sua cuidadosa forma de arquivar, um pedaço de si e dos outros em forma de memória.

### **3 CAPÍTULO 2 - SINTONIZANDO A TRAJETÓRIA: JOSELITO LUCENA E OS SEUS PASSOS NO RÁDIO, SUAS CONTRIBUIÇÕES, CONQUISTAS E REVEZES DENTRO DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE.**

#### **3.1 Sintonize comigo (início da trajetória no rádio, 1950-1961).**



No final da década de 1940, mais precisamente em 1948, Campina Grande vivia a emoção de receber não apenas uma, mas duas emissoras de Rádio, a Rádio Cariri – PRF – 5, que foi inaugurada em 13 de maio de 1948 e a Rádio Borborema ZYO – 7<sup>58</sup>, em 08 de dezembro do ano seguinte. A “caçulinha” da cidade – por ter sido a última a surgir nesse contexto – como ficou conhecida a Rádio Caturité, nasceria em 24 de agosto de 1950.<sup>59</sup>

Em 1º de outubro de 1950, Joselito Lucena teve sua Carteira de Trabalho (Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS) assinada na Rádio Caturité, onde permaneceria até 1961. Neste período atuou inicialmente como rádio locutor coadjuvante, e recebia 600,00 Cruzeiros mensais. Vale salientar que em 1950, Joselito Lucena tinha apenas 15 anos de idade, mas desde mais jovem, juntamente com seu irmão mais velho, Zezito Lucena – que foi operador de áudio na Voz de Campina Grande –, frequentavam os sistemas muito rudimentares de som, do que viria a ser a cadeia de Rádios de Campina Grande, em busca de aprendizado e onde surgiria sua primeira oportunidade de trabalho, como dito, na rádio onde o seu irmão trabalhava, a Voz de Campina Grande<sup>60</sup>.

Foi em maio de 1954, na Rádio Caturité, que Joselito Lucena foi promovido a locutor titular e discotecário, como destaca a sua CTPS: “A partir de 1º de maio de 1954 esta emissora, tendo em vista os trabalhos prestados pelo portador desta, resolveu aumentar os seus vencimentos mensais para 1.500,00 Cruzeiros, ficando Joselito Lucena com as funções de discotecário e locutor”. Em 1955 recebeu aumento, passando então a

---

<sup>58</sup> As siglas PRF – 5 e ZYO – 7 são um indicativo de chamada, que é uma designação única de uma estação de transmissão de rádio. É designado formalmente por uma agência governamental, como identificador de uma estação de rádio, no Brasil por exemplo, é atribuição da Anatel.

<sup>59</sup> Ver SOUZA, Antonio Clarindo de. *História da mídia regional: o rádio em Campina Grande*.

<sup>60</sup> Fato é, que os dois irmãos de Joselito Lucena, Zezito Lucena e Marcos Antonio Lucena, seguiram o mesmo caminho no trabalho, no rádio ou na televisão.

receber o salário de 1.700,00 Cruzeiros mensais.<sup>61</sup> Sobre o período, em entrevista concedida ao programa *Ponto a Ponto*, apresentado por Paulo Roberto na TV Itararé, Joselito Lucena destacou as dificuldades financeiras e lembrou que os salários eram baixos na época, prova disso é que ele mesmo trabalhou por algum tempo em duas emissoras simultaneamente, a Rádio Caturité e a Rádio Cariri.<sup>62</sup>

Nesse contexto e com essa idade, o jovem radialista passava a receber seus primeiros ordenados, seus primeiros aumentos e assim construía sua trajetória também financeira, pois como o próprio citou em entrevista e o que ficou claro ao longo da pesquisa, com depoimentos e registros de vários profissionais da época, fazer rádio era muito mais por amor do que por benefício financeiro, mas o que não se pode deixar de lembrar é que mesmo diante – segundo os que militaram na época – de salários baixos, esses profissionais eram vistos como verdadeiras estrelas, verdadeiros ícones da sociedade campinense.

Na Rádio Caturité apresentou o programa *Boate Star Light*, e ainda em 1954 conheceu Eliete Silva, que mais tarde – em 14 de setembro de 1960 – se tornaria sua esposa. Sobre o período, Eliete destaca:

Ele apresentava um programa chamado Boate Star Light, e minha casa fazia fundos com a Rádio Caturité, do quintal da minha casa víamos o estúdio da Caturité. Eunisete [irmã da narradora] pegava uma folha e queimava no quintal, de lá ele via, era ela pedindo para tocar a música *Papel Queimado*, de Ademilde Fonseca, aí ele colocava para tocar. Outro dia chamei Eunisete para irmos conhecer esse locutor, a voz dele muito grave e bonita, pensávamos que era um senhor. Fomos na Rádio Caturité, íamos subindo a escada e ele vinha descendo, não sabíamos, perguntamos aquele jovem bonito, queremos falar com Joselito Lucena, ele está aí? Ele respondeu, sou eu, caímos na risada, ele perguntando o que era e a gente morrendo de rir e dizendo, nada, nada [risos].<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> Os dados acima foram consultados na própria carteira de trabalho do Joselito Lucena.

<sup>62</sup> Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2007, ao Programa Ponto a Ponto da TV Itararé.

<sup>63</sup> Eliete Silva De Lucena, entrevista concedida ao autor em 14 de abril de 2019.

Os principais incentivadores de Joselito Lucena naquele início no rádio, foram o “Gaúcho”, sr. Jovelino Farias, que em 1936 chegou em Campina Grande e em 1937 montou um sistema de autofalantes na rua Marquês do Herval, ao lado da Panificadora Nossa Senhora das Neves, como destaca Antonio Clarindo de Souza<sup>64</sup>; Berta Barros, nome marcante na radiodifusão de Campina Grande, que na época apresentava o programa, *Uma valsa e uma canção para você*, programa que “acordava Campina Grande às 06:00 da manhã com o melhor do cancioneiro brasileiro”, palavras do próprio Zelito em 2009 quando noticiava o falecimento de Berta, a quem carinhosamente chamava de querida Berta; e José Jataí, o cearense que juntamente com Hilton Mota, comandavam a difusora *A voz de Campina Grande*, onde Joselito Lucena era o “boy”, garoto de recados daquele sistema de emissão sonora, e onde também desenvolveu seus primeiro passos na área de controle de som.

Sobre esse período, que o próprio Joselito Lucena chamou de *O rádio dos anos de ouro* em 1969, disse:

O Rádio campinense viveu seus anos de glórias por umas três décadas, e, durante essa fase áurea, foram incontáveis os nomes que se tornaram famosos na radiofonia da terra. Alguns importados, aqueles que podemos afirmar que foram realmente os percussores daquela maravilhosa plateia de excelentes artistas e outros que aqui deram seus primeiros passos e que se tornaram dignos da admiração do público e do reconhecimento dos companheiros. O rádio da terra nasceu e cresceu numa época em que Campina Grande deixava para trás a sua condição de cidade provinciana, das retretas, passeios ou footings domingueiros em frente ao seu segundo maior prédio o Edifício Esial, na tradicional Praça da Bandeira, onde a sociedade serrana se reunia para os encontros, bate-papos e ouvir os programas sempre atraentes da VOZ DE CAMPINA GRANDE, onde a figura identificada com a comunidade serrana, de um cearense que aqui aportara JOSÉ JATAÍ, comandava as noites de entretenimento na serra famosa. A VOZ DE CAMPINA GRANDE situava-se

---

<sup>64</sup> Ver, História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande, p. 29

no segundo andar do Edifício Esial, sobre a SORVETERIA FLORIDA outro ponto de reunião da mocidade campinense, pertinho da barbearia do CHÀ PRETO a sua esquerda onde também estava instalada a SINUCA 1060 e a direita próxima a Churrascaria do PAIZINHO e a Sinuca Gato Preto, do Lula e outras casas, cafés e restaurantes bem próximos, e frontal ao prédio dos antigos Correios e Telégrafos, cujas calçadas serviam para acomodar os expectadores em dias de shows, estava o Edifício Esial. A VOZ DE CAMPINA GRANDE, era o porta-voz de reivindicações e o órgão de comunicação do centro da cidade, colocando a sociedade campinense a par dos últimos acontecimentos. Nos bairros, é claro, existiam também os serviços de autofalantes, por exemplo o de JOVELINO FARIAS (O GAÚCHO), no bairro de José Pinheiro e o de Milton Ramalho no bairro da Liberdade. Mas, ali, na tradicional Praça da Bandeira, por muitos anos, Campina teve “o seu auditório ao ar livre”, com apresentações de verdadeiros mitos da radiofonia brasileira como Silvio Caldas, Luiz Gonzaga, Dilú Melo, Quitandinha Serenaders, Orlando Dias, Catulo de Paula, Isaura Garcia, os Índios Tabajara e tantos outros que encheram os corações dos jovens da época, de ternura e embeveceram os mais velhos com seus cantos maviosos. A formação para o rádio surgiu evidentemente ali na VOZ DE CAMPINA GRANDE. Não foram somente os grandes artistas do Rio e São Paulo que encheram as noites campinenses de sons, harmonias, amor e risos, como JARARACA E RATINHO, os maiores humoristas da época e dois que lhes seguiam os passos, VENANCIO E CORUMBA. Os da terra, já davam demonstrações de suas capacidades artísticas como Arnaldo Leão, exímio flautista, pianista, enfim, um instrumentista eclético. Um virtuoso do violão Antonio Emiliano, um patoense que ao dedilhar o PINHO tornava a música mais bela. Horacio Bacanaço, uma cópia fiel de Kid Moringueira, o grande sambista de breque Moreira da Silva; Gizelda Moreira, uma voz que encantava; Aline Silva; George França, Antonio Gusmão, Dagoberto, trios, conjuntos, enfim, uma safra que surgia e que ia se firmando dia a dia. Além dessa leva de grandes valores musicais, a VOZ DE CAMPINA GRANDE através de José Jataí, importou de Patos os irmãos Hilton Mota e Gilberto Mota, de João Pessoa João Gomes, Bento da Gama e um corpo de redatores onde os nomes da época eram Osman Braga, Latercio Godoy, Aloysio Zorina, Nilo Tavares e tantos outros que por muitos anos deram o seu contributo a cultura serrana. Assim, o rádio teve os seus primeiros passos através da VOZ DE CAMPINA GRANDE, onde José Jataí e

João da Costa Pinto, técnico, tiveram a ideia de juntos a outras pessoas, introduzir o rádio na Rainha da Borborema e aí surgiu a PIONEIRA, a Rádio Cariri, com estúdios, técnica e antena, instalados no bairro de Bodocongó, a margem do açude. Era o dia 13 de maio de 1948. Depois veio a Rádio Borborema, no dia 8 de dezembro de 1949 e posteriormente a Rádio Caturité ainda na década de 1950. O rádio, portanto, nasceu com uma amostragem de que viria para ficar. Daí para frente, as concorrências fizeram com que surgissem os grandes programas e os grandes nomes do rádio serrano. As emissoras se rivalizavam de tal forma que as frequências eram constantes por parte do grande público em seus auditórios e mesmo estúdios, acompanhando as suas programações diárias. Começaria assim, a ERA DE OURO DO NOSSO RÁDIO, estavam abertas as cortinas para as DECADAS DOURADAS DO RÁDIO CAMPINENSE. Joselito Lucena 1969.<sup>65</sup>

Em escritos deixados, como a citação feita acima – que apesar de extensa ela se torna importante para entendermos o período na ótica do narrador – Joselito Lucena faz sempre questão de destacar a diferença entre o que ele chamou de *a era de ouro do rádio* campinense, para períodos posteriores, décadas de 1990 e anos 2000. Ainda sobre seu início no radiojornalismo e lembrando o início da década de 1960, Zelito Lucena, comenta em outra crônica sobre o dia 21 de setembro, o dia do radialista, como era esse dia naquele período?

O dia do radialista sempre transcorreu em clima de festa. As emissoras faziam questão de dar destaque ao seu corpo de funcionários. Tanto a Rádio Caturité como a Borborema e a pioneira Rádio Cariri realizavam suas confraternizações com missa, disputas esportivas, muita música geralmente em fazendas que recepcionavam a classe radialista. O dia 21 de setembro conhecido como o dia da árvore, o dia do radialista constava de solenidades como o plantio de mudas de árvores etc. As disputas esportivas eram geralmente quentes em vista da rivalidade existente entre os da Borborema e Caturité. Cada um que formasse sua equipe em busca do título de campeão do ano ou detentor do troféu do dia do radialista [...] passadas as emoções

---

<sup>65</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena em 1969 e encontrada no arquivo pessoal do mesmo.

das disputas, a paz voltava a reinar, o resto era festa. As Rádios só voltavam a funcionar após às 18 horas.<sup>66</sup>

Outra evidência dessas disputas que ocorriam em comemoração ao dia do radialista, é a imagem abaixo. Vejamos:

Fotografia 1: Time de futebol da Rádio Caturité.

Fonte: foto retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

Aqui, isto é, no registro acima, visualizamos uma das formações da Rádio Caturité nas disputas com a Rádio Borborema em jogo



realizado no estádio Presidente Vargas onde aparecem em pé: Aécio Diniz, Joselito Lucena, Luciano, Mivaldo França (que inclusive foi jogador profissional do Paulistano e do Campinense Clube), Severino Quirino, José Eymard e Birino. Agachados podemos ver Genival Barros, Figueiredo, José Vilar, Zé Maria, Marcos Antonio Lucena – irmão mais novo de Joselito Lucena – e Barney Mendes. No time da Borborema

---

<sup>66</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena para o programa *Reminiscências* e encontrada no arquivo pessoal do mesmo.

nessa época nomes de destaque eram Ariosto Sales, Olívio Evangelista, Arnaud Diniz, Cirino Rodrigues, Rosil Cavalcante, Ary Rodrigues, Luismar Resende, Edmilson Juvenal, Benjamin Bley e outros.

Essas formações de times de futebol nas Rádios de Campina Grande e todo o convívio com o ambiente futebolístico – pois Zelito chegou a jogar no futebol amador da cidade – inspiraram a sua entrada na crônica esportiva. Em escritos feitos pelo radialista, ele foi enfático em afirmar que, “o futebol, o esporte das multidões é um marco na minha vida, mas se confronta com o rádio e isto desde menino. São dois numa só mistura de gosto, e essa maravilha de afeto de convivência me revigora”, em outro comentário também escrito pelo Joselito Lucena, o mesmo afirma que, “tenho paixão por futebol, e, essa é uma das minhas grandes paixões ou preferências, dedico muito tempo para acompanhar o que vai pelo mundo e no rádio ou na TV acompanho o dia a dia no Brasil e o mundo”.

### **3.2 E trilou o apito, é o início da partida (Gols do primeiro tempo, início da trajetória na locução esportiva. Primeiras contribuições para o radiojornalismo esportivo).**

Por volta do ano de 1958 Joselito Lucena começou a atuar no radiojornalismo esportivo.<sup>67</sup> Começou como repórter de campo, *o pista*, como é conhecido o profissional que atua na orla do gramado colhendo informações no decorrer da partida e entrevistando os jogadores no início e ao término do espetáculo, e em escritos deixou registrado que “a versatilidade foi uma das grandes armas do profissional na fase áurea do rádio”. É bem sabido que diversos profissionais da época relembram as várias funções que exerceram até se firmarem em uma determinada

---

<sup>67</sup> Não temos precisão na data, documentos encontrados no arquivo de Joselito Lucena sugerem que em 1958 ele era repórter de campo, atividade que o mesmo afirmou em entrevista concedida, ter sido seu início no radiojornalismo esportivo.

função e que lhes dava condições para crescimento. Em entrevista Joselito Lucena destacou que:

Eu comecei como comentarista, repórter depois comentarista. Levava todos os treinos do Campinense e do Treze, levava um gravador para o estádio e começava a gravar. Gravei no Plínio Lemos, no Presidente Vargas, mas era difícil. E a primeira vez que me botaram como locutor, eu fui dizendo que o jogador recebeu a bola e lá vai, lá vai, lá vai, e não saiu do canto, não saiu mais nada [risos].<sup>68</sup>

Sobre esse início no jornalismo esportivo, encontramos uma importante fotografia – registro abaixo – em seu arquivo pessoal. Ali, o então repórter de pista entrevistou Vadú e Adelmo no Estádio Presidente Vargas, Estádio do Treze Futebol Clube.

Fotografia 2: Joselito Lucena entrevistando os jogadores do Treze, Vadú e Adelmo, no Estádio Presidente Vargas. Final da década de 1950.



Fonte: foto retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

<sup>68</sup> Joselito Lucena, entrevista para o JPB em 2008.



A entrevista em questão, demarca um dos primeiros contatos de Joselito Lucena com o que ficou conhecido na década de 1970 como *O Clássico dos Maiores*, isto é, a disputa entre os dois principais times de Campina Grande, a saber, Treze e Campinense. Foi entre 1961 e 1962 que Joselito Lucena deu um passo mais largo em direção a sua trajetória na crônica esportiva de Campina Grande, quando foi contratado pela Rádio Borborema, que como destacou Gilson Souto Maior:

Zelito já estava na Rádio Borborema, ele já tinha passado pelo primeiro teste de transmitir uma partida de futebol na Rádio Caturité e foi quando ele com a voz bonita conquistou o pessoal da Borborema, que era na época a emissora mais forte, tinha uma equipe bem mais cara e maior, se investia mais, os Diários Associados naquela época investindo enormemente nos valores da radiofonia paraibana.<sup>69</sup>

Joselito entrou na Rádio Borborema para ser reserva de Ariosto Sales, que era o locutor esportivo titular, mas que logo se afastaria para assumir a direção da TV Borborema que estava surgindo no início da década de 1960, abrindo então a oportunidade que Joselito Lucena soube abraçar. No ano de 1963, Joselito Lucena assume o comando do Departamento Esportivo do Diário da Borborema<sup>70</sup>, e já em 1964 recebe o título de melhor locutor do Estado da Paraíba, no Concurso “Os melhores do Rádio e Televisão de 1964”. A secretária de educação e cultura da época, Déa Borba da Cruz, enviou para Zelito:

Campina Grande, 30 de janeiro de 1965. Prezado senhor: apresento a vossa excelência, os meus sinceros aplausos pela vitória no Concurso “Os melhores do Rádio e Televisão de 1964”. Que isto sirva de exemplo, estímulo e impulso à juventude campinense, no belo mundo das artes. No ano de seu Centenário, Campina Grande teve em seus “Melhores de 64”, uma estrada

---

<sup>69</sup> Gilson Souto Maior, entrevista concedida ao autor em 05 de janeiro de 2019.

<sup>70</sup> Ver MARQUES, Giovanna Lopes. Quem nasce em Campina Grande é Campinense: futebol e sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965) – João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

límpida e segura para um futuro melhor. Saudações, Déa Borba da Cruz, Secretária de Educação e Cultura.

Sobre o primeiro reconhecimento dentro da mídia regional e o recebimento do ofício acima citado, Joselito Lucena escreveu:

O final do ano se revestiu de grande agito nos meios radiofônicos e jornalísticos pela criação do concurso dos melhores da temporada no rádio e televisão. Foi uma disputa instituída por vários seguimentos da sociedade campinense incluindo votações da própria imprensa, sociedades de amigos de bairros através da UCES, câmara de vereadores, secretaria de educação. Dentre grandes nomes do rádio esportivo, fui escolhido como o melhor do ano. Na festa de premiação no mês de janeiro no auditório da Rádio Borborema completamente lotado, recebemos a premiação, que me valeu também este ofício da secretária de educação do município, professora Déa Borba Cruz.<sup>71</sup>

Mas sua trajetória, obviamente que não foi construída apenas de conquistas e glórias, houveram diversos percalços pelo caminho, a exemplo de um momento que Joselito Lucena lembrou com certa apreensão:

Me lembro de um jogo em que eu vinha de Maceió, um jogo decisivo de uma equipe de Campina, foi justamente no dia 31 para o dia 1º de abril de 1964, quando estourou o Golpe Militar. Amigo, pararam a gente na estrada, era uma velha Kombi da Rádio Borborema, e para passar a gente teve dificuldades [silêncio], foi um momento difícil.<sup>72</sup>

Outros momentos de dificuldade também foram lembrados pelo Joselito, como em 1966, em ocasião de um jogo no Estádio Presidente Vargas, a equipe esportiva responsável pela cobertura do espetáculo, foi impedida de entrar no estádio. O então presidente do Treze, Edvaldo do Ó, havia brigado com a imprensa e não permitiu sua entrada. A equipe

---

<sup>71</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada no arquivo pessoal do mesmo.

<sup>72</sup> Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2007, ao Programa Ponto a Ponto da TV Itaré.

esportiva comandada por Joselito Lucena transmitiu a partida mesmo assim, subiram em uma caixa d'água do Quartel da Polícia da cidade, que fica ao lado do Estádio, sobre isso Joselito Lucena disse em entrevista que, “minha maior ingratidão foi de ser proibido de entrar em um estádio para trabalhar”, aconteceria novamente em 1968, mas desta feita Joselito Lucena e sua equipe foram narrar na capital paraibana, afim de não passar por mais esse constrangimento.

Outra feita, agora voltando de Alagoas a equipe sofreu um assalto, Joselito Lucena conta em entrevista que:

O susto foi grande, ninguém falou, eram três homens dentro de uma Kombi, andamos muito, e um cara atrás de mim com uma pistola, eu digo, amigo velho, ele disse, cale a boca, e disse mais alguma coisa, eu deixei correr um pouquinho mais, falei de novo, na terceira vez ele disse, entramos errado, porque eu expliquei, olha, ninguém aqui é sacoleiro não, nós somos jornalistas, certo? É gente de rádio, jornal, televisão, e o que vocês procuram aqui não tem, tem microfone.<sup>73</sup>

Ainda destacando as dificuldades encontradas, tanto por Joselito Lucena quanto pela maioria dos que militavam no radiojornalismo da paraíba nas décadas de 1950, 1960 entrando pela década de 1970, encontramos alguns registros que apontam tais dificuldades, como por exemplo, como Joselito destacou em escritos, não existia conforto para os locutores e a equipe técnica nos dias das jornadas esportivas, “era em pé mesmo, ou sentado na areia”.

Fotografia 3: Início da década de 1960, Estádio Olímpico José Américo de Almeida, Boi Só – da esquerda para a direita, Ivo Rodrigues, Edson Paulino e Joselito Lucena.

---

<sup>73</sup> Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2007, ao Programa Ponto a Ponto da TV Itararé.



Fonte: foto retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

A fotografia acima, encontrada em seu arquivo, ilustra bem tais afirmações. Na foto podemos identificar ao microfone Joselito Lucena na narração pela Rádio Borborema, ao centro o repórter Edson Paulino e a esquerda o técnico Ivo Rodrigues, no Estádio Olímpico José Américo de Almeida na capital João Pessoa, Estádio conhecido como *Boi Só*.<sup>74</sup> Chico Alemão destaca esses momentos em meio aos torcedores e relata que era comum esse tipo de narração na orla do gramado ou no meio da torcida:

Nós chegamos a transmitir o futebol no meio dos torcedores. Eu lembro que uma vez nós estávamos no estádio, lá no Pacaembu,

---

<sup>74</sup> Fotografias encontradas no arquivo pessoal de Joselito Lucena.

no campo do Palmeiras, e transmitindo Brasil e Uruguai, na época em que Romário não havia sido convocado para a seleção, foi convocado de última hora, e que colocaram a gente no meio dos torcedores, e que quando Zelito começava a narrar os caras paravam e ficavam olhando, olhava para um canto olhava para o outro, e ele com aquela seriedade de sempre. E quando Zelito narrou o gol do Brasil, eu lembro que saiu um cidadão de lá, mas rapaz isso é um nordestino macho, isso é que é um cara para narrar futebol [risos].<sup>75</sup>

A fotografia que segue também foi encontrada no arquivo do Joselito, nela podemos ver não somente uma, mas as duas mais fortes emissoras de rádio justamente radiando com suas equipes sentados no chão e na orla do gramado, a saber a Rádio Caturité, onde podemos ver na fotografia Fernando Maia, Ary Ribeiro e outros, e a equipe da Rádio Borborema, com Zelito Lucena na locução. Se trata do Torneio Início, no Estádio Olímpico em João Pessoa, vejamos:

Fotografia 4: Estádio Olímpico em João Pessoa – 1962.



<sup>75</sup> Francisco de Assis Lopes da Costa, entrevista concedida ao autor em 12 de julho de 2018.

Outras fotos da mesma natureza corroboram para o cruzamento das fontes, encontramos fotografias com Joselito Lucena narrando sentado na orla do gramado, em outra ocasião no meio da torcida, na arquibancada, e sobre isso ele destacou em crônica que era comum acontecer e que,

A grande dificuldade encontrada por qualquer narrador esportivo e transmissões no meio da torcida, é a pressão que ele sofre nos momentos positivos de ataque da equipe da sua cidade, estado ou país. No Nhozinho Santos não foi diferente, grande sufoco, mas, foi nesse jogo que aconteceu aquela gafe do comercial da Caranguejo, em determinado momento do jogo troquei as bolas dizendo: “beba Dupé e calce Caranguejo o aperitivo nacional. Aconteceu em São Luiz do Maranhão no Nhozinho Santos, no dia 17 de setembro de 1972, o Sampaio Correia foi campeão do Nordeste e o vice-campeão foi o Campinense, Joselito Lucena.<sup>76</sup>

Na mesma década de 1960, o Campinense Clube conquistava o seu hexa campeonato, em virtude de tal feito, Joselito Lucena produziu juntamente com Humberto de Campos – que, diga-se de passagem, formaram uma dupla de narrador e comentarista que os amantes do rádio campinense jamais esqueceram<sup>77</sup> - e Ramalho Filho, um LP narrando a “saga” deste hexa campeonato, disco que hoje é item de colecionador.

A *Revista Tudo*, suplemento do *Diário da Borborema*, publicou uma reportagem destacando o crescimento da Rádio Borborema em meados de 1960, destacando também a entrada de Joselito Lucena para a chefia do Departamento Esportivo da casa em 1963, lugar antes ocupado por Josusmá Viana. Sobre a nova equipe da Rádio Borborema, ao qual a

---

<sup>76</sup> Comentário escrito e encontrado no arquivo pessoal do titular em 2009.

<sup>77</sup> Em entrevistas no decorrer da pesquisa, tanto a crônica esportiva quanto os torcedores que participaram das entrevistas, destacam a dupla Joselito Lucena e Humberto de Campos como a mais categórica do rádio esportivo campinense.

Revista chamou de *equipe composta de grandes valores*, podemos observar o destaque dado a alguns nomes, dentre esses o de Joselito Lucena:

Desde que assumiu a chefia de esportes em 63, Joselito Lucena deu início a um trabalho incansável em produzir mais e melhor, oferecendo o máximo em matéria de esportes aos milhares de ouvintes da Rádio Borborema, tarefa difícil, mas que se tornou uma realidade, pois não somente o futebol (profissional e amador), como o próprio futebol de salão foram olhados por um prisma diferente, alcançando uma fase áurea e brilhante em todos os aspectos.<sup>78</sup>

A Rádio Borborema começou então a se expandir, atingir o Norte e o Nordeste de maneira mais ampla, fazia intercâmbios com outras emissoras associadas e isso fez com que as transmissões em outros estados se tornasse possível. Em 1964, aceitando desafios para esse período, foi a pioneira em Brasília, como já havia feito no Piauí, Maranhão, Alagoas, Ceará e Bahia. Mas em Brasília, onde não existia uma linha de transmissão no estádio, como destacou a *Revista Tudo*, “a Borborema, para não deixar o seu público ouvinte sem o registro do acontecimento esportivo, Treze e Seleção de Brasília, transmitiu o jogo com uma distância de 20 quilômetros do campo, numa dublagem perfeita do seu narrador Joselito Lucena”.<sup>79</sup> Sobre o slogan recebido pela Rádio Borborema de, “*A Mais Famosa*”, Joselito Lucena descreveu em o que chamou de ensaio, ao qual dedicou 11 páginas, como surgiu esse nome e quais os diversos personagens envolvidos nessa trama histórica, em um trecho ele disse:

Entre 61 e 62 a Borborema fez mudanças. No remanejamento Joselito Lucena passava a comandar o Departamento de Esportes

---

<sup>78</sup> Revista *Tudo*, especial 13 – 08 de dezembro de 1984.

<sup>79</sup> Outras fontes, como fotografias, registraram esse feito, esse pioneirismo da Rádio Borborema em virtude da cobertura do acontecimento esportivo em questão. São fotografias onde aparecem o jornalista esportivo Joselito Lucena e o time do Treze Futebol Clube bem como parte da sua comissão técnica. Em outra fotografia pudemos ver a comitiva já em solo brasileiro em um jantar onde se confraternizam pelo feito que acabaram de fazer.

sendo o locutor titular do escrete associado, nascendo o “slogan: A MAIS FAMOSA”. Então vieram Alberto de Queiroz, Ary Ribeiro, Edmilson Antonio, Ary Neves, Francisco Moreira, Edson Paulino, Humberto de Campos, dublê de locutor e comentarista, José Araújo, Magdiel Lopes, Arlindo Nóbrega, Paulo Rogerio, Severino Quirino, Clélio Soares, Levy Soares, Gilson Souto Maior a assistência técnica sempre eficiente de Ronaldo Elói, Marcos e Mucio Albuquerque e tantos outros, como Adalberto Alves. Surgiu então com todo seu vigor e mocidade Edivaldo Gouveia, o plantonista e a narração jovem de Rostand Silva Lucena. A Borborema marcou época fazendo jus ao slogan A MAIS FAMOSA, sob o comando de Joselito Lucena. Esta, a nossa modesta homenagem àqueles que enfrentando todos os sacrifícios da época, por falta de meios de comunicação, fizeram a grandeza do rádio esportivo campinense.<sup>80</sup>

A trajetória do jovem radialista estava assim antenada a um período de crescimento do rádio esportivo campinense e, mais, ao crescimento da rádio. Aspecto importante na leitura sobre as trajetórias, não é o indivíduo pelo indivíduo, mas o indivíduo que dialoga com o contexto. A filósofa alemã Hannah Arendt (2005) afirma que “a sociedade, por sua vez, é condicionadora e condicionante, ou seja, determina o comportamento dos indivíduos que ali vivem, porém, também é condicionada pelos indivíduos que a formam”. Já o sociólogo Norbert Elias, chama tais relações de condicionantes externos – características das inter-relações que estabelecemos com os outros.<sup>81</sup> O sociólogo enfatiza ainda que,

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras,

---

<sup>80</sup> Ensaios encontrados no arquivo pessoal de Joselito Lucena, com data de 30/11/2000.

<sup>81</sup> Ver ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005.



a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 21).<sup>82</sup>

Percebamos que o então jornalista esportivo – e vice-versa – se coloca enquanto participante dessa *grandeza do rádio esportivo campinense*, nos apontando novamente os sinais já discutidos na introdução e no primeiro capítulo, dessa representação criada tanto pelos que ele cita, quanto por ele mesmo.

Entre as jornadas esportivas de destaque da Rádio Borborema, podemos citar dentro da década de 1970 a disputa Pernambuco – Paraíba, ganha pelo Treze invictamente, evento entre a Seleção da Alemanha e a Seleção de Pernambuco, representando o Brasil, com transmissão realizada diretamente do Recife, a inauguração do Estádio Rei Pelé, Inauguração do Estádio Romeirão, em Juazeiro do Norte, e Joselito Lucena participou da cobertura de todos esses eventos futebolísticos de nível nacional, lembrando ainda em 1971 e 1972, da Taça Independência no Maracanã<sup>83</sup> e a despedida de Pelé em São Paulo.<sup>84</sup> Como destacou a *Revista Tudo*, a Rádio Borborema participou de “um número elevado de estádios” e “se fez presente no registro dos mais importantes acontecimentos esportivos”.<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> Ver ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994 e ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>83</sup> Também reconhecido como Mini Copa - foi uma competição de futebol entre seleções nacionais patrocinado pelo Brasil como parte das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. O torneio foi realizado no período de 11 de junho a 9 de julho de 1972. *Revista Veja* São Paulo.

<sup>84</sup> Em 11 de julho de 1971, Pelé entrou em campo no Morumbi para o primeiro de seus dois jogos de adeus à equipe canarinho. Anotou um gol no empate em 1 a 1 com a Áustria, foi substituído por Paulo César Caju e deu uma volta olímpica no estádio (correndo, não andando) com a coroa de Rei do Futebol. Uma semana depois, no Maracanã, atuaria pela última vez com a camisa amarela no 2 a 2 com a Iugoslávia. *Revista Veja* São Paulo.

<sup>85</sup> Joselito Lucena participou do pioneirismo em transmissões diretamente de São Januário, Rio de Janeiro – Goiânia – Vitória do Espírito Santo – Santos, SP – Porto Alegre RS, decisão do Campeonato Brasileiro entre Internacional e Corinthians – Campinas SP, decisão do título Brasileiro entre Internacional e Palmeiras – Piracicaba – São José dos Campos – Uberlândia – Uberaba – Belo Horizonte – Estádio Mineirão, Cuiabá no Mato Grosso.

Em entrevista concedida, Joselito Lucena destacou alguns momentos marcantes de sua trajetória no rádio paraibano, como os momentos acima citados, mas um deles foi também sua primeira participação em uma narração esportiva, onde narrou um trecho de um jogo do Treze no Estádio Presidente Vargas no ano de 1958, na ocasião teve dificuldades como frisou, mas não desistiu, como afirmou na entrevista.<sup>86</sup> A inauguração de uma nova praça de esportes – a saber o Estádio Ernani Sátiro – impulsionaria ainda mais o radiojornalismo esportivo campinense, condicionante importante para percebermos tal crescimento da crônica esportiva do qual Joselito fazia parte.

Em 1975, Joselito Lucena participou da inauguração do Estádio de futebol de Campina Grande, Ernani Sátiro, *O Amigão*, e desde a primeira locução tratou de batiza-lo de *O Colosso da Borborema*, mas antes disso fez ainda uma campanha no rádio, a campanha se chamava, *Campina precisa de um Estádio*, e como destacou em entrevista, Francisco Assis do Nascimento, o Olé, “quem ouvia rádio naquela época deve se lembrar”. Sobre esse dia da inauguração do Amigão, em seus arquivos, Joselito Lucena deixou registrado que,

O maior acontecimento esportivo de Campina Grande, a inauguração do Estádio Governador Ernani Sátiro, “O AMIGÃO”, aconteceu no dia 8 de março, num sábado chuvoso, com o jogo CAMPINENSE 0 x 0 BOTAFOGO DO RIO DE JANEIRO. O sábado proporcionou a que viessem de todo Nordeste emissoras de rádio, jornalistas da região e as emissoras do Rio de Janeiro, o que não ocorreu na abertura do Almeidão no domingo em João Pessoa, pois os campeonatos regionais estavam em pleno andamento. Cabines de madeira foram construídas, para abrigar a todas as emissoras da região nordestina e a festa dos cronistas foi um espetáculo à parte, pois alguns chegaram logo na sexta feira. Desde a manhã, a equipe da Rádio Borborema estava à postos, realizando suas reportagens ouvindo opiniões de

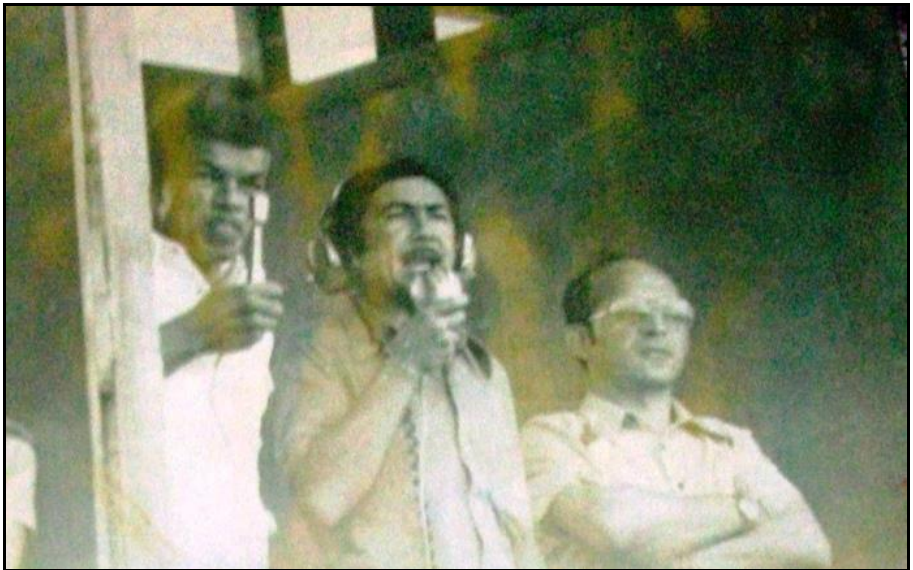
---

<sup>86</sup> Entrevista concedida em 17 de dezembro de 2007, ao Programa Ponto a Ponto da TV Itaré.

jornalistas, autoridades, e pessoas convidadas. Foi um espetáculo a inauguração do AMIGÃO.<sup>87</sup>

A foto que segue, é um registro do dia. Nela é possível ver o então repórter Francisco Assis do Nascimento (Olé), ao centro o responsável pela locução da partida, o locutor Joselito Lucena e a direita o comentarista Alberto de Queiroz.

Fotografia 4: Inauguração do Estádio Governador Ernani Sátilo em 08/03/1975. Arquivo pessoal de Joselito Lucena. À esquerda Francisco Assis do Nascimento, o Olé, no centro Joselito Lucena e à direita Alberto de Queiroz.



Fonte: foto retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

Ainda na década de 1970 criou a expressão *O Clássico dos Maiores*, para se referir ao clássico de futebol entre Campinense e Treze, expressão utilizada até os dias de hoje e conhecida em nível nacional quando o assunto é Treze e Campinense. Segundo uma enquete realizada

---

<sup>87</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada no arquivo pessoal do mesmo.

pela a Revista *Época*, o *Clássico dos Maiorais* é o 9º maior clássico de futebol do Brasil e o maior do Nordeste. Zelito guardou várias as reportagens, de jornais, revistas, em vídeo, sobre o clássico, nos deu a entender que queria acompanhar, de certa forma, o que havia criado.<sup>88</sup> O que reforça ainda mais essa sensação, e o que ele mesmo afirma em escritos deixado em seu arquivo, quando diz:

No seu *Jogo Duro* [programa que era apresentado por Humberto de Campos], o saudoso Humberto de Campos escrevia que fora de minha criação a denominação do Amigão como o “Colosso da Borborema”. Em outra oportunidade enfatizou que “O Clássico dos Maiorais” também tinha a minha assinatura. Hoje passados uns tempos encontrei esses registros sobre o clássico. Velhos tempos... belos dias.<sup>89</sup>

Por propositura do vereador Luiz Marinho, no dia 26 de janeiro de 1977, Joselito recebe - ou é “agraciado”, como mesmo se refere em seus escritos sobre este dia - o título de cidadão campinense. A foto a seguir ilustra o evento, foto essa que ganhou lugar de destaque no arquivo pessoal de Joselito Lucena, foi emoldurada e colocada em um quadro, com descrição do dia, juntamente com outra foto do titular ao lado de sua esposa Eliete Lucena.

Fotografia 5: Na foto Joselito Lucena recebendo o título de cidadão campinense, juntamente com Gilson Souto Maior, o mestre de cerimônia da ocasião.



<sup>88</sup> Em uma pesquisa feita no segundo semestre de 2008, a revista *Época*, questionou as maiores rivalidades do futebol brasileiro, e o clássico Treze x Campinense ficou em 9º lugar. Sobre o olhar atento do criador que cognominou o clássico de futebol como sendo o Clássico dos Maiorais, o titular do arquivo manteve inúmeros itens sobre esse confronto, encontramos jornais com aniversários de partidas entre os clubes citados; folhas com placares referentes ao clássico; fotografias de partidas envolvendo o Treze e o Campinense, que automaticamente já se transformavam em Clássico dos Maiorais e etc. O titular do arquivo manteve-se sempre atento a guardar tudo que se tratasse de Treze e Campinense, ou seja, Clássico dos Maiorais.

<sup>89</sup> Comentário encontrado no arquivo pessoal de Joselito Lucena, com data de 04 de junho de 2008.

Fonte: foto retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

Por ser uma pessoa pública, Joselito Lucena figurava por diversas áreas da sociedade campinense, tinha contato desde o mais humilde torcedor ao mais influente político. Em 1978 Campina Grande recebia a visita do então presidente Ernesto Geisel, e por ser o nome mais expressivo na locução, do período, Joselito Lucena foi convidado pelo então prefeito de Campina, Enivaldo Ribeiro. Que em entrevista nos contou o porquê da escolha de Joselito para mestre de cerimônia do evento:

A gente teve a visita de diversos presidentes da época, uma foi de Ernesto Geisel, João Figueiredo. Zelito com o microfone, a voz dele, além da capacidade dele, tinha a voz dele que ajudava muito, era um negócio para cinema, era inimitável, ninguém tinha a voz igual a ele, ninguém gritava um gol melhor do que ele, ninguém fazia um anúncio, como esse do presidente Geisel, de outras pessoas que estiveram aqui em Campina Grande na época em que eu era prefeito, ninguém melhor do que ele. Graças a deus eu soube escolher bem, além da capacidade e da amizade que me ligava a ele [emoção].<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> Enivaldo Ribeiro, entrevista concedida ao autor em 17 de janeiro de 2019.

Notemos que desde o evento que narramos no início deste capítulo – sobre o acontecido no início do período da ditadura militar, quando Joselito foi parado em uma blitz e teve problemas para seguir viagem – o personagem se mantém dentro do jogo histórico, empiricamente sendo movido pelos condicionantes externos do jogo social e político, como sugere a leitura de Roger Chartier (1990).<sup>91</sup>

Fotografia 6: Algumas autoridades presentes no dia, Milton Cabral, Joselito Lucena, Tarcísio Buri, Pref. Enivaldo Ribeiro, Pres. Geisel e Gov. Ivan Bichara Sobreira.



Fonte: foto retirada do arquivo pessoal do Joselito Lucena

A fotografia acima, mostra como de 1964 a 1978 – posteriormente também, pois Joselito Lucena exerceu a função de radialista no período que compreende a ditadura militar no Brasil – o personagem caminhou dentro do rádio campinense no período ditatorial brasileiro, sendo então o mestre de cerimônia no evento de recepção ao

---

<sup>91</sup> Ver *A história cultural entre práticas e representações* (1990) e *O mundo como representação* (1991).

então presidente Ernesto Geisel. O presidente Geisel visitou a Paraíba passando por João Pessoa e Patos, e em Campina Grande após ser recebido com um desfile de encerramento pela sua visita ao Estado, inaugurou a BR 104 que ligaria Campina Grande a Maceió.<sup>92</sup>

No início da década de 1980, ao disputar a presidência com Francisco Assis do Nascimento, o Olé, Joselito Lucena assume a ACEC, Associação dos Cronistas Esportivos Campinenses.<sup>93</sup> Sobre o período eleitoral da ACEC, o Jornal *Diário da Borborema* destacou:

ACEC definiu data da eleição: será sábado na liga campinense. Sob a presidência do jornalista Gilson Souto Maior esteve reunida na última terça-feira, na sede da Liga Campinense de Futebol, A Associação dos Cronistas Esportivos Campinenses (ACEC) quando na oportunidade, ficou marcado a data da eleição da entidade esportiva [...] na relação consta o número de 39 associados [...] duas chapas foram registradas a “Unidade” e “Abertura”. A primeira ficou assim constituída: presidente Francisco Olé; vice Geovaldo Carvalho; secretário Joacir Oliveira; Tesoureiro Maciel Gonzaga de Luna e relações públicas Germano Ramalho. Conselho fiscal Paulo Roberto, Edmilson Antônio da Silva e Geraldo Batista, ficando como suplentes Massilon Gonzaga, Edvaldo Gouveia e Tobias Dipacci. A chapa Abertura está composta da seguinte maneira, presidente Joselito Pereira de Lucena; vice José Luiz Júnior; secretário Francisco Lopes; tesoureiro Luiz Barbosa de Aguiar e relações públicas Humberto de Campos. Conselho fiscal William Monteiro, Roberto Hugo e Severino Feliz. Suplentes José Edmilson Barbosa, armando Lira e Evandro Nogueira. O presidente Gilson Souto Maior a comissão das eleições. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 04 de dezembro de 1980)

Sobre a cobertura das eleições da ACEC e o resultado do certame o Jornal *Diário da Borborema* registrou o seguinte:

Joselito Pereira de Lucena estará concorrendo hoje as eleições da ACEC, bastante conhecido nos meios esportivos da Paraíba e do

---

<sup>92</sup> CPdoc da Fundação Getúlio Vargas e [www.arquivonacional.gov.br](http://www.arquivonacional.gov.br)

<sup>93</sup> Jornal *A União* – Sexta-feira 12 de dezembro de 1980.

Nordeste, há muitos anos milita na crônica esportiva da cidade, como narrador esportivo da Rádio Borborema. Zelito Lucena, como é mais conhecido, vai disputar a presidência da Associação dos Cronistas Esportivos Campinenses. Sua chapa a “Abertura”, busca o intercâmbio com outras associações, ACI, ADI, ABRAPE, FPF e associações profissionais e amadoras, alugar uma sala para os associados, convenio com a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Regional do Nordeste, para convênios entre os departamentos de saúde e atendimentos para associados e familiares. Promoções esportivas, atletismo, futebol de salão, ciclismo. Realização do I Encontro de departamentos Esportivos do Norte e Nordeste. Eram as metas de campanha. [...] Joselito Lucena eleito presidente da ACEC. A diferença de votos foi de 2, 18 a 16 com 1 voto nulo. Houve confraternização após de maneira amigável. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 06 e 07 de dezembro de 1980)

Percebemos através dos periódicos, também um crescente na trajetória do personagem, em janeiro de 1963 – quando ainda não havia entrado para a chefia da Rádio Borborema – o nome de Joselito Lucena aparece de forma tímida, como reserva de Ariosto Sales, já na década de 1980 – e anos seguintes – os jornais já o tratam como “bastante conhecido da crônica esportiva da Paraíba e do Nordeste”, como na citação acima.

### **3.3 Intervalo do jogo (mudança de prefixo, da Rádio Borborema para a Rádio Caturité novamente, 1989).**

Com a justificativa de que queria uma mudança geral no quadro dos funcionários que compunham o departamento esportivo da Rádio Borborema, a emissora resolveu demitir todo o departamento de esportes, como nos contou Adalberto Alves em entrevista,

Nós tínhamos a melhor equipe, uma das melhores do Nordeste, Joselito Lucena, Humberto de Campos, Edvaldo Gouveia, Rostand já estava com a gente, fazia o *Minuto esportivo*, Chico Alemão. [...]. Logo cedo da manhã, Edvaldo Gouveia foi o



primeiro a chegar, para apresentar *Tiro de canto*, e quando ele chegou lá em cima, disseram: “Tu vais pra onde? ”, ele disse, vou apresentar *Tiro de canto*, não, apresente mais não que você está fora, Edvaldo Gouveia ficou surpreso, aí ele fica na entrada da Rádio, lá embaixo, que era no Rique Palace Hotel, ficou ali encostado num carro. Depois de Edvaldo Gouveia chegou eu, Edvaldo me pergunta, “tu vais cobrir o Campinense hoje, pra Borborema”? Aí eu disse, vou, mas ainda está cedo, aí ele disse, “vai mais não que tais fora da Rádio também” aí eu disse, só nós dois? Ele disse, “não, todos”. Quando eu olho lá vem Rostand, que andava bem ligeirinho, aí fui eu quem disse pra Rostand, Rostand, tu vais gravar o *Minuto esportivo*? Ele disse, “agora mesmo”, eu disse, vai mais não, tais fora também, fique aqui com a gente, aí contei a ele. Aí depois vinha Zelito, Zelito parou na banca de revistas lá. Aí ele disse, “bora, bora, todo mundo subir, se movimentar”, venha cá, Zelito, fique aqui com a gente, tiraram você, tiraram todo mundo. E assim foram tomando conhecimento um por um da covardia da atitude tomada. E achavam eles que a saída dessa equipe de ouro, da Rádio Borborema, uma equipe de ouro, porque o cara que tem Zelito, citou Joselito Lucena já é uma equipe de ouro. Aí ficamos sem Rádio. Na mesma hora já começamos a nos movimentar quanto a Rádio Caturité [...]. Fomos pra Caturité, Zelito comprou o departamento, chamou a equipe todinha nós fomos para lá, desse dia para cá, tornou-se a ex Borborema, e ex departamento esportivo da Borborema. Tentaram de todo jeito, levaram um banho grande de audiência, e aí, eu não digo que foi por causa do departamento esportivo, hoje nós temos saudade da Rádio Borborema que não existe mais, por tantas e tantas mexidas, em tirar craques da informação, bons locutores, não só na área do esporte, e a Borborema terminou fechando as portas, e a Caturité suportou e está aí até hoje, e a Borborema que era o maior nome do futebol do Nordeste, hoje tem as portas fechadas.<sup>94</sup>

Depois do acontecido, ainda em janeiro de 1989, Joselito Lucena retornava a sua emissora de origem, a Rádio Caturité contaria agora com um profissional muito mais experiente e gabaritado do que o que havia saído nos idos de 1960. Vale ressaltar que desde o seu estabelecimento na crônica esportiva junto a Rádio Borborema, Joselito Lucena recebeu

---

<sup>94</sup> Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18 de abril de 2019.

inúmeras propostas e convites variados de diversas emissoras do país, “ele recebeu convite da Rádio Tabajara de João Pessoa, da Rádio Verdes Mares de Fortaleza, Rádio Cabugi de Natal, Rádio Bandeirantes de São Paulo e outras, em um período de tempo muito curto”, como destacou Rostand Lucena em entrevista.<sup>95</sup>

### **3.4 Etapa complementar da partida (Gols do segundo tempo, momentos na Rádio Caturité, 1989-2011).**

Na Rádio Caturité, Zelito Lucena alçou voos internacionais, assim que chega na Rádio Caturité em 1989, parte em direção a cidade de Salvador, na Bahia, onde ficou a sede da seleção brasileira naquela Copa América. Em 1991 embarca para o Chile, onde faz, juntamente com a equipe esportiva, a cobertura da Copa América do Chile, o que se repete em 1995, agora no Uruguai. Em o que chamou de *ensaios preliminares*, Joselito escreveu em forma de crônica, o dia a dia da maioria desses eventos, e podemos observar as dificuldades passadas por esses profissionais do rádio, que mesmo diante dos desafios impostos a eles, mantinham seu profissionalismo e davam conta do recado:

Um evento em que o homem de imprensa nordestino passa mais de 25 dias fora de casa, é bastante oneroso. Emissoras e jornais procuram cobrir esses acontecimentos e o fazem com muito sacrifício. Em viagens anteriores, era comum realizar as 3 refeições diárias. Isso, no entanto sempre foi uma desvantagem para o homem de imprensa. Era um gasto desnecessário. Foi preciso mudar a estratégia. No esquema tático de alimentação montado para não se perder no combate financeiro, passou-se a utilizar o momento final, os últimos minutos mesmo, do café da matinal, do desjejum, para a alimentação do dia, com direito a eliminação de todos os obstáculos que estivessem a sua frente. Quando se sabia que o restaurante só funcionava até as 10 horas para o café matinal, faltando 15 minutos o time entrava em campo para vencer a primeira batalha do dia, só voltando a atuar

---

<sup>95</sup> Rostand Silva de Lucena, entrevista em 18 de abril de 2019.

de forma arrasadora à noite. Essa era e ainda é uma tática aplicada no campo da esportividade, notadamente em jogos de grande porte quando deve-se chegar ao estádio ainda pela manhã para uma partida as 17 horas.<sup>96</sup>

Ao longo da década de 1990, e dos anos 2000, Joselito Lucena seguiu seu trabalho na Rádio Caturité e manteve seu compromisso com o torcedor e a torcedora campinense, nas entrevistas com colegas de profissão e torcedores tanto do Treze quanto do Campinense – agremiação que Joselito Lucena nunca negou que era torcedor, mas que sempre garantiu que sua paixão nunca atrapalhou seu trabalho na hora de narrar o que acontecia dentro das quatro linhas do gramado – Joselito Lucena é sempre lembrado pelo carinho e o esmero para com, tanto os torcedores quanto sua equipe esportiva. Novamente em crônica, Joselito Lucena destacava o empenho da equipe esportiva e dizia que,

O domingo teve de tudo. Durante o dia, o show de abertura da jornada esportiva através do “bom de bola”, Edson Maia, a narração impecável de Rostand, os comentários de Chico e Anchieta, as reportagens de Lula Barbosa, Gutemberg Simões e o Aguiar na reportagem volante e ainda o número um Luciano Santos e os efeitos técnicos que foram ilustrativos para a jornada.<sup>97</sup>

Os anos de 2009 e 2010, foram anos de muita produção de crônicas e de buscas por documentos do passado. Joselito Lucena preocupou-se em deixar um número considerável de crônicas, anotações, agendas com o papel muitas vezes de diários, e como trabalhado no capítulo anterior, seu arquivo pessoal foi sendo cada vez mais alimentado por suas lembranças do passado, ele passa a escrever sobre diversos momentos do seu início no rádio em Campina Grande e agenda suas

---

<sup>96</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 24 de outubro do ano 2000. Ano de consulta, 2018.

<sup>97</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 23 de fevereiro de 2010. Ano da consulta, 2018.

memórias de modo a salvaguardar esses acontecimentos vividos. É então que percebemos o homem em sua consciência de finitude, essa escrita/busca de evidências do vivido remete a uma necessidade de marcar o tempo, isto é, dentro da filosofia ricoueriana, o desejo de permanecer vivo, como é possível perceber principalmente nesses últimos escritos feitos pelo Joselito Lucena.<sup>98</sup>

O programa *Reminiscências, uma viagem no túnel do tempo*, de autoria, produção e apresentação de Joselito Lucena, serviu também para narrar fatos e acontecimentos do futebol e do rádio de Campina Grande ao longo das últimas seis décadas. O primeiro programa foi ao ar no dia 12 de janeiro de 2006<sup>99</sup>, a estreia aconteceu em uma sexta feira e Zelito deixou em seu arquivo a primeira chamada feita para anunciar a nova programação que surgia, ela diz:

Reminiscências tem o prazer e a satisfação de recordar com você aquele tempo que não volta mais e que evidentemente deixou saudades. Para quem viveu tudo isso que será mostrado a seguir pronunciara certamente esta frase: “velhos tempos, belos dias”. Um trabalho interessante, inteligente, bem feito e que certamente será bem recebido não só por aqueles de uma faixa etária mais avançada, mas, por todos que gostam de curtir o que é bom. Homenagem de reminiscências a este poeta que nos trouxe esta obra prima, é ele Jessier Quirino com o seu, *Estou de volta para o passado*. Vamos curtir? Técnica: - Vou embora ou estou de volta ao passado...<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> Ver RICOEUR, Paul. *Finitud y culpabilidad* Madrid: Ed. Taurus1982, *La mémoire, L’histoire, L’oublie* Paris Ed. Du Seuil, 2000 e *Sí mismo como outro*. Madrid: Siglo Veinteuno Ed.,1996. Entre 2009 e 2010 encontramos no arquivo do titular 46 crônicas e comentários escritos com essa necessidade que Joselito teve de marcar-se no tempo, escrevendo trechos significativos de sua própria trajetória e resgatando o seu passado vivido. Além das agendas/diários dos respectivos anos citados.

<sup>99</sup> Essa data foi encontrada em um escrito deixado pelo próprio Joselito Lucena em seu arquivo pessoal, mas em duas fitas K7s encontramos áudios do que teria sido o primeiro programa *Reminiscências, uma viagem no túnel do tempo*, onde Joselito Lucena diz no referido áudio tape que se tratava do ano de 2002. Talvez o programa tenha iniciado em 2002, sido pausado e depois retornado em 2006, é a mais provável hipótese.

<sup>100</sup> Comentário encontrado no arquivo pessoal de Joselito Lucena, com data de 12 de janeiro de 2006.

O poeta Jessier Quirino, citado por Zelito Lucena em seus escritos, como este utilizado acima, fez talvez a homenagem de maior repercussão sobre o jornalista esportivo Joselito Lucena a nível nacional, quando em uma entrevista ao *Programa do Jô*, apresentado por Jô Soares, Jessier conta um caso sobre um locutor esportivo de Campina Grande chamado Joselito Lucena, o caso intitulado de *Casamento Narrado*, foi lançado em 2006 no trabalho chamado *Bandeira Nordestina*, de autoria de Jessier Quirino.<sup>101</sup> Em 2009 Jessier Quirino comenta em uma rede social que,

Fiz faculdade em Campina Grande há trinta e um anos e costumava acompanhar as partidas do Treze Futebol Clube – meu querido Galo da Borborema – pela Rádio Borborema, hoje, Rádio Clube, as narrações eram de Joselito Lucena que, naquela época, já era um veterano da crônica esportiva. Foi uma agradável surpresa saber que o cronista esportivo ainda está em atividade, agora, na rádio Caturité de Campina Grande.<sup>102</sup>

Sobre sua audiência em Campina Grande, Joselito Lucena era enfático em afirmar que,

Graças a Deus o meu público é bom, meu público não, nosso público, somos uma equipe. Não devo e nem posso ser individualista, nosso espaço é bom e por isso mesmo a audiência é valorizada por todas as camadas. E a gente fica feliz quando recebe cumprimentos de figuras da sociedade campinense que gostam das coisas da terra, que amam e adoram tudo que seja bom e bonito para a nossa Rainha da Borborema.<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> O vídeo da entrevista com Jessier Quirino pode ser encontrado na página da Globo play, exibição em 2 de julho 2008.

<sup>102</sup> Comentário feito por Jessier Quirino em 9 de agosto 2009 ao blog: <http://www.drzem.com.br/2009/08/jessier-quirino-cumpadre-lele-garrinha.html>

<sup>103</sup> Crônica escrita por Joselito Lucena e encontrada em seu arquivo pessoal, com data de 07 de maio de 2009. Ano da consulta, 2018.

No novo milênio, o *mestre* seguiu conquistando o reconhecimento da imprensa paraibana. Colecionou ao longo da segunda metade do século XX e na primeira década do século XXI, um verdadeiro arsenal de certificações<sup>104</sup>, medalhas de honra ao mérito<sup>105</sup> e reconhecimentos diversos por parte de torcidas, clubes e autoridades, não caberia neste trabalho a quantidade de premiações a nível Nordeste, que encontramos ao longo da pesquisa.

#### **4 CAPÍTULO 3. A “ESCOLA JOSELITO LUCENA”: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE JOSELITO LUCENA COMO SENDO UMA PEÇA IMPORTANTE NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO RADIOJORNALISMO ESPORTIVO DE CAMPINA GRANDE.**

---

<sup>104</sup> No arquivo de Joselito Lucena encontramos certificados de melhor locutor esportivo de 1964 até o ano de 2010.

<sup>105</sup> Em 09 de agosto de 2005, recebeu a outorga da “*Medalha Mérito Jornalístico Assis Chateaubriand*”

*Há cinco anos não rimos juntos, não dividimos transmissões, nem multiplicamos emoções. Porém, não se trata do fim. Foi apenas o término do primeiro tempo de um jogo inacabado. E que jogo, hein? Na realidade, nossa convivência aqui na terra foi um clássico, não foi um jogo qualquer. Foi uma partida cheia de emoções, do princípio até onde paramos. Um dia, em outro plano, iremos continuar. É velho, aqui as coisas ficaram um pouco sem graça. O rádio já não é o mesmo. A “Super Borborema” já não comanda o futebol. A Caturité, sem você, perdeu muito brilho. Até o rádio AM está indo embora. Não apareceu ninguém para relatar de forma tão fiel uma partida de futebol e a nova geração, infelizmente, se vê privada do privilégio de ouvi-lo. O Clássico dos Maiorais (nome dado por você) não coloca mais 40 mil torcedores no Amigão. Por falar em Amigão, finalmente parece que o seu sonho vai se tornar realidade. Suas críticas, mesmo que de forma tardia, foram aceitas, e o Colosso da Borborema vai receber elevadores, evitando assim que a gente chegue arquejando nas cabines depois de subir quase cem degraus. Coisa que você tanto reclamava. As viagens tornaram-se insossas. Diferente daquelas tantas que fizemos. E olha que comecei cedo. A primeira delas ainda com seis anos, quando você me levou para Juazeiro do Norte. A partir daí rodamos quase todo o Brasil e até outros países. Velhos tempos, belos dias. Continuamos mantendo a equipe esportiva da Rádio Caturité, que merecidamente, por proposta dos colegas, recebe o seu nome, conservando assim o seu contato com os ouvintes. Parece que foi ontem, porém lá se vão cinco anos. Lembro-me do medo que tinhas da morte, mas encarastes a cortina final como poucos. Por aqui continuamos tomando aquela cervejinha. Não é Antártica, pois prefiro Skol. Lembrei-me agora da época de veraneio em João Pessoa, quando dividíamos o cooler. Metade de Antártica e a outra metade de Skol. Você só na do pinguim e nós na que desce redondo. Teve dia de terminar a Antártica e, para não perder a oportunidade, você dizer “é o jeito tomar Skol”. Além de uma lição de vida, você me deixou uma grande herança. Passados cinco anos de sua ida, todas as pessoas que falam sobre você só fazem rasgar elogios ao profissional e a pessoa que você foi. É a maior herança que um filho pode receber. Vou ficando por aqui. Tenho muito mais a dizer, mas como conversamos todos os dias, fica pra próxima. Está me dando um nó na garganta. Como o jogo não terminou, vou narrando sozinho aqui na terra e você aí em cima. Reserva um lugar em sua equipe celestial, pois quando terminar o meu tempo aqui chegarei para dividir as transmissões com você aí em cima. Segura firme aí velho que o segundo tempo é comigo.<sup>106</sup>*

Rostand Silva de Lucena

---

<sup>106</sup> Crônica escrita por Rostand Silva Lucena, filho e companheiro de trabalho de Joselito Lucena, e publicada em uma rede social em 04/02/2016 - facebook.com

#### **4.1 E chegou o fim da partida. Ainda é possível ouvir o trilar do apito final.**

Em decorrência do acidente sofrido em casa e já comentado no primeiro capítulo, Joselito Lucena passa então a realizar alguns exames de rotina, aparentemente sem maiores problemas, porém, no mesmo ano do acidente, 2010, é diagnosticado com câncer no pulmão, e então inicia um tratamento intenso na luta contra a enfermidade. Percebemos então, que nesse período há um silenciamento em seu arquivo, perceptível na ausência de crônicas, seus comentários futebolísticos, suas resenhas matinais e tudo aquilo que era praxe no cotidiano de Zelito Lucena. Acreditamos que devido as baterias de exames e o tratamento agressivo pelo qual passou, foi decisivo quanto ao que percebemos em seu arquivo, uma parada brusca nos atos costumeiros.

A luta contra o câncer não foi vencida, e no dia 04 de fevereiro de 2011, pouco depois do meio dia, Joselito Lucena falecia, encerrando meses de tratamento, quimioterapia, radioterapia e tantos outros procedimentos que não foram suficientes para conter a enfermidade diagnosticada inicialmente, haja vista que o câncer antes pulmonar já se alastrara e havia evoluído para uma metástase.<sup>107</sup>

Na despedida de Joselito Lucena, em 5 de fevereiro de 2011, diversas autoridades da cidade se fizeram presentes para prestar suas homenagens. Alguns leram ou discursaram sobre a sua vida, algo comum para uma cerimônia fúnebre. Rádios da cidade fizeram a cobertura do velório ainda no dia 4 de fevereiro, e permaneceram até o dia seguinte para o sepultamento, juntamente com algumas emissoras de televisão.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> De acordo com o Instituto Oncoguia, a metástase é “quando o câncer se espalha além do local onde começou (sítio primário) para outras partes do corpo. A metástase pode ocorrer quando as células cancerosas viajam através da corrente sanguínea ou dos vasos linfáticos para outras áreas do corpo”.

<sup>108</sup> A saber, as Rádios Caturité, Cariri, Panorâmica, Correio e outras. E as emissoras de televisão, TV Paraíba, TV Borborema e TV Itararé, estiveram entre os dias 4 e 5 de fevereiro de 2011 no velório e sepultamento de Joselito Lucena.



Coroas de flores de diversos amigos, políticos, militantes do radiojornalismo campinense e familiares se formaram em dezenas ao redor do caixão. Diante de tantas homenagens, falas e discursos, um discurso em particular nos causou inquietação.

Gilson Souto Maior, de voz grave e potente, iniciou sua fala dizendo algo mais ou menos assim, “não morreu apenas o homem, não morreu apenas o locutor Joselito Lucena. Morre uma escola, pois Joselito Lucena foi, sem dúvida, uma escola do rádio para todos nós”. Qual o significado da expressão, “morre uma escola”? O que ela expressava na visão do jornalista campinense? A resolução dessas perguntas motivou a abertura do presente capítulo.

#### **4.2 Quando morre o radialista e se imortaliza a “escola” (Joselito Lucena servindo como baliza para os profissionais do rádio segundo eles mesmos).**

Joselito Lucena foi considerado pela crônica esportiva regional como sendo um dos últimos expoentes da época do início do rádio na cidade de Campina Grande e o único a exercer a função de locutor esportivo por tanto tempo, a saber por pelo menos 50 anos, somente narrando partidas de futebol. Desse modo, a sua trajetória profissional está enraizada nas gerações que se seguiram após o início das transmissões radiofônicas na cidade a partir da década de 1950. Não é raro ouvirmos o seu nome associado aos clubes de Campina Grande bem como ao radiojornalismo local e regional.

Dentro da crônica esportiva para os que militam ou militaram no radiojornalismo esportivo campinense, Joselito Lucena é apontado como sendo o locutor mais categórico, a referência profissional que se tinha sobre seu nome e que sobreviveu a sua morte é observada ao longo da pesquisa como sendo *uma estaca central*, nos dizeres de Francisco Assis do Nascimento, o Olé. É comum para as gerações de profissionais que surgiram depois do falecimento de Joselito Lucena, que tenham como

referência outros locutores mais novos e de gerações mais recentes, mas é inevitável não conhecer ou ter ouvido falar do trabalho que Zelito exerceu durante pelo menos 60 anos dentro do radiojornalismo campinense pois essas referências para as novas gerações, conviveram, trabalharam e aprenderam com Joselito.<sup>109</sup>

Um desses personagens, já citado nessa pesquisa, foi o Josusmá Viana, que trabalhou com Zelito Lucena tanto na Rádio Caturité quanto na Rádio Borborema – onde foi diretor do Departamento Esportivo, chefe de Joselito Lucena – e Josusmá como sendo também um dos remanescentes desta primeira geração da crônica esportiva de Campina Grande, destacou em entrevista um pouco de sua convivência com Joselito Lucena na radiodifusão Campinense, quando disse:

Meu primeiro contato com Zelito Lucena foi na Rádio Caturité, na rua Maciel Pinheiro, ele não era locutor esportivo, ele era locutor comercial, e a gente trabalhou lá muito tempo, depois a gente veio para a Borborema. Foi uma das pessoas, das figuras humanas mais interessantes que eu conheci [emoção].<sup>110</sup>

Esse teria sido seu primeiro contato com Joselito Lucena, e quando perguntado sobre a sua relevância para a crônica esportiva de Campina Grande, Josusmá foi enfático em dizer que ela foi “muito grande, como de outros, ele participou diretamente de todos os acontecimentos da época, não só aqui em Campina Grande como quando os times jogavam fora, ele ia acompanhando, ele participou ativamente” e sobre ter feito escola no métier, Josusmá disse que Joselito Lucena “realmente foi, na época foi, ele foi um dos líderes da locução

---

<sup>109</sup> Dentro da pesquisa não foi possível entrar em contato com todos os que militaram ou militam no radiojornalismo esportivo de Campina Grande e do Estado da Paraíba, muito menos poder entrevista-los, alguns não residem mais na cidade, inviabilizando o ato do contato para a entrevista, outros infelizmente já faleceram, alguns simplesmente pelo fato das demandas do dia-a-dia não puderam contribuir para esta pesquisa de maneira direta, mas indiretamente tiveram sua participação. Acreditamos que dentro das entrevistas coletadas, pudemos realizar o cotejamento das fontes e a contribuição desta metodologia nos foi bastante relevante.

<sup>110</sup> Josusmá Coelho Viana, entrevista concedida ao autor em 07 de janeiro de 2019.

esportiva, e muita gente se inspirou nele para aprender”. Fato é que a representação criada sobre Joselito Lucena como sendo um *líder da locução esportiva* é muito forte dentro e fora da crônica esportiva, e se estende até os dias de hoje, segundo o próprio Josusmá quando disse o personagem falecido em 2010 “ensinou uma geração, muita gente hoje ainda na escola de comunicação, segue os passos de Joselito”.

Outro nome já citado e que fez parte também desse início das jornadas esportivas em solo campinense, foi o Francisco Assis do Nascimento, ou simplesmente Olé. Quando perguntado sobre a relevância de Joselito Lucena para o rádio campinense, afirmou que “para o rádio não só de Campina Grande, para todo o Estado da Paraíba, e com repercussão para o Nordeste brasileiro”, “fala-se muito hoje, fulano é ícone de tal coisa, então Zelito naquela época já era o que hoje se chama ícone, quer dizer, ele era uma estaca central no meio desta geração, porque muitos passaram pelas mãos dele, no rádio esportivo de Campina Grande”. Quando perguntado se Joselito Lucena havia de certa forma formado escola, ou feito escola no rádio campinense, Olé foi enfático em afirmar que,

Ele formou várias gerações no rádio campinense, Alberto de Queiroz passou pelas mãos de Joselito Lucena, Humberto de Campos passou pelas mãos de Joselito Lucena, Levi Soares, Adalberto Alves, Clélio Soares, Amauri Capiba, todos esses foram influenciados por Joselito Lucena, e eu sou grato a ele também porque recebi essa influência.<sup>111</sup>

Além de acompanhar seus companheiros no rádio, Joselito Lucena possuía uma característica que notamos ao longo da pesquisa, ele revelava profissionais dentro do rádio, e o fazia de maneira muito peculiar. Sobre essa característica Olé nos contou como foi sua “promoção” de repórter de pista para comentarista esportivo:

---

<sup>111</sup> Francisco Assis do Nascimento, Olé, entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

Depois de plantonista esportivo eu fui para repórter de pista, e certa vez Joselito me pregou um grande susto, mas foi um susto que serviu de um salto para o futuro para minha pessoa, é que havia um comentarista, Haroldo Lessa, na Rádio Borborema, ele era sergipano e em determinada data ele teve que se despedir do rádio, e fez de uma maneira abrupta por que ele tinha recebido o convite para gerenciar uma empresa em Aracajú e havia um jogo Campinense e Treze pelo campeonato Paraibano no Estádio Municipal em um domingo à tarde, e Joselito me colocou lá, como na minha posição de repórter de pista e qual não foi a minha surpresa quando ele disse que o companheiro Haroldo Lessa havia se despedido e o comentarista de hoje é Chico de Assis Olé, você tem uma ideia de como eu me senti psicologicamente foi lá para baixo meu ânimo, porque eu nunca havia comentado uma partida de futebol, mas quando ele disse isso, houve uma pausa, um silêncio de uns 30 segundos da minha parte aí eu tive que dizer que estava sentindo saudade já de Haroldo Lessa, mas que Zelito estava me botando um peso enorme nos meus ombros, e talvez eu não tivesse condições de desenvolver a mesma atividade do colega anterior, ele disse, “mas só tem você mesmo, e vai ser você o comentarista”. Então isso foi como uma alavanca, porque eu sai de repórter de pista para ser comentarista esportivo, e ele escolheu uma maneira de me apresentar como novo comentarista da rádio Borborema de Campina Grande, aquilo era um peso tremendo porque a radiofonia naquela época tinha verdadeiros astros, pessoas notáveis no mundo do jornalismo paraibano, e eu pobre coitado, que era apenas um pista, seguir dado por ele a comentarista esportivo, e ele na segunda feira depois do jogo escolheu o slogan para mim, para que eu me apresentasse como comentarista, ele disse, “você vai ser o comentarista eclético” esse foi o slogan que ele escolheu pra mim, e todo esse povo de Campina Grande que acompanhou a radiofonia ainda hoje eu encontro com bastante alegria com alguns colegas, com alguns ouvintes da época e dizem, esse aí é Chico de Assis o comentarista eclético, quer dizer, Zelito me colocou esse slogan.<sup>112</sup>

Além dessa forma peculiar de apontar a nova função que o colega exerceria, Joselito Lucena como pode ter sido notado, gostava de cognominar os colegas, os clássicos, os estádios, a exemplo do clássico

---

<sup>112</sup> Francisco Assis do Nascimento, Olé, entrevista concedida ao autor em 16 de julho de 2018.

Treze e Campinense, o *Clássico dos Maiorais* e *O Colosso da Borborema* se referindo ao Estádio *O Amigão*. Mas não foi somente Olé que passou por algo peculiar, o repórter de pista Adalberto Alves nos contou como foi a sua estreia no rádio, vejamos:

Joselito Lucena sempre foi um homem de repercussão no futebol da Paraíba, do Nordeste e do Brasil, eu viajei muito com Joselito Lucena por todos os Estados do Brasil e a gente já tinha uma amizade enorme e eu falo realmente porquê Joselito Lucena será sempre uma lenda viva [...] Joselito Lucena disse para mim, “olha Adalberto, eu vou ensinar a você como se comportar e ser um grande profissional, em todas as jornadas esportivas você vai ficar apanhando as escalações e entregando para o pessoal”, que era o moleque de recado, naquele tempo, o estagiário “grave todo jogo, as resenhas esportivas, você pegue toda a programação da resenha, leve para casa, se tranque no banheiro e bote a narração do jogo na hora que eu estiver dizendo o lance” [...] Em dado momento em um sábado à noite, eu estava de paletó, gravata, calça social, tudo para ir para um casamento, isso era mais ou menos 18:00 horas, 18 e 30, por aí, me lembro muito bem, minha esposa já pronta para ir para o casamento, todos já prontos, aí o telefone toca, aí eu atendi, “Adalberto?” Eu disse, pode falar, “é Joselito Lucena!”, eu disse, diz Zelito, “está fazendo o que agora?”, eu disse, estou de paletó, gravata, vou para um casamento, ele disse, “tire o paletó e a gravata e venha para o Estádio Amigão”, aí eu disse, mas como é, Zelito? Eu vou para um casamento, eu e a família toda, “Adalberto, venha embora agora mesmo, você vai ser o repórter de campo”, nesse dia faltou Clélio e Levi Soares, não foram ao jogo, chovendo torrencialmente em Campina Grande, eu saí para o Estádio Amigão, cheguei lá de sapato social, calça azul escura e a camisa social, dobrei a camisa ele disse, “entre em campo, vá trabalhar”, eu entrei com aquela chuva forte, forte, só tinha uma base de uns 15 a 20 torcedores, Campinense e Nacional de Patos, gol de Porto aos 34 minutos do segundo tempo. Então quando ele me anunciou no rádio, eu entrei e criei já a minha maneira de trabalhar, eu chamei Porto, levei ele para a torcida, para 20 ou 30 torcedores que estavam mais ou menos, levei ele para a torcida e dali em diante eu fui titular da equipe de esportes de Joselito Lucena, ele me parabenizou depois do jogo, porque eu fui de uma maneira vibrante, eu sempre fui vibrante no microfone,

quem me acompanha ver isso, aí ele disse, “a partir de hoje você é da equipe de esportes, é nosso repórter de campo também”.<sup>113</sup>

Quando perguntado se Joselito Lucena fez escola na forma de ensinar aos que entravam no rádio, dar a oportunidade, como vimos no depoimento acima, Adalberto Alves frisou que,

Essa frase usada por Gilson Souto Maior foi de muita felicidade, porque ele sabe o quanto Zelito foi importante para ele, basta lembrar só uma coisa a você, nós temos o Rostand Silva Lucena, que é filho de Joselito Lucena, meu grande amigo, e é tanto que ele botou o filho dele para trabalhar, ainda um garotinho, mas o mesmo cobertor que ele deu para Rostand, ele sempre deu para a gente, ele não fez diferença, esse aqui é meu filho vai ser o melhor, não, mesmo oferecimento a Rostand ele ofereceu a mim, ofereceu a Chico Alemão, ofereceu a todos que estavam dentro da equipe esportiva da Rádio em que ele militou, então é esse o professor que eu falo sobre Joselito.<sup>114</sup>

Gilson Souto Maior também foi contemporâneo de Joselito Lucena, e em entrevista nos contou como o conheceu e depois como foi tê-lo como companheiro de trabalho,

Eu falaria da primeira forma como um encontro pessoal, Zelito jovem, ele é um pouco mais velho do que eu, a quem eu devo muitos ensinamentos na radiofonia paraibana. Eu conheci Zelito eu meninote, rapazola ele rapaz mais velho do que eu, e eu devia ter uns doze anos, onze anos, no bairro do Catolé, na rua Vigário Calixto, não lembro exatamente o ano, mas deve ter sido assim 60, mais ou menos 59 para 60, eu menino e ele já jovem mas já atuando na Rádio Caturité, ele era locutor da Rádio Caturité, e tem um fato interessante, Zelito não foi primeiro locutor esportivo, ele foi locutor noticiarista, repórter e locutor comercial, locutor comercial que eu me encontraria com ele no futuro. Como eu disse, eu meninote ele rapazola e eu conheci Zelito numa enquete política realizada pela Rádio Caturité, ele usando o microfone em um carro de frequência modulada, que todas as

---

<sup>113</sup> Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

<sup>114</sup> Adalberto Alves Brasileiro, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

emissoras tinham um carro de frequência modulada, para fazer as transmissões fora do estúdio, e não existia telefone celular, então a frequência modulada era mais fácil, resultado, Zelito fazendo entrevistas e entrevistou meu pai, nunca esqueci dessa imagem [emoção], Zelito rapazola, eu menino, Zelito com uma calça cinza muito bonita, uma camisa bem quadriculada, uma imagem que me chega na memória [emoção], jamais, jamais eu saberia, eu não sei como te explicar, eu jamais pensei que um dia ia encontrar com ele profissionalmente, resultado, comecei no rádio em 1965, assinei meu contrato em um dia, primeiro de junho de 1965, eu estava com 17 anos, e resultado, Zelito já estava na rádio Borborema.<sup>115</sup>

E Gilson Souto Maior segue expondo o que para ele, nos dizeres dele foi a *Escola Joselito Lucena*,

Zelito Lucena, ele foi não somente o nome do jornalismo esportivo, Zelito Lucena foi o nome do rádio da Paraíba e de Campina Grande especificamente, ele foi o homem do rádio jornalismo esportivo, da gravação comercial, e também do rádiojornalismo como um todo, ele foi um grande noticiário, então Zelito foi uma verdadeira escola, eu diria a você ele foi uma universidade de rádio pra todos nós, porque quem passou pela universidade aprendeu com ele antes, porque o curso de comunicação quando chegou aqui foi em setenta, final de setenta e três, ele não, ele já ensinava a muita gente e ensinou muita gente já a partir de 1960 quando ele estava começando, quer dizer, nos associados, mas ele começou um pouco antes na Caturité, então ele, Zelito é o próprio rádio, é a referência maior do rádio, evidentemente depois dos fundadores, de um nome como o Hilton Motta, Leonel Medeiros, esse pessoal é do começo, de um rádio muito antes do da gente, mas depois, quando o rádio se firmou mesmo, Zelito Lucena foi a grande escola, para todos nós, foi o nosso grande professor, interessante que eu fui professor dele depois, lá no curso de comunicação, mas ele desistiu, disse, eu não vou fazer não, eu estou cansado, e realmente ele não tinha o que aprender mais, não tinha o que aprender, sabia de tudo.<sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> Gilson Souto Maior, entrevista concedida ao autor em 05/01/2019.

<sup>116</sup> Gilson Souto Maior, entrevista concedida ao autor em 05/01/2019.

Como pudemos perceber nos relatos de Gilson Souto Maior, Josusmá Viana, Chico de Assis Olé e Adalberto Alves, Zelito Lucena inspirou e segundo a fala dos mesmos, fez escola não somente no radiojornalismo esportivo campinense e paraibano, mas no radiojornalismo como um todo, justamente pelo fato de ter sido – na ótica dos depoentes – referência nas locuções de noticiários, na apresentação de programas de rádio, na sua vasta experiência com a parte técnica de uma estação de rádio e com toda sua habilidade para com as nuances dos controles e instalações para fazer a radiação sonora acontecer.

Mas é possível perceber ainda outra característica dessa *Escola Joselito Lucena*, que foi também a inspiração para os jovens radialistas que surgiam no decorrer da trajetória do Joselito Lucena, como foi o caso dos radialistas Romildo Nascimento, Luciano Santos, Vieira Júnior, Mosaniel e o próprio filho do *mestre*, o Rostand Silva de Lucena, que ingressaram no radiojornalismo esportivo de Campina Grande quando Zelito Lucena já era um grande nome da crônica paraibana. Como destacou Rostand Lucena,

Eu mesmo criança já o acompanhava, a primeira vez que o acompanhei em uma viagem eu tinha apenas 7 anos de idade, nós fomos ao Estádio Romeirão, em Juazeiro do Norte, foi a inauguração daquela praça de esportes e foi a primeira viagem, digamos assim um pouco mais longa que fiz com ele, uma viagem interestadual [...] Zelito como atravessou várias e várias gerações, as pessoas que foram entrando para o rádio, principalmente da geração dos anos 80 para cá, como ele já era a referência de 60 e 70, quem entrou no rádio já era ouvinte normalmente já era ouvinte, já tinha ele como referência, quem era torcedor antes de ser cronista já tinha ele como, “ah, é meu locutor preferido”, e quando você vai trabalhar com alguém que é a sua referência, a partir dali você já ganha algo a mais e com ele realmente foi, se você pegar hoje quem está no rádio em Campina Grande fazendo jornalismo esportivo, salvo esses da nova geração mesmo, esses da geração 2000 ou 2010 para cá, esses realmente talvez não tenham como referência direta, mas sempre tem, mesmo os que entraram agora, ainda tem Zelito como referência, não tiveram



oportunidade de trabalhar com ele, a gente já bate papo sempre com várias pessoas, “ah, eu não cheguei a trabalhar, mas eu ouvi, eu ouvi. Então ele foi, realmente uma escola, trabalhar com ele era um aprendizado diário.<sup>117</sup>

Vieira Júnior, que trabalhou pelo menos duas décadas ao lado de Joselito Lucena, também relembra quando era apenas ouvinte e quando passou a ser colega de trabalho do *mestre*,

Desde criança que eu ouvia a programação esportiva de Campina Grande e eu me tornei um fã de Zelito, quem é que não era fã de Joselito Lucena? Então a gente ouvia e sentia que ali estava realmente uma grande personalidade da radiofonia de Campina Grande, do jornalismo esportivo, ele se tornou para Campina Grande uma figura muito importante, porque Zelito era uma referência, se tornou uma referência aqui em Campina Grande, não só na área esportiva, mas em tudo que você determinasse para Zelito fazer ele sabia fazer e fazia muito bem, eu até em alguns bate papos com ele, eu dizia assim, Zelito você é completo, porque você escreve, você narra futebol, você narra qualquer história, você faz artigo, você faz tudo, ou seja, você escreve e você fala, [...] eu particularmente aprendi muito com ele, eu posso dizer para você que eu tive uma escola muito boa no início do meu trabalho e Zelito foi uma dessas pessoas, eu me sentia e me sinto muito lisonjeado de ter trabalhado com ele, porque eu obtive muito conhecimento na minha vida profissional, Zelito era um cara que não tinha dificuldade de chegar em qualquer solenidade, por exemplo, para falar, para se expressar, e por isso ele se tornou uma personalidade na radiofonia de Campina Grande, era realmente um grande profissional. Alguns colegas, e eu acho que foi até o Adalberto que criou isso para ele [na verdade foi o radialista Luciano Santos], *o melhor narrador esportivo do norte e nordeste e do Brasil*, e era verdade mesmo [...] o Estado, o Nordeste perdeu muito com a mudança de Zelito, saindo desse mundo para o outro, se perdeu muito com isso, mas ele cumpriu a sua missão aqui, ensinou, ele dignificou a nossa categoria, foi realmente um grande profissional, por isso se tornou uma referência para todos nós dessa geração aqui, que pena que partiu cedo e que outros jovens que estão surgindo não tiveram e não terão essa oportunidade de

---

<sup>117</sup> Rostand Silva de Lucena, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

aprender ou de ter aprendido que a gente conseguiu absorver dos ensinamentos e da qualidade do trabalho que era desenvolvido por Joselito Lucena.<sup>118</sup>

É possível perceber um diálogo entre as fontes, no que se refere as novas gerações que vão surgindo no radiojornalismo esportivo campinense, e que dialogam entre si quando perguntados sobre a relevância do Joselito Lucena como sendo essa “estaca central no meio dessas gerações”, como frisou anteriormente o Francisco Assis do Nascimento, o Olé. Como o hoje plantão esportivo, Luciano Santos, que em entrevista contou como era sua relação com Zelito no âmbito profissional, mas também fora dos bastidores,

Zelito foi uma das pessoas mais importantes do rádio não só esportivo como o rádio paraibano, porque Zelito militou em todas as áreas dentro do rádio e tem um carinho muito grande de todos os torcedores, tanto do Treze como do Campinense e da crônica em geral. Meu primeiro contato com Zelito foi logo após eu terminar o curso de jornalismo, eu fui estagiar na Rádio Borborema, na ocasião Zelito era o chefe do departamento esportivo e na época eu fui trabalhar como pista, o chamado pista, que é o repórter de pista, fica ali na orla do gramado, e na ocasião comigo no mesmo período estava Romildo Nascimento e também o Gutemberg Simões, como só trabalha dois repórteres, que é um para cobrir um lado e outro para cobrir o outro, no caso os dois times, o time A e o time B, Zelito fazia um revezamento, um jogo eu trabalhava com Romildo, no outro Gutemberg trabalhava comigo e a gente fazia esse revezamento, e tinha um negócio interessante que Zelito, ele primava sempre pela organização, a gente ia para o Amigão [Estádio] um jogo de 16:00 horas mas a equipe saía de uma hora da tarde, tinha um carro na época, a Rádio Borborema naquele tempo era muito organizada, e tinha um carro e levava a gente, quem chegasse 13 e 05 já não ia para o Amigão, então eu iniciando na carreira de jornalista esportivo, eu chegava era 12:30 [risos] [...] Você falar em futebol em Campina Grande e não falar em Joselito Pereira de Lucena, não falou nada, um homem que criou várias coisas, até denominar *O Clássico dos Maiores* foi através de Zelito, quando

---

<sup>118</sup> Vieira Júnior, entrevista concedida ao autor em 18/07/2019.

Zelito chegava em qualquer canto era conhecido, na época que Zelito faleceu, eu digo sem pestanejar, eu recebi para mais de 30 telefonemas no dia, o pessoal ligando para mim, procurando saber se era verdade, agora não era gente de Campina não, era gente de fora, procurando saber, “rapaz é verdade que o baiano faleceu?”, e foi uma comoção muito grande em Campina Grande e eu chego até a me emocionar [emoção].<sup>119</sup>

Apesar de ter iniciado como repórter de pista, após o estágio na Rádio Borborema, Luciano Santos teve que se afastar, pois não conseguia conciliar seu trabalho durante o dia na CAGEPA e a noite na Rádio. Ele nos disse que “nem rendia na CAGEPA, porque era o dia todo com sono, e nem rendia lá na Rádio porque era um plantão de 18:00 à 00:00 horas”. Após alguns anos afastado do rádio, Luciano Santos retorna a convite de Joselito Lucena, vejamos como se deu,

Um belo dia eu estava no Calçadão [rua Cardoso Vieira, em Campina Grande], vou passando quando vejo vem Zelito gritando meu nome, Luciano, que eu olhei era Zelito, eu disse, diz Zelito! Ele disse, “vem cá eu quero falar contigo, você quer voltar a trabalhar comigo?” Eu digo, quem é que não queria trabalhar com Zelito? Aí eu digo, quero, e o que é que eu vou fazer? “Você vai ser plantão esportivo”, eu digo, plantão esportivo, Zelito? Dá certo não, ele disse, “dá, você entende de futebol, nem se preocupe que dá”, aí eu disse, mas como é que tu vai me colocar de plantão esportivo o plantão esportivo lá da rádio não é Joãozinho Silva, ele disse “não, Joãozinho pediu um tempo e eu não posso esperar não, já quero estreiar domingo” isso era uma terça feira, aí eu disse, Zelito, veja bem, você sabe que o maior narrador esportivo da Paraíba e do Nordeste para mim é você, e o melhor plantão do Nordeste se chama Edvaldo Gouveia, eu posso conversar com Edvaldo Gouveia para ver se ele me dá uma opinião positiva ou negativa? “Pode”, pronto dali eu fui direto para a casa de Edvaldo Gouveia, [...] Aí no outro dia eu tinha marcado com Zelito no Calçadão eu voltei e disse, Zelito eu estreio domingo, ele disse “tu estreia, posso dizer no ar?” Eu digo, pode dizer no ar. Edvaldo me deu várias dicas, agradeço até hoje, uma que eu não esqueço nunca foi, “nunca vá na primeira

---

<sup>119</sup> Luciano dos Santos Pereira, entrevista concedida ao autor em 26/12/2018.

informação”, tanto é que eu o enalteço, tudo que eu sei foi Edvaldo que me ensinou. Voltei no rádio novamente através de Joselito Pereira de Lucena que eu agradeço até hoje, já faz 20 anos trabalhando, com Rostand, o filho dele no plantão esportivo. Eu acho que o pessoal está gostando, porque já faz 20 anos [risos].<sup>120</sup>

Luciano Santos começou a usar a chamada de devolução para o locutor da seguinte maneira, ao dizer os resultados como plantão esportivo, ele devolveia o som dizendo,

Vamos retornar o som ao Estádio Amigão cabine número 1, onde está ele, o melhor narrador do Norte e Nordeste, aí soltava a vinheta, Joselito Lucena, e com Rostand agora é o seguinte, cria minha também, criei, vamos voltar o som ao Estádio Amigão cabine número 1, onde está ele, o filho do mestre, quer dizer, eu botei esse nome de Zelito, o mestre, não é porquê foi eu não, é porque ele foi meu mestre, eu aprendi com ele. [...]. Em um jogo Fluminense e Treze em 2005, se eu não me engano, o Treze naquela Copa do Brasil foi bem longe na competição, e você sabe que a Globo [rede de televisão] tem um padrão de qualidade e prisma pelo horário, só que para começar o jogo tinha que terminar a novela, aí entrou o Fluminense, entrou o Treze, 10 minutos, 15 minutos, já ia com 20 minutos e nada do jogo começar, aí eu chamei, “plantão esportivo”, aí Zelito, “vai plantão”, eu disse, Zelito, o jogo só vai começar quando a novela terminar, e a novela ainda não terminou não, Zelito, aí ele disse, “eita, o plantão hoje está com a molesta, está dando até a novela”, quer dizer, Zelito além de ser uma pessoa muito espirituosa era gente boa demais, era bom demais [risos].<sup>121</sup>

Romildo Nascimento, que também já fora citado neste trabalho, fez questão de comentar no ar, como Joselito Lucena tinha um cuidado com seus escritos, no episódio já narrado em outro capítulo, quando da viagem até o Mato Grosso, onde estavam o próprio Romildo

---

<sup>120</sup> Luciano dos Santos Pereira, entrevista concedida ao autor em 26/12/2018.

<sup>121</sup> Luciano dos Santos Pereira, entrevista concedida ao autor em 26/12/2018.

Nascimento e o Zelito Lucena, Romildo observou algo que nos chamou a atenção,

Zelito andava com uma agenda, e nós passamos por um episódio, nós fomos ao Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, não me lembro bem exatamente o ano, e eu tive talvez o maior susto na minha vida, eu não gosto de voar, se for para voar amanhã eu vou, mas eu não gosto, mas o susto foi realmente muito grande, não foi turbulência, depois a gente foi jantar com um irmão de um piloto comercial e ele disse, “eu não sei na verdade o que aconteceu”, mas ele deu um relato que a gente acredita piamente que foi o fato em tela. Amigo, o avião ele desceu, ele perdeu altura, e foram muitos metros no vácuo, e foi muito, mas foi muito, ele não balançou, ele desceu, sabe? E a aeromoça caiu, e ela pediu socorro, então o nosso pânico foi esse, a aeromoça é preparada, então quando ela pediu socorro o resto acabou [risos], se a aeromoça está nessa situação... Zelito vinha tomando caracu/Xingu, nessa viagem só íamos nós dois, eu e Zelito por emissoras diferentes, Zelito já estava na Caturité e eu na Borborema. Zelito estava tomando caracu/Xingu, que era uma cerveja escura, essa cerveja ela voou, ela foi para o teto, mas o detalhe que eu queria chegar é exatamente que em meio aquele susto Zelito não abriu mão da agenda, e ele escrevendo e eu dizendo, Zelito o que é isso? Como é que tu tens coragem de fazer isso? Aí ele disse, “não, porque se caso o avião cair e tal, ainda que queime tudo se restar a agenda alguém um dia vai pegar e vai ver como realmente tudo aconteceu”.<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> Áudio retirado do Programa Atualizando, apresentado pelo radialista Cléber Oliveira e exibido no dia 7 de novembro de 2019. Diversas crônicas tiveram origem ainda nas agendas/diários que Joselito Lucena carregava consigo em seu dia a dia, como destacou seu contemporâneo, Romildo Nascimento. Vale lembrar que ao citarmos como crônica, as citações dentro deste trabalho, que soe também como a consulta dessas agendas/diários que Joselito utilizava corriqueiramente para rascunhar algo que depois quisesse escrever com mais profundidade e calma em frente a sua máquina de datilografia, pois era sua companheira fiel. Outro registro é que nas agendas encontramos sempre escritos a próprio punho, já nas crônicas e comentários escritos para falar ao ar na rádio, ou mesmo os escritos sensíveis que Joselito Lucena guardou e escreveu sobre si, em sua maioria estão datilografados por ele mesmo, todos os escritos com dias, meses e anos no início ou no final. Foi comum encontrar dicas do próprio titular indicando que aquela escrita datilografada poderia ser facilmente conferida em determinada agenda, nos inquietando até mesmo no cruzamento de tais fontes.

Como percebemos na fala do Romildo Nascimento, era perceptível o cuidado que Zelito Lucena tinha com seus escritos, quando não podia escrever de maneira mais formal ou datilografada, rabiscava sua agenda e depois fazia uso da lembrança para assim detalhar os acontecimentos do seu dia a dia. Agendas essas que nos serviram a todo momento para cruzarmos as fontes e verificarmos que existia essa preocupação em manter os fatos registrados de forma que ele não esquecesse e depois pudesse narrar de forma mais tranquila e assim guardar as suas lembranças. Mas em entrevista, Romildo nos falou um pouco mais sobre seu convívio com Zelito Lucena e sobre seu contato pessoal e profissional com o *mestre*, vejamos:

Uma das maiores alegrias que eu tive na minha vida, uma das maiores realizações que eu tive na minha vida profissional, foi o fato de Deus ter me dado esse privilégio, de estar de repente ao lado de um dos meus grandes ídolos da imprensa esportiva da Paraíba, porque qual foi a criança, o adolescente, o jovem de Campina Grande que não cresceu ouvindo Zelito? Quer seja torcendo para o Treze, quer seja torcendo para o Campinense, eu tive esse privilégio de ouvir as narrações de Zelito, era como se a gente estivesse no Estádio, descrevendo as cores do Treze, do Campinense, camisas alvinegras ou camisas rubro-negras, listradas assim, calção, meiões, “ataca pelo lado direito às cabines de imprensa, fulano dominou pelo lado direito, no campo ofensivo do Treze, ou do Campinense”, quer dizer, você vai se situando. E você sair dessa posição de fã para de repente estar ao lado, e ouvir de Zelito assim, “vai na bola, Romildo!”, por exemplo, eu fiz pista para Zelito [repórter de pista], já no finalzinho da trajetória dele na Borborema [Rádio], e também na Caturité [Rádio], durante algum tempo, então foi um privilégio muito grande, tinha hora que você dizia, “sou eu mesmo ao lado aqui de Zelito, a gente trabalhando na mesma equipe, viajando?”, então isso não tem preço, é uma coisa que eu carrego comigo até hoje, é o mestre sim, minha referência, eu acredito que de tantos outros colegas narradores que vieram depois de Zelito, evidentemente que cada um segue a sua linha, nós únicos, Zelito é insubstituível sem dúvida alguma, não há nem como comparar, sabe? Mas aí você tem aquela referência, as narrações dos que vieram depois de Zelito, você percebe, você ver traços de Zelito

em quase todos, e eu não faço nenhuma cerimônia em dizer isso, muito pelo contrário, para mim é muita honra em ter muita coisa na minha narração que veio de Zelito, então, saudade e o legado que ficou, para mim, para outros colegas, para a imprensa esportiva de Campina Grande e da Paraíba, o futebol de Campina Grande, da Paraíba agradece, tem que agradecer muito a Joselito Pereira de Lucena, esse baiano de Jacobina. E ter sido amigo de Zelito também, me chamar de grandão, o grandão, o grandão, isso me marcou muito, muito legal mesmo. Quando a gente saía daqui de Campina Grande para transmitir em outros centros, sobretudo uma viagem mais longa, Rio de Janeiro, São Paulo, aí era que você via a essência de Zelito, porque aqui era muito aquela coisa de trabalho, o estresse, Zelito era muito rigoroso e exigia muito, no que fazia muito bem, mas fora aí vinha a descontração, o momento da cerveja, do Chopp, claro, após o trabalho, e naqueles instantes a gente via o lado de Zelito, o lado amigo, o lado extra trabalho, e era ali onde aumentava o meu apreço por Zelito, a gente tomou uns bons chopes Brasil a fora. [...] Saudade de Zelito, agradeço por tudo, ensinou muito a mim e a tanta gente.<sup>123</sup>

Outro jovem radialista, locutor esportivo de Campina Grande, o Mosaniel dos Santos Cavalcanti, quando soube desta pesquisa nos procurou e nos falou de sua vontade em relatar um pouco de seu convívio com Joselito Lucena, apesar de não ter trabalhado diretamente com Joselito, ele nos contou que desde muito jovem ouvia as narrações de Zelito Lucena e o acompanhava nas programações radiofônicas de Campina Grande, chegando a um dia ter vontade de conhece-lo pessoalmente, e foi o que o fez, vejamos o relato que o Mosaniel nos concedeu sobre:

Zelito representou para a gente um símbolo da radiofonia paraibana. Tudo que eu falar vai ser pouco para o tanto que ele representou para a gente. [...] Eu costumo dizer, e eu acho que os outros colegas também tenham essa referência dele porque Luiz Gonzaga está para o baião, Pelé está para o futebol assim como Joselito estava para a narração esportiva, ele nasceu para fazer

---

<sup>123</sup> Romildo Nascimento, em entrevista concedida ao autor em 7 de novembro de 2019.

narração esportiva e o meu primeiro contato com Joselito foi uma questão de curiosidade, desde pequeno meu pai me levava para os jogos, para o Presidente Vargas [Estádio de futebol], para O Amigão [Estádio de futebol], para o Plínio Lemos [Estádio de futebol], e eu sempre me deparava com os narradores, Joselito, tinham outros, Martin Lutero, isso há uns 20, 25 anos atrás, eu era pequeno, e acompanhava, e o principal era Joselito, era, digamos assim, o imbatível, sem exagero nenhum, e eu olhava para as cabines de imprensa aí tentava identificar no rádio quem é que estava falando, naquela época, eu não sou tão velho assim mas, eu lembro de sempre procurar saber quem eram os narradores, quem era que estava falando no rádio, eu sempre fui um apaixonado por rádio [...] Eu comecei brincando e hoje trabalho como profissional, trabalho em uma Rádio aqui de Campina grande, na Rádio Panorâmica FM, já tive passagem por outras rádios também. O que me chamava a atenção era aquela voz forte, e a gente gostava muito de ouvir Zelito com aquele jeito peculiar de transmissão, que até hoje eu não encontrei ninguém que se aproximasse dele, apesar que tem outros grandes bons, [...] E nessa eu fui criando aquela empatia pelo rádio, aquela aproximação, e eu disse, eu vou conhecer Zelito, aí meu pai disse, “está ficando doido, ele vai te receber?” Eu disse, vai, vai me receber, com certeza, e dessa minha vontade eu acho que outros tiveram também. [...] E eu cheguei na Rádio Caturité, [...] fui bem recebido, eu disse, eu queria falar com Joselito, Zelito como a gente carinhosamente chamava, era Joselito Pereira de Lucena, e a gente costumava chamar de Zelito, [...]. Eu entrei ele estava em uma máquina de datilografia, em uma das salas redigindo alguma coisa, aí eu parei, não queria atrapalhar, aí quando ele deu uma pausa eu me apresentei, aí disse, boa tarde Zelito, tudo bem? Ele disse “pois não”, me recebeu muito bem, fino trato, aí a gente começou a conversar, eu dizendo da minha admiração pelo rádio e pela forma como ele trabalhava, e ele contou muitas histórias que não me vem agora na cabeça, mas ele contou a história da vida dele quase toda, da família, de como surgiu no rádio e foi interessante porque aquilo ali acendeu uma vontade ainda mais de poder participar do rádio esportivo, e aquele primeiro contato com ele foi um incentivo também, repito, foi um incentivo de poder entrar na radiofonia paraibana, e era bom, era gostoso de ouvir Zelito, ele tinha um timbre de voz quase que perfeito, uma dicção muito boa, tem Rostand, que é o filho dele, como os meninos apelidaram, o *filho do mestre*, mestre Joselito Lucena.<sup>124</sup>

---

<sup>124</sup> Mosaniel dos Santos Cavalcanti, entrevista concedida ao autor em 20/07/2018.



Em entrevista Rostand Silva de Lucena fez questão de comentar sobre a homenagem de ser chamado de o filho do *mestre* e nos disse que,

Na realidade para mim é um orgulho, eu recepcionei de forma muito agradável, porque não é uma questão para mim, mas é sempre está lembrando o nome dele, ter ele sempre como a referência, porque você carregar o sobrenome que ele tinha, tem vários pontos positivos e são inúmeros, e graças a Deus é a maioria, abriu muitos caminhos, você sempre é bem recebido, eu sempre digo o seguinte Zelito deixou o que todo e qualquer filho gostaria de ter como herança, se não deixou herança material como muitos deixam, mas deixou uma herança que essa herança ela não é mensurada em valores econômicos, que é o respeito, o carinho, a admiração que o pessoal tinha e tem por ele, quem o conheceu, nada melhor do que para um filho sempre ouvir elogios sobre o seu pai, então ao me tratar de *filho do mestre* tem uma responsabilidade muito grande, porque há uma cobrança natural do pessoal, e é uma cobrança que eu sempre digo o seguinte, tem gente que diz, a mas Zelito era melhor, e era melhor mesmo, eu nunca quis ser melhor ou igual, eu acho que são dois trabalhos completamente diferentes, são épocas diferentes, também já teve gente para dizer assim, “olha rapaz, tu é melhor”, eu digo, não, não sou, quem era melhor era ele, por isso, isso e isso, e eu tenho condições técnicas de dizer porque ele era melhor, até porque ele tinha o diferencial, ele realmente tinha diferencial, quem tem diferencial, a técnica todo mundo pode pegar mas o algo a mais são raros os que pegam, os que tem dom para isso, e ele era uma peça raríssima, um diamante que foi lapidado através do tempo, através da sua própria arte, pegou momentos difíceis de você fazer rádio, a tecnologia não era tamanha como a gente tem hoje e ali era no gogó mesmo, ali ou você tinha gogó ou então estava fora, e ele tinha um gogó privilegiado por isso que até hoje o nome dele é marcado no rádio esportivo de Campina Grande e eu tenho plena convicção, trabalho para isso, e tenho plena convicção que o nome dele ainda vai ser marcado por várias e várias gerações. Falou no futebol de Campina, falou no rádio esportivo de Campina Grande, você tem que falar em Joselito Lucena.<sup>125</sup>

---

<sup>125</sup> Rostand Silva de Lucena, entrevista concedida ao autor em 18/04/2019.

Como percebemos, dentro da nossa pesquisa com os que conviveram com Joselito Lucena no início das primeiras gerações de radialistas esportivos como foi o caso do Josusmá Viana, Francisco Assis do Nascimento, o Olé, passando pelas gerações dos radialistas que surgiram na década de 1970, como foi o caso do Adalberto Alves, desembocando nas gerações de 1980, como o Rostand Silva de Lucena, Romildo Nascimento, Chico Alemão, Luciano Santos, Vieira Júnior e tantos outros, pois repito, esses foram os que conseguimos entrevistar. A reunião dessas gerações, a saber, a que surgiu na década de 1950 e as seguintes de 1970/80... sobre o reconhecimento e a evocação desse lugar de destaque, percebemos que há um conjunto de representações que associam Joselito Lucena a várias gerações de profissionais que surgiram no rádio campinense nesse período, o que reforça a impressão de que a sua atuação profissional ecoou entre esses profissionais.

#### **4.3 E há então o surgimento dos lugares de memória, das representações criadas sobre o mestre. (Joselito Lucena sendo posto em simbólicos depositários das memórias).**

No dia de seu falecimento, muitos meios de comunicação noticiaram a morte de Joselito Pereira de Lucena, blogs, jornais, revistas, rádios locais e de outras cidades e Estados, informaram seus ouvintes e leitores do falecimento do cronista esportivo. Políticos da cidade de Campina Grande começaram então a fazer alguns ofícios com votos de pesar que se estenderam pelos meses que seguiram. Na revista impressa *Agora Esportes*, logo na capa, noticiava uma homenagem a Joselito Lucena, e a matéria que ficou a cargo do cronista Edgley Fernando Cavalcanti, que escreveu:

A voz do futebol. No decorrer da vida nos deparamos com fatos e situações que de alguma forma marcam e mais a frente, ao rebuscarmos na memória voltamos a nos deleitar com lembranças, que geralmente chamamos de nostálgicas, saudades,

enfim. Trarei aqui, uma fração da atividade de alguém que através do esporte bretão, marcou não apenas a radiofonia campinense, mas especialmente os corações daqueles que ouviam sua voz, uma voz que ficará como sendo a voz do futebol. Os aparelhos de TV eram escassos, e as transmissões esportivas, a maioria nos chegava via o velho rádio de guerra. E foi através dele que certo homem marcou para sempre as narrações esportivas que envolviam as agremiações do meu querido torrão. Destaco aqui a participação de alguém que de tanto amor exportado para o que fazia, ultrapassou as barreiras virtuais da radiofonia transmitindo além da voz, emoção para quem ouvia. De nome simples que quando chamado acabou ficando para sempre marcado pela forma resumida: Joselito Lucena, melhor dizendo: Zelito Lucena. Dizer que seria como está na beira do gramado talvez soe como exagero ou fantasioso, mas, a bem da verdade, era mais que isso. Zelito dava uma entonação diferente, usava de um artifício visto em poucos para descrever através do microfone os lances que surgiam dentro das quatro linhas. “É falta perigosa próxima a área rubro-negra. O balão de couro está posicionado a cinco jardas da risca da grande área. O árbitro faz a contagem dos passos... A barreira humana é formada por cinco jogadores. Expectativa na defesa rubro-negra. O goleiro Veludo olha mais uma vez, orienta os homens de defesa... afasta-se para o meio do gol... correu, baaaateu... Liiinha de fundo! ”. A cadência produzida sequenciando o quadro de perigo era algo intraduzível. Literalmente sua descrição nos colocava dentro do lance. [...] Zelito era simplesmente FENOMENAL! “Prepara-se para repor o balão de couro em campo o goleiro da equipe trezeana, Beto. Olha para o centro de campo... com o braço direito arremessa a pelota pelo alto... a bola viaja, az uma curva começa a cair... atenção!... o meio campista da Raposa recolhe o balão no ar, amacia no peito... parte com ela pelo lado esquerdo do campo, olha em direção ao gol, é perigo... Beto está adiantado, Dão observa, dispara em direção a meta trezeana... o balão vai descaindo... Goll!!! Gooooooooooooool!! Golaço, Dãããã! Caaaaaaaamisa número 10 no costado, quando eram decorridos trinta e cinco minutos da etapa complementar. Dão, um gol para ficar na história do rubro-negro”. No início dos anos setenta aconteceu um torneio no Estado da Bahia envolvendo as seleções de alguns países, uma espécie de mini copa, e neste evento o grande Joselito Lucena recebeu o título de melhor narrador esportivo da competição. Conquistas com estas e tantas outras que aconteceram nos palcos esportivos de Campina Grande e cidades afora, mostram que “o bom baiano”, escreveu dentro do

rádio uma história como poucos. A saudade ficará, perdurará por dias afins, mas, jamais esqueceremos o grande locutor que foi você, Zelito Lucena.<sup>126</sup>

É possível perceber nas matérias ou escritos que surgiram após o falecimento do narrador Joselito Lucena, o quanto a sua representação se tornou cada vez mais forte, de *um grande profissional*, de *um profissional sem igual*, de, *o dono de uma voz inconfundível*, e de *o mestre*. De certo, as representações que se avolumaram após a sua morte colaboraram para edificação da sua memória, criando sobre ele uma série de lugares de memória. Pois como destacou o historiador Pierre Nora (1993), não existe uma naturalização na edificação dos lugares de memória, eles são erigidos, articulados de maneira intencional, representam, significam as várias falas, e também seus possíveis silenciamentos,

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou.<sup>127</sup>

Em 2012, um ano após o seu falecimento a Editora Insular lançou a *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*, sob o comando das

---

<sup>126</sup> Revista Agora Esportes Guia 2011. Optamos por descrever a reportagem da mesma forma que está escrita na revista.

<sup>127</sup> NORA, 1993, p.21-22. Ver NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

organizadoras Nair Prata e Maria Cláudia Santos, a proposta da enciclopédia é,

Uma investigação inédita do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, abrange todo o território nacional e traça a trajetória de 231 profissionais que construíram e ainda constroem a história da radiofonia esportiva do nosso país. Grupos de pesquisadores de todos os estados brasileiros – ao todo 121 pessoas – se dedicaram à tarefa de traçar um rico panorama de biografias de radialistas com representação real para a sua região de origem e, certamente, para o Brasil como um todo. Assim, percorrendo a nação de norte a sul, esta *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro* traz histórias de vida que traçam um cenário dos desafios enfrentados, das grandes coberturas, da criação de bordões, das vitórias e derrotas que já fazem parte da memória nacional, unindo os amantes do esporte por meio das transmissões radiofônicas.<sup>128</sup>

Dentro da ótica dos pesquisadores da obra *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*, Joselito Lucena foi um dos 231 “radialistas com representação real para a sua região de origem e, certamente, para o Brasil como um todo”. Mas ainda em 2011, a então deputada Daniella Ribeiro redigiu uma ementa ao presidente da Casa, que dizia:

Senhor Presidente, requeiro, na forma regimental e após ouvido o Plenário, que seja Formulado Voto de Pesar, pelo falecimento do Senhor Joselito Lucena, Radialista Esportivo da Caturité FM de Campina Grande/PB. Justificativa. Com a irreparável perda do Sr. Joselito Lucena, requeremos por parte desta Casa, a aprovação de moção de profundo pesar aos familiares, amigos e integrantes da Rádio Caturité, que prestou relevantes serviços à Campina Grande e à Paraíba. Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, 08 de fevereiro de 2011.<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> PRATA, Nair. *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*. V.1. Nair Prata, Maria Cláudia Santos (org.) – Florianópolis: Insular, 2012 – 360p. : il.

<sup>129</sup> REQUERIMENTO N° 74/2011 – Autor: Daniella Ribeiro – recebido no expediente do dia 15 de fevereiro de 2011. A deputada teve então seu requerimento aprovado, que dizia; “João Pessoa, 16 de fevereiro de 2011. Senhor Diretor: Participo a Vossa Senhoria que esta Casa aprovou o Requerimento n° 074/2011, de autoria da Deputada DANIELLA RIBEIRO,

O então vereador Metuselá Agra, também fez o pedido, dessa vez a nível municipal, o que de acordo com NORA, (1993, p.21-22) figuram justamente como lugares de memória que começam a ser erigidos, como diversas outras notas de pesar ou manifestações de evocação à memória de Joselito Lucena que encontramos durante a pesquisa. O ofício em questão dizia:

Prezados senhor, consternados, nos dirigimos a V.Sas., a fim de comunicar-lhes que esta Câmara, atendendo ao Requerimento nº 027/2011, de autoria do Vereador METUSELÁ AGRA, subscrito pelos Edis, Laelson Patrício, Olímpio Oliveira, João Dantas, Tovar Correia Lima, Antonio Pereira Barbosa e Antônio Alves Pimentel Filho, aprovado por unanimidade, fez constar na Ata de nossos trabalhos legislativos, um Voto de Profundo Pesar pelo falecimento do Radialista Esportivo, JOSELITO PEREIRA DE LUCENA, ocorrido no dia 04 de fevereiro do corrente ano. Lamentamos profundamente a irreparável perda, ao mesmo tempo em que apresentamos a toda a família enlutada, nossas sinceras condolências. NELSON GOMES FILHO, Presidente, TOVAR CORREIA LIMA, 1º Secretário.<sup>130</sup>

Jornais, a exemplo do *Diário da Borborema*, que publicou em sua página de esportes a matéria intitulada *Obrigado, narrador! Que diz o seguinte*:

A radiodifusão brasileira, sim, a brasileira, para os mais incrédulos a este comentário, perdeu um dos seus grandes locutores esportivos, o paraibano, como ele às vezes se referia, Joselito Lucena. Uma voz que embalou gerações de torcedores e se tornou marca registrada dos grandes clássicos do futebol

---

propondo que seja consignado na Ata dos nossos trabalhos, Voto de Profundo Pesar pelo falecimento do Sr. Joselito Lucena. Receba, pois as condolências deste Poder pelo infausto acontecido, extensivo aos demais funcionários. Respeitosamente, ARNALDO MONTEIRO 2º Secretário? - Ofício nº 074/2011 – DCO J.A. Estado da Paraíba Assembleia Legislativa - Casa de Eptácio Pessoa.

<sup>130</sup> Em 16 de março de 2011 - Ofício nº 297 – DRE – AGS. Estado da Paraíba – Câmara Municipal de Campina Grande (Casa Félix Araújo).

paraibano. Zelito, que passou pelos áureos tempos da Rádio Borborema, hoje Rádio Clube, nunca escondeu o seu lado rubro-negro. Mesmo assim, sabia da importância da imparcialidade durante suas locuções esportivas, cativando também o respeito dos trezeanos. Sua maneira de narrar se tornara inconfundível e fez escola para muitos que surgiram posteriormente na locução da Paraíba. Deixando um legado sonoro de quem ajudou a transformar o clássico Campinense x Treze numa partida mais empolgante ainda, Zelito tinha um sonho que era o mesmo dos milhares que o ouviam: festejar um clube paraibano abraçando um título de importância nacional. Por vezes sua emoção bateu na trave, nos ‘quases’ que ficaram no caminho. Mesmo assim, não perdia a fé de testemunhar nosso futebol reconhecido pelos seus méritos dentro das quatro linhas. Seu silêncio fecha um ciclo na radiofonia esportiva nordestina e abre uma lacuna que demorará bastante a ser fechada na locução paraibana. Agradecemos em nome de todas as gerações que vibraram ao som de sua voz. Obrigado, Zelito! O *Dono da Bola* [coluna esportiva dentro do *Diário da Borborema*], não poderia deixar de abraçar os familiares e reconhecer a formidável contribuição de Zelito para a história do nosso futebol. Quando chegou para comandar a equipe esportiva do DB [Diário da Borborema], em 1963, ao lado de Amauri Capiba, Zelito se firmava como um ícone da imprensa do Brasil. E assim sempre será!<sup>131</sup>

NORA (1993, p.7) nos sinaliza a necessidade dessa criação desses *lugares*, pois tais lugares de memória “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Eventos futebolísticos também elencaram seus lugares de memória para Zelito Lucena, na decisão da 1º fase, o Campinense recebeu o troféu Joselito Lucena, que foi uma premiação sugerida pelo então supervisor do Campinense, o Dorgival Pereira. Na página do Globo Esporte, na internet, a matéria ainda comentou que,

---

<sup>131</sup> Jornal Diário da Borborema, 5 de fevereiro de 2011 – sábado.

[...] A Federação Paraibana de Futebol (FPF), atendendo sugestão do supervisor do clube [Campinense], Dorgival Pereira, decidiu homenagear o narrador esportivo Joselito Pereira de Lucena, que morreu no ano passado, e vai entregar ao Campinense um troféu que leva o nome do narrador. O troféu será uma espécie de prêmio pela conquista da primeira fase da competição. Joselito Lucena comandava a equipe esportiva da Rádio Caturité de Campina Grande. [...] - foi uma sugestão do supervisor Dorgival Pereira, do Campinense, em homenagear aquele que foi um dos melhores narradores esportivos do Nordeste, Joselito Lucena, e nós acatamos – disse a presidente da entidade, Rosilene Gomes [na época Rosilene Gomes era a presidente da Federação paraibana de Futebol].<sup>132</sup>

A equipe esportiva da Rádio Caturité também tratou de criar seu lugar de memória, quando por decisão dos próprios companheiros de toda a equipe esportiva, agora já sem o seu diretor, Joselito Lucena, resolveram batizar a equipe esportiva da Rádio Caturité de Equipe Joselito Lucena, fato curioso é que a sala que Zelito ocupou no prédio onde fica a Rádio Caturité, hoje funciona como a sala de esportes<sup>133</sup>.

O Estádio Renato Cunha Lima, *O Renatão*, a *Toca da Raposa* – Estádio do Campinense Clube – tem sua sala de imprensa chamada de Sala de Imprensa Joselito Pereira de Lucena. No Estádio Presidente Vargas, *o PV*, o *Terreiro do Galo* – Estádio do Treze Futebol Clube - também não foi diferente, a cabine de número 4 recebeu o nome de Joselito Lucena, assim como as demais cabines também homenageiam os também ilustres e saudosos radialistas Humberto de Campos, Joacir Oliveira, Tobias Di Pace, Edmilson Antônio e Edvaldo Gouveia, totalizando 6 cabines.<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> Globo Esporte – Paraíba. 27/04/2012  
<http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2012/04/por-ter-ganho-1-fase-campinense-vai-receber-o-trofeu-joselito-lucena.html>

<sup>133</sup> A rádio Caturité se localiza na cidade de Campina Grande no endereço da Rua: Pres. João Pessoa, 313 – Centro.

<sup>134</sup> O Estádio Renato Cunha Lima se localiza na cidade de Campina Grande no endereço da Rua: Rodrigues Alves, 1301 – Universitário. O Estádio Presidente Vargas se localiza na cidade de Campina Grande no endereço da Rua: Zacarias de Souza do O - São José.



Nos exemplos acima, é possível perceber a interação dos fatores de vontade de memória e do jogo entre a memória e a história, como destaca Pierre Nora,

O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória. Se o princípio dessa prioridade fosse abandonado, rapidamente derivar-se-ia de uma definição estreita, a mais rica em potencialidades, para uma definição possível, mais maleável, susceptível de admitir na categoria todo objeto digno de uma lembrança.<sup>135</sup>

O Museu Virtual do Esporte de Campina Grande - assim como diversos outros blogs e plataformas virtuais - prestou sua homenagem e teceu suas palavras sobre o cronista Joselito Lucena. Mais uma vez é possível perceber os jogos de representações que são agenciadas pela mídia a respeito do radialista em questão. A publicação a seguir, como dito, feita pelo Museu Virtual, foi redigida e veiculada no primeiro aniversário de morte de Joselito, vejamos:

Joselito Lucena foi um dos mais queridos cronistas esportivos de Campina Grande e da Paraíba [...] suas opiniões verdadeiras e suas reportagens objetivas eram a sua marca. A torcida acreditava no “bom baiano”, gostava de conversar e dar explicações sobre futebol. A voz inconfundível e a forma emocionante como narrava os jogos deixa saudades. Sempre será lembrado com admiração, respeito e por sua alegria contagiante. Joselito Lucena faleceu, mas a saudade que é um sentimento que não cabe no coração, escorre pelos olhos. Dizem que a saudade se chama memória. Assim, Joselito estará para sempre nos arquivos do Museu dos Esportes de nossa cidade. Agora Joselito Lucena está narrando lá no céu. Fica em paz e tenha a certeza de que todos estão sentindo muitas saudades.<sup>136</sup>

---

<sup>135</sup> NORA, 1993, p.16. Ver NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

<sup>136</sup> Reportagem de Jobedis Magno de Brito Neves, publicado no Museu Virtual do Esporte de Campina Grande em 4 de fevereiro de 2012 -

Ainda em 2012, a então deputada Eva Gouveia, solicita ao governo do Estado - na época o governador em exercício era o senhor Ricardo Coutinho - que o nome do estacionamento de delegações e imprensa do Estádio *O Amigão*, receba o nome do cronista Joselito Lucena, a lei publicada em *Diário Oficial* dizia o seguinte:

Denomina de Joselito Pereira de Lucena, o Estacionamento de Imprensa, Delegações e Diretores do Estádio “O Amigão”, localizado no Município de Campina Grande, neste Estado. O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA: Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º Fica denominado de Joselito Pereira de Lucena, o Estacionamento de Imprensa, Delegações e Diretores do Estádio “O Amigão”, localizado no Município de Campina Grande, neste Estado. Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.<sup>137</sup>

Em 2015, a Prefeitura Municipal de Campina Grande, inaugurava o Ginásio Poliesportivo Radialista Joselito Lucena, mais um *lugar de memória*, que foi inaugurado mais precisamente no dia 11 de março do ano citado. Localizado no bairro do Presidente Médici, em Campina Grande, o ginásio se mantém desde então, sendo palco de diversos eventos esportivos. A praça de esportes é uma das expressões encontradas pelo poder público, nesse caso a Prefeitura Municipal de Campina Grande, na pessoa do então prefeito, Romero Rodrigues, para cristalizar e perpetuar a memória do radialista na respectiva cidade. Sobre o ginásio, Chico Alemão nos falou em entrevista, que,

---

<http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com/2012/02/memorias-esportivas-joselito-lucena.html> - é possível verificar em outros sites, reportagens sobre o primeiro aniversário de morte do cronista, <http://soesporte.com.br/um-ano-sem-joselito-lucena-e-ivan-thomas/>

<sup>137</sup> Diário Oficial Nº 15.125 João Pessoa - Sábado, 29 de dezembro de 2012 - Lei nº 9.941, de 27 de dezembro de 2012 autoria: deputada Eva Gouveia – Palácio do Governo do Estado da Paraíba, em João Pessoa, 27 de dezembro de 2012; 124ª da Proclamação da República.

[...]. É por isso que Zelito tem ginásio de esporte. E estádio de futebol se hoje viesse a ser construído na paraíba, eu não tenho dúvida que o nome de Zelito seria viável a ser posto em qualquer que fosse a praça de esporte, por maior que fosse a praça de esporte, e fosse criada na Paraíba, com a escola e com o legado que ele deixou na radiodifusão paraibana, com o que ele construiu principalmente em Campina Grande, eu tenho plena certeza que o estádio seria no nome de Zelito Lucena.<sup>138</sup>

Em 2016, a Câmara Municipal de Campina Grande inaugurou diversos projetos de lei, e “entre as matérias aprovadas de autoria dos vereadores destacam-se para homenagens como por exemplo denominando a nova TV da Câmara de Antonio Pimentel e Rádio Câmara radialista Joselito Lucena, ambos in memória”.<sup>139</sup> Pierre Nora (1993, p. 27) arremata que os lugares de memória são duplos, “um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>138</sup> Francisco de Assis Lopes da Costa, entrevista concedida ao autor em 12 de julho de 2018.

<sup>139</sup> Câmara Municipal de Campina Grande, 18 de março de 2016. <https://www.camaracg.pb.gov.br/camara-aprovou-projetos-de-lei-dos-vereadores-e-reajuste-para-o-magisterio-municipal/>

E como qualquer ótimo clássico, os 90 minutos se acabam e permanecem somente as lembranças da partida, que mesmo após os acréscimos finais do espetáculo, as torcidas ainda gritam os nomes dos que atuaram no jogo. Uma partida hora com momentos de velocidade e pujança dos jogadores, belas jogadas, gols, fortes ataques e contra-ataques, hora uma partida morna sem muito destaque, com algumas faltas até para cartão, mas sempre o respeito pelos times que carregam o título de jogo clássico, afinal, como dizem no mundo da bola, clássico é clássico.

Foi dentro dessa grande partida que foi a vida de Joselito Lucena, que pudemos perceber como as relações entre esses “jogadores” que permearam o espetáculo da bola rolando, fizeram com que Joselito Lucena se tornasse – e visse e versa - um nome relevante para o radiojornalismo campinense, principalmente o jornalismo esportivo, pois foi nessa esfera que ele dedicou parte considerável de sua vida profissional, atuando por mais de 50 anos somente na crônica esportiva. Essas *redes de relações diversificadas* foram enormemente mostradas através da pesquisa.

Não tínhamos a dimensão da relevância de Joselito Lucena, até então simplesmente o "vovô do bigodão" como carinhosamente o chamávamos quando criança, mas essa pesquisa nos fez vislumbrar não somente o profissional, ou o detentor de um arquivo interessante a ser explorado, ou até mesmo o “mestre” do rádio para muitos, mas acima de tudo, nos fez perceber o quanto existem histórias para serem contadas, o quanto a história sobretudo local, carece de narradores. Zelito Lucena não é o único nome que ainda não possuía uma narrativa sobre sua trajetória, quantos incontáveis personagens figuram ou figuraram em nossa cidade e se quer os conhecemos.

Ao longo da pesquisa pudemos confrontar nossa memória pessoal da infância com os registros de memória que narram a trajetória de Joselito Lucena, ali foi possível perceber a configuração de outro personagem, já não era mais apenas o nosso avô que falava, nem a nossa

memória a única que havia registrado a sua passagem pelo tempo, ou seja, era Joselito Lucena, o sujeito, o radialista, que nos termos de Paul Ricoeur nos foi possível saudar assim uma dívida para com a sua memória, segundo Ricoeur (2000, p. 108) “A ideia de dívida é inseparável da de herança. Todos somos devedores de quem nos precedeu por uma parte do que somos”.

Muitos se referem a Joselito Lucena como “a voz mais espetacular do rádio paraibano”<sup>140</sup>, ou como “a voz do futebol”<sup>141</sup> e a partir dessas primeiras questões foi que pudemos pensar o objeto como sendo um personagem relevante para o rádio em Campina Grande e de fato pudemos constatar ao longo da pesquisa, que Joselito Lucena ocupou lugar de destaque dentro da crônica esportiva paraibana, e um dos pontos observados foi justamente o de que ele trabalhou unicamente no rádio, e por um período de tempo relativamente longo, período esse não visto normalmente – até então - pelos profissionais do rádio de Campina Grande.

A pesquisa serviu também para abrir mais discussões sobre o contexto do radiojornalismo esportivo, pois a todo momento os profissionais da crônica esportiva que participaram da pesquisa nos cedendo entrevistas, reivindicavam esse acerto de contas para com as suas histórias, nos apontando a necessidade de um material historiográfico que recuperasse tanto personagens como Joselito Lucena quanto tantos outros que apareceram ao longo da pesquisa, personagens esses que na ótica dos militantes do rádio campinense, fizeram e fazem a grandeza da crônica esportiva paraibana.

Obviamente que tivemos nossas dificuldades, justamente pela falta de literatura na área da historiografia a respeito do radiojornalismo esportivo, mas em contra partida pudemos deixar uma relevante contribuição para a área em questão, mostrando que não esgotamos a

---

<sup>140</sup> Ver FREITAS, Goretti, Memórias da Radiofonia Campinense: As Vozes do Jornalismo Esportivo, 2018.

<sup>141</sup> Ver *Revista Agora Esportes* – ano 2011.

temática, de maneira alguma, pois outra dificuldade foi tentar dar conta de uma trajetória de vida, pois para além da trajetória profissional de Joselito Lucena, que foi possível perceber que ultrapassou os 60 anos, essa trajetória profissional se confundiu com a pessoal a todo momento, nos limitando a recortes específicos e por vezes difíceis de serem feitos diante do recorte proposto.

As possibilidades de novos estudos dentro, tanto da temática das biografias históricas quanto do radiojornalismo esportivo são incontáveis, como dito, existem diversos personagens relevantes dentro do radiojornalismo campinense, não somente no esportivo, e é nossa pretensão futura avançar com as pesquisas tanto sobre o nosso objeto quanto sobre a sua área de atuação, o rádio. A pesquisa também nos lançou novas perguntas, novos questionamentos a respeito de pontos que foram vagarosamente aparecendo dentro do texto, e com isso nos lançando novas pretensões.

Um dos pontos de maior intensidade dentro da pesquisa eram justamente os do convívio com os arquivos pessoais de Joselito Lucena, horas a fio dentro de seu quarto em meio aos seus incontáveis documentos. Com os contemporâneos, que por vezes se emocionavam em suas entrevistas, cedidas muitas vezes no seio do seu lar, ou na correria do seu trabalho, mas sempre com muita vontade em contribuir para a pesquisa, nos causando também forte emoção em poder de certa forma contribuir para com o revisitar de suas lembranças.

Presenciamos bastante choro, mas também muitas risadas e histórias engraçadas e peculiares que de algum modo não puderam ser descritas de maneira integral, mas que é nossa pretensão publicar algo nesse sentido, narrando os momentos mais variados possíveis dessas relações que viveram Joselito Lucena e seus diversos companheiros espalhados por todo Brasil e pelo mundo. Aos que se foram, a dívida vai sendo amortecida, sendo saldada, aos que estão entre nós, fica a homenagem e a certeza de que outros aparecerão e contarão mais histórias como essas que foram contadas.

É um texto que se fecha, para logo ser reaberto em outra aventura de pesquisa, pois como afirma Michel de Certeau (2002, p. 13), “caminhar e/ou escrever, é um trabalho sem trégua, pela força do desejo, sob as esporas de uma curiosidade ardente que nada poderia deter”. Pensamos um personagem que transitou entre os registros de uma memória individual e as marcas das relações de interdependência, com isso é possível dizer, *amigo velho*, até logo, *até mais tarde*.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** / Verena Alberti. – 3. Ed. ver. Atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 384p.

AMÉRICO II, José. **Uma vitória dentro de uma derrota que eu não tive. Esta derrota foi a vitória do meu livro.** Grafset – Campina Grande – PB. S/D.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005.

BARBEIRO, H; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo.** São Paulo: Contexto, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O campo histórico – considerações sobre as especialidades na historiografia contemporânea.** História Unisinos 9 (3):230-242, setembro/Dezembro 2005.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre, 1930 – **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**/Pierre Bourdieu; Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papiрус, 1996. 11º edição, 5º reimpressão 2016.

BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.191p.



CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger 1945 – **A história ou a leitura do tempo** / Roger Chartier; [tradução de Cristina Antunes], 2. Ed.;3. Reimp. – Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2017. (Ensaio geral).

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. De Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991.

DE ASSIS, Ailton Alexandre, Cap I, O lampião – ou à luz das teorias de memória e arquivos. In. **Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco – memória e autobiografia**. São João del-Rei, Minas Gerais, UFSJ, 2009.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

FREITAS, Goretti Maria. **Memórias da Radiofonia Campinense: As Vozes do Jornalismo Esportivo**. – Campina Grande, 2018. 15p.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. In SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande**. Campina Grande: EDUFPG/EDUEP, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, pp. 121-127.

GOMES, Iordan Queiroz, Cap. II, Tempos de configuração da vida material. In. **A Família Pessoa, o prestígio e a tradição: encenações e práticas oligárquicas na Paraíba (1889-1942)**.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MARQUES, Giovanna Lopes. **Quem nasce em Campina Grande é Campinense: futebol e sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965)**. – João Pessoa: Editora do CCTA, 2018. 177p. : il.

MCKEMMISH, Sue. Evidence of me... Archives and Manuscripts, In: **Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Camberra, v.24, n.1, p.28-45. 1996.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto história: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, dez/1993, pp. 7-28. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf> (acesso em 11 de outubro de 2019).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, 333 p.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 03-15.

PRATA, Nair. **Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. V.1. Nair Prata, Maria Cláudia Santos (org.) – Florianópolis: Insular, 2012 – 360p. : il.

PRIORE, Mary Del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história**. Topoi (Rio de Janeiro) 2009, vol.10, n.19, pp.7-16.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Finitud y culpabilidad** Madrid: Ed. Taurus 1982.

RICOEUR, Paul. **Sí mismo como outro**. Madrid: Siglo Veinteuno Ed.,1996.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3, pp. 7-48.

SOUTO MAIOR, Gilson. **Rádio: história e rádio jornalismo**. João Pessoa: A União, 2015.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa, GUIMARÃES, Flavianny, FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**. – Campina Grande, EDUFPG/EDUEP; 2006. 175p.

STONE, Lawrence. **Prosopografia**. Rev. Sociol. Polit. [online]. 2011, vol.19, n.39, pp.115 137.

## APÊNDICE A – PERGUNTAS UTILIZADAS NA PESQUISA

### Norteamento para entrevistas

- Como foi seu primeiro contato com Joselito Lucena?
- Dentro dessa vivência com Zelito, na sua visão, quando e como começa a se construir o profissional no meio do rádio, que Zelito se tornou?
- Qual a relevância de Joselito Lucena para o rádio, bem como para o futebol campinense?
- Joselito Lucena ultrapassou gerações, foram mais de meio século dedicados ao rádio. O que Zelito expressava de tão peculiar que o colocou como um radialista relevante tanto para o rádio campinense, como para o rádio paraibano?
- Defina a frase utilizada pelo amigo e colega de trabalho, Gilson Souto Maior, na despedida de Zelito. “Joselito Lucena foi sem dúvidas uma escola”.
- Por fim, descreva um momento marcante ao lado ou sobre Zelito Lucena.

### Entrevistas torcedores, Campinense e Treze

- Quando conheceu o trabalho de Joselito Lucena no rádio?
- O que o diferenciava dos demais locutores do período em que ele atuou?
- O que representou Joselito Lucena para o Treze/Campinense?
- O que a perda de Zelito significou para o rádio e o futebol campinense?

## **APÊNDICE B – LISTA DE DEPOENTES**

Adalberto Alves Brasileiro – 18/04/2019.

Eliete Silva de Lucena – 14/04/2019.

Francisco Assis do Nascimento – 16/07/2018.

Francisco de Assis Lopes da Costa - 12/07/2018.

Gilson Souto Maior – 05/01/2019.

José Humberto Lima de Vasconcelos – 14/02/2019.

Josusmá Coelho Viana – 07/01/2019.

Luciano dos Santos Pereira - 26/12/2018.

Luiz Antônio Mineiro da Costa – 26/01/2019.

Mosaniel dos Santos Cavalcanti - 20/07/2018.

Romildo do Nascimento - 07/11/2019.

Rostand Silva de Lucena – 18/04/2019.

Vieira Júnior - 18/07/2019.

## ANEXO 1 – FONTES

CPdoc da Fundação Getúlio Vargas

Diário Oficial N° 15.125 João Pessoa - Sábado, 29 de dezembro de 2012  
- Lei n° 9.941, de 27 de dezembro de 2012 autoria: deputada Eva  
Gouveia – Palácio do Governo do Estado da Paraíba, em João Pessoa,  
27 de dezembro de 2012; 124° da Proclamação da República.

<http://departamentos.uepb.edu.br/decom/sobre-o-curso/>

<http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2012/04/por-ter-ganho-1-fase-campinense-vai-receber-o-trofeu-joselito-lucena.html>

<http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com/2012/02/memorias-esportivas-joselito-lucena.html>

<http://soesporte.com.br/um-ano-sem-joselito-lucena-e-ivan-thomas/>

<http://www.drzem.com.br/2009/08/jessier-quirino-cumpadre-lele-garrinha.html>

<https://paraibaonline.com.br/2018/06/morre-em-campina-grande-ex-narrador-esportivo/>

<https://resumopb.com/noticia/morre-aos-78-anos-o-ex-radialista-ariosto-sales.html>

<https://www.camaracg.pb.gov.br/camara-aprovou-projetos-de-lei-dos-vereadores-e-reajuste-para-o-magisterio-municipal/>

JORNAL *A UNLÃO* – Sexta-feira 12 de dezembro de 1980.

JORNAL *A UNLÃO* – Sexta-feira 12 de dezembro de 1980.

JORNAL *DIÁRIO DA BORBOREMA*, 04 de dezembro de 1980.

JORNAL *DIÁRIO DA BORBOREMA*, 06 e 07 de dezembro de 1980.

JORNAL *DIÁRIO DA BORBOREMA*, 27 de outubro de 1960, p. 05.

JORNAL *DIÁRIO DA BORBOREMA*, 5 de fevereiro de 2011 – sábado.

JORNAL ONLINE *A PALAVRA*.

Programa Ponto a Ponto da TV Itararé - 17 de dezembro de 2007.

REQUERIMENTO N° 74/2011 – Autor: Daniella Ribeiro – recebido no expediente do dia 15 de fevereiro de 2011.

Revista *Agora Esportes* Guia 2011.

Revista *Época*

Revista *Tudo*, especial 13 – 08 de dezembro de 1984.

[www.arquivonacional.gov.br](http://www.arquivonacional.gov.br)